This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

JOSÉ VERISIMO

ESTUDOS DE LITERATURA BRAZILEIRA

LELAND STANFORD JR.
UNIVERSITY
·LIBRARY·

GIFT OF
Dr. J. C. Branner

869.8
V51e

ESTUDOS

DE

LITERATURA BRAZILEIRA

PRIMEIRA SERIE

1895-1898

V51e

ESTUDOS

DE

LITERATURA BRAZILEIRA

PRIMEIRA SERIE

1895-1898

DO AUTOR

ESTUDOS BRAZILEIROS. — 1.ª série : Pará, Tavares, Cardoso & C.ª, 1859. — 2.ª série : Rio de Janeiro, Laemmert & C.ª, 1894, in-8.º. . . . . 2 vol.

A EDUCAÇÃO NACIONAL. — Pará, 1891. . . . 1 vol.

A PESCA NA AMAZONIA. — Rio de Janeiro, Alves & C.ª, 1895. . . . . 1 vol.

SCENAS DA VIDA AMAZONICA, nova edição. — Rio de Janeiro, Laemmert & C.ª. 1899. . . . . 1 vol.

JOSÉ VERISSIMO

DA ACADEMIA BRAZILEIRA

ESTUDOS

DE

LITERATURA

BRAZILEIRA

PRIMEIRA SÉRIE

A REVOLUÇÃO CHILENA E A AMERICA LATINA — O Sr A. AZEVEDO E A QUESTÃO DO CASAMENTO — O POSITIVISMO NO BRAZIL — UM ROMANCE DO Sr AFFONSO CELSO — LITERATURA APRESSADA — O Sr J. NABUCO HISTORIADOR — MARTINS PENNA E AS SUAS COMEDIAS — O Sr JOÃO RIBEIRO E LUIZ GUIMARÃES — ALGUNS LIVROS DE 1895 A 1898.

H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

RIO DE JANEIRO — PARIS

1901

I

A REVOLUÇÃO CHILENA

E A QUESTÃO DA AMERICA LATINA

Joaquim Nabuco, *Balmaceda*, Rio de Janeiro, 1893.

O livro do Sr. Joaquim Nabuco não é apenas mera recensão da obra do Sr. Bañados Espinosa. Nelle se não limitou o autor a resumir os dois ponderosos volumes do apologista de Balmaceda (1), embora essa tarefa fosse já de si ardua e util. Dos raros espiritos que entre nós preoccupam as questões sociaes, profundamente influenciado pela intuição ingleza não só no modo de vel-as e tratal-as, sinão tambem no proprio interesse que ellas lhe despertam, verdadeiramente

(1) *Balmaceda, su Gobierno y la Revolucion de 1891*,

apaixonado pelas ideas geraes da politica, não podia o Sr. Nabuco restringir-se a esse trabalho relativamente secundario. A ultima crise chilena devia forçosamente attrail-o, offerecendo-lhe a occasião de estudal-a nos seus antecedentes e consequentes, na sua significação politica e social para esta parte da America, e ainda nas suas relações, mesmo remotas, com as nossas instituições. Dando entretanto uma prova da superioridade do seu discernimento, o Sr. J. Nabuco evitou, tanto quanto lhe era possivel, a facil vantagem das comparações que lhe não eram precisamente impostas pelos factos ou considerações com que os commentava. E não nos dissera elle, franca e lealmente, o seu monarchismo irreductivel, quasi não veriamos nessas paginas, tão honestamente pensadas, sinão um espirito liberal, estranho aos fetichismos politicos, e a quem o problema humano, especialmente o problema americano e particularmente o problema brazileiro, interessa e preoccupa.

Este é, ao meu ver, o valor deste livro, cuja philosophia, si não é demasiado pretencioso o termo, resumiu o autor no capitulo final sobre a « Questão da America latina. » O Sr. Joaquim Nabuco é seguramente um dos nossos raros pensadores, neste sentido, que é entre os nossos escriptores que tratam as questões politicas e

sociaes com preoccupações literarias, um dos poucos que têm mais que palavras, frases e citações, pensamentos que se sentem proprios, reflexões e observações que são suas, apreciações e conceitos cunhados pela originalidade. Assim este seu livro, embora feito sobre o do Sr. Bañados Espinosa, quasi toma a feição de um livro proprio, cujo valor está menos no que lhe fórma o essencial — o historico da revolução chilena — que no cabedal do autor : a apreciação della e as idéas que essa crise lhe suggere.

I

Chan e lealmente confessa o Sr. Joaquim Nabuco que o seu livro « não é um estudo critico, é propriamente um resumo da obra de Espinosa concluindo todavia pela these contraria » ; que lhe faltava « competencia em assumptos chilenos para repellir ou alterar as premissas historicas e politicas assentadas pelo defensor de Balmaceda ; que as suas conclusões « não são definitivas, e apenas o que, para si, « transparece com a maior evidencia da versão do Sr. Bañados e do proprio Balmaceda e que muitos desses juizos poderiam modificar-se pelo conhecimento directo do Chile, dos seus homens,

do seu estado social »; que chegou « apenas a um juizo provisorio, sujeito a revisão ». Como agrada e consola aos espiritos verdadeiramente livres, ouvir, neste meio de pretenções á infaillibilidade, de dogmatismos e de presumpções de inerrancia, estas palavras de duvida, esta suspeita do proprio julgamento a que tão deshabituados andamos!

Resumindo o livro do Sr. Bañados Espinosa, o Sr. Joaquim Nabuco esboça rapidamente a vida e o passado politico de Balmaceda, procurando mostrar, ao envés da these daquelle autor, que o seu presidencialismo foi antes um expediente de politico que uma convicção de estadista. Não sei si este não será um dos juizos do Sr. Nabuco merecedores de revisão. Parece-me que elle simplifica demais este ser eminentemente complexo que é o homem, no typo de Balmaceda, oppondo ao procedimento e ás palavras ulteriores delle, o seu papel de parlamentar e o seu dythirambo ao Chile e á sua organização politica.

Toda a questão para mim está em conhecer e definir com precisão o que eram no Chile, na occasião do advento de Balmaceda, a olygarchia chilena e o partido liberal do qual era elle um dos chefes mais proeminentes. Isso confessa o Sr. Nabuco que não sabe bastante, e eu não preciso dizer que sei ainda menos. O que,

porém, todos nós mais ou menos sabemos é que o Chile era principalmente governado por uma olygarchia poderosa, esclarecida, culta, liberal talvez, e influente. Isto mesmo reconhece em mais de um lugar o Sr. J. Nabuco, que escreve sobre a olygarchia uma pagina fortemente pensada. « O governo do Chile, diz-nos elle, não era uma democracia que tivesse associado as massas á vida politica do paiz. »

Essa olygarchia, que historicamente representa no Chile o mesmo papel que a monarchia representou no Brazil, o de assentar em bases solidas a nacionalidade e deixal-a unida e consolidada, governou o Chile de 1833 a 1861, apoiada na propria fortuna, no clero e nos sentimentos conservadores das classes que a tudo preferem a ordem e a tranquillidade. Não é admissivel que este longo reinado de uma mesma classe — e não sei si tratando-se do Chile se não pudera dizer uma casta — não trouxesse comsigo abusos e vexações, e conseguintemente descontentamentos que acabassem por fraccionar um corpo menos unido talvez por convicções que por interesses e instinctos communs. E foi o que succedeu ; não só ao lado do partido conservador, e delle proprio, póde-se dizer, se foi gerando o partido liberal, como aquelle se dividiu, ou antes se formou, em tres grandes grupos e este em quatro. Era

mais que natural, era fatal, que os mal satisfeitos com a politica dessa olygarchia e os descontentes por a sentirem fechada e hostil, se ligassem contra ella, e, apoiando-se na massa popular, nos elementos anarchicos que toda a sociedade encerra, sempre promptos ao ataque do poder e da autoridade, começassem a obra de mina contra ella. Dadas as condições do Chile, taes quaes nol-as descreve o Sr. J. Nabuco segundo o Sr. Bañados, quasi podemos concluir *a priori* que ali devia existir latente ou manifesto o antagonismo entre o que lá chamam a « sociedade » e o que se poderia chamar a sociedade nova. As *nouvelles couches* de Gambetta se deixam adivinhar em semelhante constituição social.

Este facto o proprio Sr. Nabuco reconhece quando affirmando a « dissenção na olygarchia », que « enfraquecia o exclusivismo do seu dominio e abria espaço a novas aspirações », diz que « as circumstancias faziam assim do balmacedismo o nucleo de uma nova fundação politica ». Balmaceda, é certo, saía daquella « sociedade », pertencia áquella olygarchia, á qual na fragmentação dos partidos deveu tambem a sua eleição. Pelo seu temperamento e educação, pertencia bem a essa classe orgulhosa e dominadora, a essa « aristocracia parlamentar », como lhe chama o Sr. Nabuco,

que governava o Chile — e pela tenacidade, pelo orgulho, pela energia com que se portou no governo antes e durante a revolução, accentuou mais a sua origem.

Que importa, porém, isso? São que farte os exemplos dos individuos que saem fóra de sua classe ou de sua casta para esposar a causa a ella contraria. Póde-se dizer que, em geral, esta despreoccupação da classe é até prova de superioridade. A Inglaterra de hoje dá-nos, com as differenças e as relatividades inherentes ao seu caracter, mais um exemplo em lord Roseberry fazendo-se o campeão da luta contra a camara dos lords.

Não affirmo que Balmaceda tivesse propositalmente assumido o papel de chefe dessa reacção contra a olygarchia chilena, e se houvesse dado conscientemente a missão historica de, mediante uma completa revolução no systema politico até ahi em vigor, garantir ao seu partido o exercicio do poder, e substituil-o por uma vez aos conservadores dos quaes não só elle mas muitos dos seus vinham tambem. Não affirmo isso; mas quando me convenço que essa reacção era fatal, e pelo proprio fraccionamento dos partidos se via que se estava operando, pendo a crer que Balmaceda tenha sido o homem daquella idéa. Não discutirei si elle teve desde o principio o intuito de, servindo-se da pre-

sidencia, realizal-a. Quero crer mesmo que não e que os acontecimentos lhe forçaram a mão. Devêmos, porém, não esquecer que por via de regra são os acontecimentos que dirigem os homens e não estes que os dirigem. Voluntarioso, como sempre se mostrou, a opposição que logo se lhe deparou no Congresso devia ter sido um motivo a mais para fortalecer-lhe a convicção da inconveniencia da organização da sociedade e da politica chilenas. E a prova disto parece-me estar em que elle chega ao poder com um programma do qual devia sair um partido novo, que seria o seu, e que lhe serviria para conseguir a independencia do poder executivo. Esse programma, exposto pelo seu ministro Ibanez logo em principio de 1890, em um banquete politico, revela em Balmaceda a intenção manifesta de reformar menos talvez a constituição escripta do Chile, que esta, como veremos, elle a tinha incontestavelmente por si, que a sua constituição social e sobretudo as praxes governativas do paiz.

O Sr. Nabuco não é dessa opinião, e não quer ver nos actos de Balmaceda contra o Congresso sinão uma repetição da « historia toda sul americana : emprehender a dictadura para eleger o seu successor e vincular a presidencia da republica no seu partido », e verá no presidencialismo de Balmaceda um expediente poli-

tico, um recurso de ultima hora. « Elle não queria entrar na historia, diz o Sr. J. Nabuco, sem uma legenda : « esta seria a do governo presidencial contra o parlamentar. Estava ahi a sua justificação aos olhos de um numeroso partido, e um dia, esperava, aos olhos do paiz. Quando o Chile mudasse o eixo das suas instituições seria elle proclamado o fundador da segunda republica. » Á força de querer descobrir os moveis da acção de Balmaceda e de explicar-lhe os derradeiros actos nesse momento da crise chilena a que denominou « A tragedia », o Sr. Nabuco deixou-se trair pela sua intelligencia. Si Balmaceda ao matar-se morria convencido que o Chile mudaria no sentido do regimen presidencial « o eixo das suas instituições », e fazia disto um elemento da sua justificação, mais, da sua glorificação futura, somos forçados a admittir a sinceridade das suas convicções. Não fossem taes, elle não escolheria essa possibilidade para, como diz o Sr. Nabuco, « terreno em que prefere ser enterrado na historia do Chile » nem comporia com ella « o seu epitaphio politico ». E o Sr. Nabuco acaba reconhecendo ser « incontestavel que a elle, Balmaceda, pertence a iniciativa desse movimento retrogrado » de substituir pelo systema norte-americano as instituições chilenas. Observa, é certo, que a revelação da excellencia

de tal mudança « só na presidencia mesmo lhe foi feita ».

A genesis desta opinião de Balmaceda não me parece bem claramente exposta no livro do Sr. Nabuco, e essa genesis é talvez o ponto capital para a apreciação de Balmaceda. A mim, parece-me que das palavras e actos logo do inicio do seu governo, seus e dos seus amigos e ministros, se póde concluir que elle trazia para o poder a intenção de reformar o Chile, em proveito seu ou do seu partido não importa, mas de reformal-o, e isto resulta evidentemente da sua Mensagem na abertura do Congresso de 1.º de junho de 1890.

Do ponto de vista estrictamente legal, e isto o Sr. Joaquim Nabuco não indicou sufficientemente, comquanto de passagem pareça reconhecel-o, creio que a razão estava com Balmaceda. A Constituição chilena no seu artigo 82 dava ao presidente o direito de « nomear e demittir livremente os ministros do gabinete », o que não é propriamente o regimen de gabinete. Este regimen, porém, no que tem de essencial, a intervenção do poder legislativo na nomeação e demissão daquelles funccionarios, parece que, como a nós nos succedeu no imperio, se tinha introduzido nos costumes e, digamos assim, incorporado á constituição não escripta daquella republica. A um correspondente do *Times*, que

lh'o observava, contestava Balmaceda com energia « que não era certo, que não era aquelle o caso ». « Nada fiz, disse elle, que não tenha sido mil e mil vezes feito pelos meus predecessores. Esta theoria de um governo parlamentar é uma idéa nova, um mero pretexto de facções descontentes para chegarem a seus fins. Sou o primeiro representante do partido liberal que já occupou a presidencia. Desde 1833 a aristocracia tem o monopolio della e até á minha eleição os poderes presidenciaes não foram jamais postos em questão. Demais, quando fui investido nella, prestei um juramento de manter a Constituição exactamente, sem attenção a allegados precedentes ou theorias philosophicas. O Congresso, pelos termos expressos dessa constituição, não tem mais direito de ditar-me que ministros devo escolher, que de ordenar-me o que devo comer ou vestir. » (1) Si o jornalista inglez reproduziu fielmente, sinão as palavras, os pensamentos de Balmaceda, tem razão o Sr. Nabuco applicando a este o epitheto de Antonio Carlos de *theorista crú*. Mas um theorista que em verdade tinha por si a theoria. O erro ou crime de Balmaceda — em politica só são criminosos os vencidos — não é absolutamente um delicto contra a legalidade, que de

(1) Maurice H. Hervey, *Dark days in Chili*, London, 1891-92.

direito estava com elle, mas verdadeiramente uma dessas faltas ás quaes cabe o dito, tão espirituoso quanto profundo de Talleyrand, peior que um crime, foi um erro. Erro tremendo que valeu ao seu paiz dias tristissimos, que mesmo com sacrificio de principios e de crenças um verdadeiro estadista deve poupar ao seu, quando esse sacrificio, e era o caso, não importe no da liberdade, da honra ou da integridade da patria. Erro ainda mais grave no estricto ponto de vista politico, porque, e neste ponto parece não haver duvida, a opportunidade dessa transformação não era reconhecida, nem ella tinha sufficientemente amadurecido nos espiritos. Tental-a era, mais que violar a regra politica do Chile, violar a vontade nacional. « A sua defesa, reflecte o Sr. Nabuco, póde ser radical, democratica, scientifica, como se queira, mas não póde ser historica, conservadora, constitucional, sobretudo tomando-se a constituição como a somma das conquistas tacitas feitas pelo espirito das instituições sobre a letra do foral. » Sim, porque a « letra do foral » era por Balmaceda.

O Sr. Nabuco duvida da legalidade de Balmaceda. Nesta parte sente-se entretanto que a sua convicção é vacillante e recorre sempre a formulas dubitativas. Condemna-lhe francamente a teimosia e não hesita em dar-lhe o

odioso papel de provocador da guerra civil. « A intransigencia, mesmo do poder legitimo, escreve elle, não póde ser levada sem crime até o exterminio do paiz. Os chefes de estado têm o direito (o autor podia acrescentar : e o dever) de defender a sua autoridade legal, — não era o caso de Balmaceda — mas esse direito não vae ao ponto de accumular por toda parte ruinas sobre ruinas, de arrazar a sociedade, de proscrever a opinião opposta, de privar a nação do direito de se inclinar para o lado contrario e dos meios de gritar pela paz. »

É difficil decidir nesta questão antes moral que juridica, e dizer até onde vae o direito da resistencia. Eu estou com o Sr. Nabuco e não creio, para empregar a frase que nós liberaes nos esfalfámos a condemnar nos jesuitas, não creio que « os fins justifiquem os meios ». Ha ahi um ponto em que a civilização e a moral impõem evidentemente o dever, quando não de parar, de nos não servirmos para vencer sinão dos meios que uma e outra não condemnam e que não deixam na victoria uma nodoa que, maculando-a, a torna discutivel. No caso de Balmaceda, porém, o problema simplifica-se, porque elle é, apezar das suas affirmações contrarias, um revolucionario no governo. Chega ao poder com a intenção de fazer uma politica hostil aos proprios elementos a que devia a eleição e de

fazel-a em proveito de um partido com o qual contava substituir os seus antigos pares na direcção suprema da nação. Ou, como quer o Sr. Nabuco, porque o arrastassem as proprias circumstancias da luta com um Congresso que não acreditara tão energico e que o obrigaram a ir além dos seus propositos, que certamente miravam apenas uma revolução pacifica, ou porque, intencionalmente ou não, se encontrasse, por força da mesma situação da sociedade chilena, investido da missão de lhe mudar a velha feição conservadora, como prefiro crer, o certo é que elle se achou perfeitamente no caso de evitar a revolução e não quiz fazel-o, não acreditando talvez que o Congresso fosse até esse extremo. Como ao duque do Guise, pareceu-lhe quiçá que elles não ousariam.

Ousaram entretanto, e o que foi essa revolução tão intelligente e sabiamente dirigida, dil-o em paginas, algumas de rara belleza, o livro do Sr. Nabuco.

II

O Sr. Joaquim Nabuco não é só um intelligente amigo do Chile; no Chile é tambem republicano. Crê firmemente que a republica é o governo que convem áquelle paiz, que a ella

deveu a sua organização pela qual não cala o seu apreço e a sua estima. O governo chileno lhe parece ter sido « obra mais solida » do que a da monarchia no Brazil, que appellida de « construcção aerea e delicada ». « O Chile tinha, diz-nos elle, um governo forte como nós nunca tivemos. Durante cincoenta annos a liberdade brazileira é uma teia de uma tenuidade invisivel, possuindo apenas a resistencia e a elasticidade da sêda que a monarchia, como uma epeira dourada, tirou de si mesma e suspendeu entre a selva amazonense e os campos do Rio Grande. » Não é, creio, a primeira vez que o Sr. Nabuco dá a liberdade brazileira como obra pessoal, si posso dizer assim, da monarchia. Não sei mesmo si não é sua a frase de que D. Pedro II levou cincoenta annos a illudir o mundo que reinava sobre um povo livre. Si foi assim, si a liberdade brazileira foi uma dadiva generosa do monarcha e da monarchia e não uma conquista da nossa civilização, o elogio, lisongeiro talvez para o homem, transforma-se em vituperio para o estadista. Resultaria dahi que, com as melhores intenções do mundo, D. Pedro II não procedera sinão como o pai que deixa crescer-lhe a prole á lei da natureza e consoante os seus instinctos. E assim o elogio do Sr. Nabuco transforma-se, ao meu ver, numa condemnação da monarchia.

A paz e a tranquillidade que com essa liberdade gosámos de 48 até 89, são, apreciadas pela nossa impaciencia de contemporaneos, que soffrem justamente do opposto, bens inestimaveis; mas dada a transformação politica por que passámos, e que já agora não ha lastimas que façam desapparecer, nada mais natural que o eclipse de taes bens. Que esse eclipse seja o mais curto possivel é obra dos estadistas e dos cidadãos. Demais, como a propria observação do Sr. Nabuco parece confirmar, havia talvez em o nosso paiz, como diria Renan, carencia de revolução e, reflecte esse mestre eminente e encantador do liberalismo, tanto se morre pela ausencia de qualquer alento revolucionario como pelo excesso da revolução.

Persuado-me que si a republica houvesse encontrado o brazileiro mais forte, gosando de uma liberdade conquistada e não outorgada, o eclipse da liberdade que assistimos não seria tão demorado como vae sendo e a federação não seria para as antigas provincias, como para a maioria tem sido, uma volta ao regimen colonial.

A revolução chilena e a resistencia paraguaya são para o Sr. Nabuco « os dois maiores esforços de energia que a America do Sul desenvolveu neste meio seculo ». Pensa elle que ninguem que a tenha acompanhado « duvidará hoje da capacidade do Chile para a republica,

nem do bem que a fórma republicana fez ao Chile, da escola de educação, da influencia san, varonil, patriotica que foi para elle ». Como para os Estados Unidos a guerra de seccessão, a revolução chilena « não serviu sómente para revelar ao mundo o vigor dos alicerces e perfeição do plano do seu edificio nacional; serviu, mais ainda, para cimental-o de novo e dar-lhe a sua estabilidade definitiva ».

Tirado o definitivo, que é bom não affirmar de nenhuma das obras politicas do homem, parece-me ter razão o Sr. Nabuco neste juizo final da revolução. Elle esquece, porém, que o balmacedismo não morreu no Chile e que os proscriptos pela revolução triumphante voltaram de novo ao campo da luta, desta vez pacifica e legal. Quem póde de antemão assegurar que esse partido sagrado pelo martyrio e pela perseguição, onde se contam homens do mais alto valor, não terá seu dia no Chile, no qual, sinão a constituição, a sociedade chilena passará por uma transformação? Não é preciso ter nenhuma predilecção theorica por uma das duas fórmas, parlamentar ou presidencial, para ver que no Chile ha uma organização em desaccordo com o momento a que chegou o paiz.

Ahi é, ao meu ver, que se porá de novo o problema que Balmaceda imprudentemente e precipitadamente tentou resolver; e não acho

impossivel que seja resolvido sem necessidade do presidencialismo.

De parte os pontos em que me separei da sua opinião, o Sr. Nabuco parece-me ter julgado Balmaceda com justeza e equidade. Os proprios erros e crimes de Balmaceda ou de seus agentes leva-os á conta da falta inicial, que fatalmente o arrastou ao odioso papel de dictador e de tyranno. Dessa tyrannia, repulsiva como todas as tyrannias, são que farte os exemplos não só no livro do Sr. Nabuco mas em quantos se occupam da revolução chilena : mortes, assassinatos, prisões, castigos corporaes, confiscos, vexações de toda a sorte. Isto sómente, qualquer que fosse a justiça e a nobreza da causa por que se batia Balmaceda, bastava para deshonral-a e infamal-o a elle. Aos que retorquirem com o alevantado do empenho, a tenacidade, o patriotismo, a honestidade do individuo, responderá admiravelmente o Sr. Nabuco : « O valor dos chefes de estado sul-americanos tem que ser julgado pelo resultado de sua administração, não deve ser medido pela sua tenacidade, — em tenacidade quem se compara com Lopes? — nem pelo orgulho patriotico, — em patriotismo aggressivo quem se parece com Rosas? — nem mesmo pela sua honestidade, — em honestidade quem excede a Francia? Para julgal-os é preciso comparar o estado em que receberam o

paiz e o estado em que o deixaram, o inventario nacional quando entram e quando saem. O presidente que recebe um paiz prospero, unido, prompto a auxilial-o e o deixa, por sua culpa, dividido, dilacerado, enfraquecido, não tem direito á gratidão. Elles podem dizer, quando vencem, que salvaram a republica, mas salvaram-na de uma crise que elles mesmos provocaram, ou, pelo menos, não quizeram evitar, e salvam-na quasi sempre de modo a não poder ser salva segunda vez... « *A patria... que eu amei acima de todas as coisas da vida* » foram as ultimas palavras que Balmaceda firmou; entretanto o amor que elle teve ao Chile não é o verdadeiro amor da patria, — o sentimento talvez mais raro que existe. A Egreja quer que se ame a Deus acima de tudo, mas S. Paulo ensina que Deus não aceita o amor que nós lhe mandamos directamente, mas sómente o que lhe mandamos por meio do proximo. Amar o paiz acima de tudo, tambem só é meritorio, quando a patria que se ama não é uma abstracção, mas, nos termos precisos do poeta portuguez, a *terra* e a *gente*. O mais é uma fórma commum de egoismo, uma paixão politica, quando não é uma simples postura. « Amar o Chile acima de tudo » quer dizer amar mais que tudo os chilenos, — para Balmaceda, o povo que o elevara e no meio do qual elle vivia — e essa especie

de amor feito de dedicação e ternura, de sacrificios varonilmente aceitos, si não reclamados, é incompativel com a aposta de exterminio que elle fez com o Chile. »

III

O livro do Sr. Nabuco remata com um post-scripto sobre o que elle chama « a questão da America latina. » Não discutirei com o eminente escriptor a sua opinião da incapacidade do Brazil para a republica Os que pensam como o Sr. Nabuco esquecem duas cousas de primordial importancia no debate : que a fórma monarchica de governo corresponde a um conjunto de condições sociologicas que se não realizam na America e que a republica é fatalmente, quasi pudera dizer scientificamente, a fórma de governo dos povos em que como nós, apezar dos sessenta annos do imperio, fallecem aquellas condições. Sei que o Sr. Nabuco se insurge algures no seu livro contra a chamada politica scientifica. Tambem eu, que sou naturalmente inimigo dessas faceis generalizações em voga e constantemente desmentidas na pratica, não creio muito nella. Ha de, porém, concordar o distincto publicista que a politica não é tambem um empirismo grosseiro e que da sciencia tam-

bem — e a demonstração dessa possibilidade era, ao ver de Stuart Mill, o maior merito da obra de Aug. Comte — tira sinão soluções, que só a pratica e os acontecimentos lhe dão, ao menos suggestões e regras, o que nenhum politico, verdadeiramente digno deste nome, desconhecerá. Neste sentido creio não errar dizendo que a fórma republicana é scientificamente determinada para os povos a quem faltam as condições historicas da fórma monarchica. Ninguem, penso eu, pretenderá que um paiz onde o 15 de novembro foi possivel possuia essas condições.

A situação da America latina, da qual nasce o que o Sr. Nabuco chama « a questão da America latina » é ao meu ver a contra prova, a verificação, a demonstração incontestavel daquelles dois assertos, que no fim de contas não são sinão dois aspectos da mesma verdade. É inadmissivel que os povos da America latina, que lutam vae já para um seculo por conseguirem a liberdade, a ordem, a tranquillidade, emfim todas as condições de progresso e de felicidade, tivessem perdido por tal fórma o instincto animal da conservação que se não lembrassem de recorrer á monarchia como um supremo remedio, si mais forte que o seu soffrimento, isso a que o Sr. Nabuco chama o « inconsciente nacional », lhes não estivesse dizendo a

inanidade desse recurso, pela profunda incompatibilidade entre o meio social e o agente politico. Sei que mesmo esse recurso, a não ser para o Brazil, não o lembra o Sr. Nabuco, e nas differentes hypotheses salvadoras que formúla para as republicas latino-americanas, não allude siquer á possibilidade da monarchia, dando assim uma prova que não rejeita, sinão num caso especial em que o ponto de vista subjectivo lhe perturba, ao meu ver, a nitidez habitual da sua visão politica — aquella verdade. Que para a fundação da republica brazileira concorressem a « influencia literaria da Revolução franceza sobre a imaginação da nosssa mocidade » e o « arrastamento americano », não o negarei eu ; mas será licito acreditar que só por si taes influencias, aliás poderosas, possam determinar factos tão consideraveis como a nossa mudança de regimen ? Trate-se ou não de « uma força cosmica, como si o oxygenio e o azote formassem na America uma combinação especial dotada de vibrações republicanas », o que os proprios monarchistas brazileiros não contestarão é que é tão impossivel á America tornar-se monarchica como á Europa tornar-se ainda nos nossos dias republicana.

Esta questão, porém, é incidente na da America latina, tal como a estabeleceu o Sr. Nabuco : « Dado o progresso moral universal, —

escreve elle, assentando o problema — não é possivel que a civilização assista indefinidamente impassivel ao desperdicio de força e actividade humana que se dá em tão grande escala em uma das mais consideraveis secções do globo, como é a America latina. A manutenção de um vasto continente em estado permanente de desgoverno, de anarchia, é um facto que dentro de certo tempo ha de attrair forçosamente a attenção do mundo... Como se fará a redempção dos paizes centro e sul americanos? Onde acharão elles amparo contra os seus governos extortores? Como se fará nascer e crescer em cada um delles a consciencia do Direito, da Liberdade, e da Lei, que nelles não existem, porque não podem ter sancção alguma? »

Problema tão complexo « não poderá ser resolvido pela propria geração que o formular ». As hypotheses que formúla e discute ligeiramente o Sr. Nabuco como modos « que a civilização ha de encontrar para se introduzir no nosso continente », são a absorpção pela Europa, o protectorado europeu, o monroismo americano, o que seria uma fórma de protectorado, sinão de recolonização, como vae acontecendo no Mexico. Nenhum destes « modos » aceita o Sr. Nabuco, em nenhum delles crê, e dá as razões disso : « A solução do problema tem assim de ser procurada dentro mesmo de cada

um dos nossos paizes, mas depende da formação em torno delles de uma opinião interessada em seu resgate, que auxilie os esforços, ou, quando mais não seja, registre os sacrificios, dos que em qualquer parte querem lutar pela causa commum. » Aqui encontro o Sr. Nabuco em absoluta carencia de precisão, em pleno vago. Um problema como aquelle que com exactidão geometrica estabeleceu, se não póde resolver por meio dessa incerta e longinqua e indefinida influencia moral, ainda que ella se consubstanciasse nessa liga liberal do continente, formada dos homens « cuja cultura rivaliza com a mais brilhante cultura européa » e cuja organização sorri ao alto espirito liberal e humano do Sr. Nabuco. Não é contestavel que a causa é commum e que nós, povos latino-americanos, temos interesse em que o « estado vizinho » nos offereça « um asylo seguro » e sirva ao nosso paiz « de estimulo, sinão mesmo de vexame » ; não negarei « o effeito de um governo moralizado » embora não me pareça tão « illimitado e universal » como ao Sr. Nabuco se antolha. É preciso, porém, fugindo a taes generalizações, reconhecer que os factos aqui mesmo na America do Sul são contra a validade desse effeito. Que influencia tiveram, esse mesmo Chile de antes de Balmaceda, que o Sr. Nabuco nos descreve com tão lisongeiros aspectos, sobre a

Bolivia e o Perú, seus vizinhos mais proximos, e a paz, a ordem, a liberdade brazileira dos sessenta annos de imperio sobre os nossos fronteiriços? Ao contrario, confirmando as nossas asserções de ha pouco, foram as republicas vizinhas, sem embargo da sua irrequietação e do seu desgoverno, que influiram sobre nós. De mais, esse meio, esqueceu-se o Sr. Nabuco de ver, só produziria effeitos, e esses mesmos remotos, em um todo como a Europa, onde existe manifesta e indefectivel uma opinião nacional, apoiada em uma opinião continental — cousas ambas que absolutamente nos faltam. Quem imagina a America do Sul protestando com a sua opinião continental contra tyrannias, attentados ou crimes como os do rei de Napoles, dos Balkans, da tentativa da Allemanha contra a França em 1875, da Armenia ainda agora, e de mil outros successos, mais ou menos importantes, mais ou menos graves, em que a opinião nacional ou continental da Europa se tem imposto aos mais fortes e menos escrupulosos governos? Vejam-se os vergonhosissimos factos do Paraná e Santa Catharina que, como bem nota o Sr. Nabuco, fizeram reviver entre nós a tyrannia paraguaya « na ponta das mesmas baionetas e lanças que a derribaram. » Que vibrações provocaram elles na opinião nacional?

O meio, pois, ou antes a solução lembrada

pelo Sr. Nabuco é platonica e conseguintemente inefficaz. A lição que se tira de Chile é incontestavelmente exemplar, mas sem emprego immediato.

A questão da America latina exige entretanto uma solução. Si eu dissesse que o livro do Sr. Joaquim Nabuco, sem dal-a, nem siquer encaminhal-a, tem o merecimento de pelo menos chamar novamente para ella a attenção dos pensadores do nosso continente, fornecendo-lhes novos motivos de controversia e apreciações que merecem pesadas e discutidas, nem lhe exageraria o valor, nem lhe faria um comprimento.

II

A QUESTÃO DO CASAMENTO

A PROPOSITO DO « LIVRO DE UMA SOGRA » (1)

O nosso tempo dominado pela tão malsinada « anarchia mental », tudo poz em discussão. Dessas controversias, em geral inspiradas por sentimentos revolucionarios e negativos, não escapou a familia, não foi excluido o casamento. Não ha muito tempo, perguntando uma mulher numa das mais lidas revistas britannicas « si o casamento não seria uma fallencia », levantava de novo a questão em todos os povos de lingua ingleza, cujos magazines, jornaes, revistas, conferencistas, pregadores se occuparam della com o interesse, a attenção, a singular sympa-

(1) Por Aluizio Azevedo, Rio, Domingos de Magalhães, editor, 1895, 311 pag. Nova edição de Garnier. Rio.

thia dessa gente por todos os problemas sociaes. A literatura de ficção, de uma tão extraordinaria opulencia na lingua ingleza, entrou no debate, como sempre acontece nesses povos, onde o romance é, com mais ou menos talento, um prolongamento da tribuna, da cathedra, do pulpito ou do gabinete do « editor ». Neste mesmo anno a questão, ali sempre de actualidade, apparece de novo, considerada pelas mesmas ou por novas faces, já em artigos como o de Lady H. Somerset contra a maternidade obrigatoria ou de Mr. Flower sobre o abuso do casamento, já em romances, como o de Grant Allen *The woman who did* que todos, artigos e livros, suscitam uma série extensa de respostas, commentarios, discussões em que toma maior ou menor parte a imprensa diaria ou periodica daquelles povos. A Russia, que pela descorrelação entre a alta cultura de uma minoria e a vasta massa apenas emergida de uma semi-barbaria, tão propicia é ás manifestações das idéas mais radicaes e mais revolucionarias, acudiu á contenda com os seus romancistas, profundamente preoccupados do problema humano e social, e deu talvez a sua principal nota na celebre e admiravel *Sonata de Kreutzer*. Da Allemanha, onde o socialismo crescente põe cada dia em questão toda a organização social, chegavam através do theatro de

Sudermann, de Hauptmann e dos novos, dos livros de Nordau e dos pessimistas mais ou menos filhos de Schopenhauer e de Nietzche, os écos dessa mesma disputa, que nos dramas de Ibsen, Björsen e Stindberg devia revelar na calma Scandinavia o fermento de fortes e tragicos conflictos sociaes. A discussão do divorcio em França poz na ordem do dia dos povos latinos a mesma questão da familia e do casamento. Graças, porém, á maior unidade do pensamento, affeiçoado por uma educação systematicamente centralizadora e homogenea, graças tambem á clareza ou talvez superficialidade do genio latino, adstricto á banalidade do senso commum, mais hostil do que parece ou superficialmente se julga ás innovações radicaes e ao exame aprofundado e, por isso mesmo perigoso, dos factos capitaes e aceitos da civilização, e ainda mais, por virtude da sua forte educação catholica e da influencia que apezar da decadencia da fé essa educação exerce tão grandemente nos povos latinos, não teve esta questão em França nem a mesma importancia, nem a mesma repercussão que entre slavos, scandinavos ou anglo-saxões. Resolveu-se simplesmente, burocraticamente, na votação do divorcio, sem maior inquirição sobre o que fórma a propria essencia da familia, a mesma razão de ser do casamento A novellis-

tica franceza, como o seu theatro, não foram no assumpto além da questão do amor, fóra e dentro do casamento, e do thema fatigante e cansado do adulterio. Apenas a lei do divorcio renovou no romance e no theatro o assumpto, pela entrada nelle das relações inter e extra-matrimoniaes dos conjuges em face da lei ou após o seu effeito.

No Brazil, mais afastado de taes movimentos de idéas do que o deixa suppor a simples extensão do oceano, não houve sombra dessa agitação. Cumpre, aliás, reconhecer que concurrentemente com essa e as causas notadas para explicar a falta de sua intensidade nas nações latinas, accrescia entre nós a facilidade dos nossos costumes e da nossa moral, brandissimos e como quer que seja negligentes uns e condescendente ou indifferente outra. Tudo em nós, o clima, a mestiçagem, physica e moral, a facilidade da vida, os habitos de bonhomia matuta, a sem cerimonia das nossas relações domesticas e familiares, a nossa incapacidade para os problemas abstractos da philosophia e da moral, concorre para fazer que não possamos ser tragicos e nos accommodemos de melhor cara que outros ás inilludiveis imperfeições da Vida. A nossa mulher sendo ainda, a mesma antiga e boa e prestimosa companheira, modesta e inculta, sujeita-se de boamente ás

inevitaveis difficuldades, e até aos desgostos e desillusões que acaso lhe trouxe o casamento. Não obstante evidente, a desigualdade, nas classes cultas, do casal brazileiro, não tem maiores effeitos, corrigido pelo sentimento de veneração que a nossa mulher deve ter herdado das tres raças formadoras de nosso povo, nas quaes a mulher occupava uma posição secundaria. Mesmo no caso de inferioridade do marido, muito commum, em virtude do casamento de sujeitos sem cultura enriquecidos no commercio com mulheres « bem educadas », aquelle sentimento minora os effeitos da desigualdade.

Não ha ainda quarenta annos, em todo o vasto interior do Brazil e até no littoral as senhoras, mesmo casadas, não vinham á mesa, quando havia hospedes, e nas antigas e opulentas vivendas dos senhores de engenho, fazendeiros e estancieiros, o regimen familiar, em que a escravidão punha a sua desgraçada e infamante impressão, tinha algo de patriarchal : o dominio absoluto do chefe, do marido, do « senhor », a sujeição submissa da mulher. Em muitissimas daquellas moradias não faltavam, para completar a similhança do patriarchado, os costumes polygamicos, que a escravidão favorecia e que a esposa, a « dona », tolerava ou supportava. Taes costumes creariam forçosamente

criterios e sentimentos que não podiam deixar de influir nas gerações seguintes e affeiçoaram a mulher brazileira para o regimen domestico que é ainda a nota dominante da nossa familia. Tambem aqui ainda se não tornou tão intenso o conflicto da vida que a obrigue a acompanhar na luta o marido.

A constituição da nossa familia é, salvo excepções que não alteram a regra, aquella que os positivistas consideram normal: o trabalho de mantel-a cabe ao pai, auxiliado pela mãi na economia do orçamento e da vida domestica. Em uma sociedade, em uma familia constituida com as caracteristicas indicadas, a questão do casamento e da familia, a metaphysica do amor, a philosophia da paixão, a psychologia dos sentimentos conjugaes, a analyse dos estados d'alma, são cogitações exoticas e abstractas. Exoticas porque o seu interesse é exterior e estranho ao nosso meio e abstractas porque não se exercem sobre factos reaes da nossa sociedade, sinão sobre creações do nosso espirito. Em uma sociedade e familia ordenada como a nossa, o conflicto dos sentimentos e das aspirações, salvo excepções extremamente raras, em que não seria errado ver a influencia da imitação trazida pela literatura e costumes estrangeiros, não póde ter aspectos tragicos. A indifferença que é, em que nos pese,

a dominante do nosso caracter está ahi para corrigil-os e moderal-os quando, a despeito dessa constituição, apparecessem.

Foi talvez mais o instincto de imitação, que a consciencia de uma necessidade real, que transplantou para aqui a questão do divorcio, fórma unica por que o problema do casamento e da familia surdiu inopinadamente entre nós. Conforme a nossa caracteristica superficialidade, foi tratada no nosso parlamento sem elevação philosophica ou siquer juridica, e afóra o desvalioso pamphleto de Pardal Mallet, o folheto doutrinal do *Apostolado Positivista* e um artigo do Sr. Carlos de Carvalho, que encarou apenas a questão de um ponto de vista, aliás curioso, do direito internacional, nada mais digno de menção, mesmo rapida, produziu.

O primeiro livro brazileiro que conheço em que o casamento é posto em questão e discutido nos seus elementos e nos seus effeitos é o recente *Livro de uma sogra* do Sr. Aluizio Azevedo.

I

Não é nova a these, como não são novos os paradoxos que a sustentam, do livro do Sr. Aluizio Azevedo, o que aliás lhe não diminue o valor. O talento do autor, porém, renovou um thema que foi uma das preoccupações dos inexce-

diveis psychologos da Igreja e delles passou ás literaturas menos superficiaes que a da nossa lingua. Nella mesmo, nos ponderosos sermonarios e livros de devoção ou moral, não seria por ventura difficil encontral-a. Um descendente espiritual daquella corrente de moralistas ecclesiasticos, o padre Antonio Vieira, uma das almas mais curiosas e mais interessantes da raça portugueza, formulou-a quasi duzentos e cincoenta annos antes do Sr. Aluizio Azevedo nestas palavras que puderam servir de epigraphe e resumo ao *Livro de uma sogra :*

«... qual é ou será a razão ou razões, — pergunta elle no sermão da degollação de S. João Baptista — porque do vinculo do matrimonio forme tantos laços a natureza ao homem, e lhe seja tão difficultoso no matrimonio o guardar a devida fé a uma mulher, e propria? A familiaridade domestica, o trato continuo, e dominio commum de todos os bens e o serem como duas almas em um só corpo... parece um concurso de causas, que todas conformemente influem união, paz e contentamento; mas de todas, e de cada uma dellas, nasce a mesma difficuldade. O trato domestico e commum de todos os dias descobre, pouco e pouco, os defeitos que causam o desagrado. O ser a mulher a mesma, sem a variedade que remediava o repudio, é a occasião do fastio. Enfastiavam-se

os hebreus do manná, posto que continha todos os sabores, porque sempre viam o mesmo... A união que ao principio do matrimonio eram cadeas de oiro, continuadas as faz o tempo de ferro. Com os annos as mesmas coisas deixam de ser as mesmas; porque a mocidade se faz velhice, a formosura fealdade, a saúde doenças e achaques de toda a vida, que na obrigação de se tolerarem, e soffrerem até a morte, são um captiveiro inseparavel que só nella tem fim. »

Tudo isto está no livro do Sr. Aluizio Azevedo, inclusive a comparação entre o amor e o appetite, o coração e o estomago. Sómente no padre jesuita o acepipe que acóde ao simile é o manná, no romancista contemporaneo o faisão doirado — com a qual aliás os estomagos indigenas apenas terão tido relações literarias.

Dou por conhecido do leitor o *Livro de uma sogra*. Creio que elle concordará commigo que o Sr. Aluzio Azevedo contou demais com a nossa complacencia em lhe aceitarmos sem difficuldade a obscura psychologia do casal de D. Olympia e seu marido e das causas de sua ruptura, causas todas de ordem intellectual, imaginativa, subjectiva. « Não se poderia desejar casamento mais equilibrado, nem se poderia conceber um par mais harmonioso, e até mais symetrico, » diz D. Olympia do seu proprio casal. Apezar de tudo foram « os

dois um casal de infelizes » e tiveram de separar-se. Porque! Eis, e o proprio autor o confessa, o difficil de explicar. Realmente não ha no livro explicação que satisfaça, e a analyse que dos sentimentos proprios e do marido faz D. Olympia se resume na sua mesma conclusão: não puderam ser felizes porque eram obrigados a viver juntos. Generalize-se o caso e este mundo é pura e simplesmente um habitaculo de desgraçados; cada casal, dois infelizes; cada lar, um inferno. É, no caso de D. Olympia e o marido, ao que leva a psychologia simples, ou antes simplista, e facil do Sr. Aluizio Azevedo. Não lh'a contestemos porém. Aceitemol-a pelo que vale, embora seja ella, assim falsa, a cavilha mestra de toda a construcção.

A falsidade desta concepção, porém, não está sómente na incoherencia ou antes incongruencia entre os dados conhecidos e o resultado exposto, sinão em que de um caso particular que póde ser verdadeiro, se generalizou para delle concluir que a convivencia matrimonial é a causa da infelicidade domestica. Ora, como se não comprehende matrimonio sem convivencia, a conclusão seria contra o matrimonio, a favor de uma situação que só tem similar na prostituição ou no concubinato periodico.

« A invariavel convivencia matrimonial é a grande razão da corrente infelicidade domestica,

é a causa immediata da fatal desillusão dos conjuges, mesmo daquelles que se casam por amor legitimo e verdadeiro, é fonte de inevitavel desgraça para a vida inteira... » Da experiencia de um casamento que, segundo todas as nossas triviaes noções de logica, de senso commum, de pratica da vida, devia de ser felicissimo, contraido nas melhores condições materiaes e moraes, intellectuaes e physicas, e que no emtanto redundou numa uniao desgraçadissima, tirou D. Olympia esta sua amarga e desalentada doutrina do casamento. Aceitemol-a como motivada e justa, e vejamol-a na applicação. A heroina do Sr. Aluizio Azevedo vê onde a levam as suas deducções, mas querendo obter para a filha de par com a felicidade domestica, que lhe não foi dado ter, as vantagens sociaes, preferiu o casamento ao concubinato, attenuado aquelle por uma situaçao que no theatro seria de um comico irresistivel. O marido moraria em Laranjeiras, a mulher, sob a guarda vigilante della sogra, em Botafogo. As localidades, aliás, em que pudessem habitar, não influem na solução deste problema de felicidade domestica, em que falta apenas a casa. O casal constitue-se, pois, assim, cada um na sua residencia — sem que a criadagem, os amigos, a vizinhança, as visitas, a sociedade a que pertencem e que frequentam pareçam extranhar esta esquisita e rara vida

conjugal. O marido é um singular personagem, que aceita uma combinação de melodrama e esta ridicula situação de só o ser com consentimento da sogra porque « estava irremediavelmente perdido de amores; e a moça era muito rica e elle o que se póde chamar pobre ». E assim entraram a viver.

Aqui bate outro ponto fraco do *Livro de uma sogra*. A felicidade, que á vista daquellas premissas, devia resultar deste meio termo entre o casamento e o concubinato não a sentimos, em todo o decurso dos acontecimentos que elle nos reconta. E não ha ninguem, a não ser algum desequilibrado ou amoral, algum romantico retardatario e telhudo, que trocasse na vida domestica o seu monotono e mesquinho viver caseiro, mesmo com as pequenas miserias que nos descreve o Sr. Aluizio Azevedo, pela de Leandro e da inconsciente da mulher. A conclusão do livro não justifica as medidas tomadas por D. Olympia para fazer a felicidade da sua Palmyra. Comprehende por fim que não lhe deu sinão uma parte da felicidade, a menos nobre, a mais grosseira, a mais contingente, pois que assenta apenas na mocidade e nas vantagens physicas que com ella se vão. Então, alumiada pelo seu proprio amor casto ao Dr. Cesar, com quem contrae no fim da vida uma especie de união mystica, que o catho-

licismo devia inventar e consagrar e que o positivismo preconisará, volta-se para outra conclusão cujo valor veremos adiante.

Tal é, na sua idéa geral, este livro, frequentemente paradoxal e contradictorio, por vezes exacto e verdadeiro, desigual e diffuso no estylo e na contextura, mal inspirado na acção, que é de baixa comedia, ousado, embora sem nenhuma originalidade nas idéas, immoral em summa, mas suggestivo e, no meio da nossa actual producção, distincto. Póde ser que o proprio autor não lhe désse maior importancia que a de um thema tentador para suas faculdades de artista; mas com intenção ou sem ella, é o mesmo casamento que elle discute e nega. Por elle entrou, pois, a questão na nossa literatura; examinemol-a.

II

A Igreja catholica tem sobre todas as relações humanas, uma doutrina perfeitamente assentada. Doutrina absoluta e terrivel: o casamento não é um contracto, mas um sacramento, perpetuo, inilludivel, que só a morte destróe. O divorcio, não o admitte sinão como a separação *a mensa et toro* e jámais a *vinculo matrimonii*, segundo a technica da jurisprudencia

canonica. Esta é a regra, dura, implacavel, si quizerem, mas á qual a familia moderna deve a sua dignificação e o proprio casamento a sua grandeza. Si ella não corresponde mais ás nossas necessidades e ás urgencias de uma sociedade tao profundamente abalada em todos os seus fundamentos, é outro caso. Essa regra acham-na os theologos creada pelo proprio Jesus no capitulo XIX do evangelho de S. Matheus, e S. Paulo a desenvolveu e explicou em todo o admiravel capitulo VII da sua primeira epistola aos Corinthios. Este forte trecho é o epitome nao só de toda a doutrina catholica sobre o casamento, mas a fonte do que se poderia chamar a sua theoria bio-sociologica delle. E D. Olympia, si não se ativesse sómente ás regras duras do Levitico, acharia ahi com que condimentar saborosamente alguns dos seus paradoxos e justificar algumas da suas theorias.

A mulher, apezar do edificante culto de Maria, foi sempre suspeita ao catholicismo. Entre elle e ella ficou eternamente, como um fruto de desconfiança sinão um pomo de discordia, a fruta da arvore do Bem e do Mal. É especial o receio, a prevenção, quiçá a antipathia, que ella inspira a S. Paulo. O « eterno feminino » póde ser tenha preoccupado o rude e inteiriço apostolo, mas seria sómente como a causa do

peccado. A flôr do amor, que acaso perfumou o coração dulcissimo de Jesus, qual o vemos através dos evangelhos, não rebentou siquer nessa alma ardente de sectario. Não é do amigo de Martha e Maria, do estranho interlocutor da Samaritana, do amavel hospede de Caná ou do compassivo juiz da adultera que procede a doutrina catholica sobre a mulher e sobre o casamento, mas de S. Paulo. É aquelle capitulo a sua origem e o seu fundamento. É ali que se encontra a primeira lição de casuistica escolastica: casar é bom, não casar é melhor, maneira de falar que Pascal irreverentemente appellidou de ratoeira. É ali que se acha a apologia da virgindade e da viuvez. Taes doutrinas frutificarão e darão, de um lado o celibato do clero, a mais eloquente manifestação da Igreja contra o casamento, de outro o monachismo. Todas as diatribes dos padres da Igreja contra a mulher, as mais violentas que jamais se escreveram, virão d'ali. Um dos primeiros apologistas, Athenagoras, no fim do segundo seculo, excedendo ao mestre, dirá: « A nossa doutrina é que cada um deve conservar-se como nasceu ou contentar-se com um só casamento. As segundas nupcias são apenas um disfarçado adulterio... »

Quanto poderá a Igreja dizer em seu favor, quaesquer que sejam as suas explicações da

sua doutrina, o facto incontestavel é que para ella o casamento é apenas um mal menor. No fundo é esta verdadeiramente a sua concepção e a razão principal do celibato imposto aos seus sacerdotes. Esse casamento, porém, ella o quer indissoluvel — não havendo razões que ao dobrar de tantos seculos a tenham feito mudar de opinião. Este facto é de si mesmo curioso e suggestivo, em face das nossas theorias sentimentaes. Certo ninguem poude tão bem como ella conhecer o humano coração. Não só lhe foi commodo, mediante os seus sacerdotes, descobrir, sondar, examinar o mais intimo e recatado da nossa alma, mas ainda, graças ás facilidades e condescendencias da direcção espiritual, sujeital-a a verdadeiras experiencias *in anima vili.* Nós falamos soberbos em psychologia experimental; quem jamais a fez nas condições da Igreja? E ao cabo, permanece immutavel na sua doutrina do casamento, cuja questão se resume para ella em paciencia, sacrificio, abnegação, humildade, resignação. Seria um espirito singularmente grosseiro o que não visse, sinão a justeza, a grandeza moral desta solução.

O protestantismo, interpretando, por fórma contraria ao catholicismo, as palavras de Jesus e de S. Paulo, pretendeu resolver as difficuldades do matrimonio pelo divorcio. Nos paizes

protestantes, como os Estados Unidos e as grandes colonias inglezas onde a tradição e os costumes não são um freio ao abuso do divorcio, a constituição familial do protestantismo revela uma tendencia para o amor livre dos anarchistas e outras escolas philosophicas ou sociaes. Nos Estados Unidos ha cerca de trinta causas determinantes da dissolução do casamento, « além de outras que os tribunaes na sua sabedoria possam julgar sufficientes », e parece que acolá as mulheres que já passaram por quatro e seis maridos e vice-versa não são raras. Esta singular facilidade de divorcio, que reduz o casamento ao minimo de obrigações legaes e moraes, não concorre, entretanto, para obviar os inconvenientes que nesse laço enxergam os reformadores sociaes — a começar pelos catholicos. É justamente nestes paizes, principalmente nos Estados Unidos, onde, a despeito do extremo desembaraço do divorcio, mais acceza e viva vae a discussão do casamento, do amor, das relações conjugaes, encaradas e discutidas, sem embargo do *cant*, com o despejo de individuos afeitos ao impudor e á crueza naturalista da linguagem biblica. Eu não me atreveria a traduzir para aqui trechos dos artigos firmados por *gentlemen* e *ladies*, seguramente respeitabilissimos, nas revistas anglo-americanas.

O anarchismo theorico, como outras escolas que, queiramos ou não, serão factores sociaes consideraveis, professa a respeito do casamento o seu principio fundamental do completo individualismo. « A sujeiçao da mulher, diz um dos seus doutrinadores, é uma sobrevivencia do estado de barbaria. Desembaraçada a sociedade de todos os estorvos economicos, as relações sexuaes tornar-se-ão mais naturaes e mais francas, reassumindo o seu caracter de accordo livre de dois sêres livres... » — « O casamento actual é uma escola de mentira e de hypocrisia. O adulterio é o seu indispensavel corolario. Si a monogamia é o fim da evolução humana, só a mais completa liberdade póde conduzir a ella. (1) » E com palavras que poderiam ser do *Livro de uma sogra*, justifica assim a theoria anarchista do casamento: « Os individuos — mulher e homem, sabendo-se ligados por toda a vida, de modo indissoluvel, perdem pouco a pouco as pequenas attenções, a cortezia, que são como a pimenta do amor; pouco e pouco, o habito, a saciedade dos sentidos separa insensivelmente os amantes um do outro; o homem e a mulher esquecem os cuidados pessoaes de que o outro gostava no momento do namoro; cada um lastima o ideal

(1) Jean Grave, *La société future.*

que sonhara e que está longe de reconhecer no seu compaheiro de grilhão: esse ideal julga achal-o em novas relações... No dia em que o homem e a mulher se não sentirem mais acorrentados pelas leis e conveniencias, o que amar quererá garantir-se a duração da posse do objecto amado: comprehenderá que deve continuar com elle as gentilezas que empregou para conquistal-o; que deve sobresair aos seus rivaes, si quizer ser sempre amado. Ao mais amoroso o saber prolongar o amor que soube inspirar. »

A solução anarchista da questão do casamento está contida nestes conceitos. Principios e corolarios, premissas e conclusões derivam do proprio principio fundamental da doutrina, o individualismo, que é tambem a origem da questão da emancipação feminina. O casamento dissoluvel e temporario é por igual consequencia da mesma theoria dessa emancipação. Mais coherentes que os protestantes, vão os anarchistas ás ultimas consequencias do seu principio compativeis com a solidariedade, que é igualmente um artigo da sua fé politica.

Mas fóra dessa doutrina e congeneres, é o sempre crescente desenvolvimento do individualismo que nas innumeras communidades protestantes, como nas mesmas nações catholicas, em todo o occidente, põe em discussão uma

fórma de união dos dois sexos que por sua propria essencia e natureza repousa na obrigação, no sacrificio, na devoção reciproca. E não aventurara por ventura muito quem no divorcio visse o auxiliar mais formidavel e mais poderoso do individualismo na dissolução da familia, qual a temos constituida.

O positivismo tem a pretenção de substituir-se ao catholicismo do qual não é realmente, na sua parte religiosa e sociologica, sinão um arremedo. Do catholicismo é toda a sua concepção da familia e do casamento. A castidade sem o celibato, a castidade no casamento, é para elle « uma inestimavel virtude »; a viuvez deve ser perpetua como queria S. Paulo e a primitiva Igreja, e o casamento « uma união exclusiva e indissoluvel ». Nem é preciso dizer que o positivismo não admitte outra fórma de casamento que o monogamico, que ao seu parecer « constitue uma da mais preciosas instituições por nós devidas á idade média », e que é, tanto ou mais que o catholicismo, adversario intransigente do divorcio (1).

O positivismo, portanto, não procura a solução da questão fóra do laço conjugal ou pelo

(1) Vejam-se *Exame da questão do divorcio* por R. Teixeira Mendes e *A proposito de uma questão de moral medica* por Miguel Lemos, publicações do *Apostolado Positivista*.

rompimento desse laço. No fundo a sua solução é a mesma do catholicismo: « resignar-se á sua sorte » manda elle aos conjuges infelizes. «Um casamento desastrado representa em moral, diz o Sr. Teixeira Mendes, o mesmo que um caso teratologico ou uma infelicidade órganica nos phenomenos vitaes. » O remedio é quasi o mesmo que D. Olympia suggeriu á filha e ao genro no final do seu manuscripto: « conformar-se á sua situação, como Augusto Comte, procurando em um affecto puro, isto é, casto, a unica compensação que a infelicidade domestica comporta». Não é, por certo, precisamente o mesmo que D. Olympia aconselhava, Ignorante « da theoria positiva da natureza humana » e crendo como boa catholica que a carne é fraca, ella não podia exigir-lhes o sacrificio completo dos instinctos sexuaes. Convencida, porém, da incomposibilidade do amor physico com a felicidade « mais alta e mais perfeita » que « a felicidade material em que se funda a vida organica da nossa especie », recommenda-lhes que « tenha cada um o seu amigo, o amado de seu espirito, o eleito da sua intelligencia, porque todo o homem, como toda a mulher, precisa tanto de um conpanheiro para a sua carne como de um companheiro para a sua alma ».

É esta de facto a conclusão do livro do Sr. A. Azevedo, e dentro della está a sua doutrina do

casamento que, por motivos e inspirações diversas, coincide no fundo, á parte a castidade, com a do catholicismo: um mal necessario, como tres seculos aliás antes de S. Paulo já o considerava o grego Menandro. A questao mesma do casamento fica irresolvida no *Livro de uma sogra*, que não tinha talvez a presumpção de offerecer uma solução. É ainda curioso notar como o pensamento do Sr. Aluizio Azevedo coincide tambem nesse ponto com a doutrina do positivismo da « systematização da castidade conjugal » ou a instituição do casamento casto para aquelles casos em que, por graves motivos physicos ou mesmo moraes, devem os respectivos pares se abster da funcção reproductora. É o caso do casamento de D. Olympia com o Dr. Cesar no *Livro de uma sogra*. O erro, porém, do Sr. Aluizio Azevedo é separar systematicamente no laço conjugal os instinctos physicos das neccessidades moraes, o que acabaria reduzindo o casamento a uma reunião accidental por amor á reproducção da especie. Os velhos paradoxos e as velhas *boutades*, que o Sr. Aluizio repetiu, das miserias, mesquinhezas e ridiculos da vida conjugal, para chegar a tirar dellas a conclusão de que sómente pelo afastamento mais ou menos prolongado dos conjuges se póde manter a felicidade matrimonial, valem apenas pelo modo por que

foram repetidos. Não alcançam o intimo da questão, sinão secundariamente. São miserias inherentes á propria existencia humana que não têm, como parece superficialmente suppor o autor do *Livro de uma sogra*, a importancia que elle lhe dá. Basta ver que si a tivessem, o casamento seria uma instituição reservada aos ricos, que pudessem, nos periodos convenientes, ir passear á Europa ou aos Estados-Unidos, como o seu Leandro. A menos que a sociedade não fizesse da sogra do Sr. Aluizio Azevedo, e não se occupasse de, em tempos que repartições competentes, para esse fim especialmente creadas, determinariam, separar os casaes por amor da mutua felicidade dos pares.

É esta, pois, a grande fraqueza do seu livro, si elle pretendeu realmente pôr em questão o casamento, fraqueza aliás inevitavel, porque sem esta falha o livro não existiria: que a natureza humana é julgada profundamente má e egoista, que o amor no casamento não póde resistir ás materialidades e aos prosaismos da existencia familiar, que não é possivel conciliar o affecto puro, elevado, intellectual com as exigencias da sexualidade e com as miserias da vida pratica. O Sr. Aluizio Azevedo é, sobretudo, o que se chama um intellectual, um cerebral; toda a sua psychologia é fal-

seada pela sua exclusiva e, deixe-me dizer-lhe, perigosa preocupação intellectual e, o que é peior, literaria, e como todos os seus congeneres, esquece dois elementos primordiaes na questão: — o moral e o social. Sómente os que não os esqueceram, antes os consideraram, puderam trazer-lhe uma solução cuja justeza não discutirei, nem asseverarei, mas que é pelo menos logica: o catholicismo e o seu filho espurio, o positivismo, de um lado; e o anarchismo, de outro.

Comportará a questão do casamento alguma solução que não seja ou a monogamia indissoluvel ou o amor livre?

O POSITIVISMO NO BRAZIL

Doutrina contra doutriaa. O Evolucionismo e o Positivismo no Brazil, por Sylvio Roméro, 2.ª edição, Alves et C., Rio de Janeiro e S. Paulo, 1895.

I

Tem tido o positivismo notavel influencia no Brazil. Influencia mais larga que profunda, mas ainda assim incontestavel e sensivel. Fôra curioso e certamente util indagar-lhe as causas. De duas ordens são ellas, uma geral e commum a todos os povos pelos positivistas chamados do Occidente e outras peculiares ao nosso meio e á nossa evolução. A decadencia da metaphysica e do theologismo — e não uso destes termos na accepção comtista, sinão na mais geral — e

parallelamente o surto de novas doutrinas biologicas, servindo de base a novas concepções philosophicas, deu lugar ao advento de fórmas de pensamento que sem embargo das suas divergencias fundamentaes são conhecidas sob a denominação geral de positivismo.

O livre pensamento comtista (tanto quanto um comtista póde ser livre pensador) evolucionista ou monista, para reduzir a tres as principaes e varias correntes philosophicas do nosso tempo, succedeu no nosso paiz, como em todos os do Occidente, á philosophia classica, mais ou menos impregnada de catholicismo ou de protestantismo. O evolucionismo spenceriano, o monismo hœkeliano, como o positivismo comtista, foram as principaes fórmas do pensamento novo introduzidas no Brazil. Vária foi, entretanto, a sua sorte. Esposadas e defendidas as duas primeiras principalmente por juristas, em geral desprovidos da mais necessaria preparação scientifica, e por isso mesmo incapazes de comprehendel-as e assimilal-as, reduziram-se ou a uma trivial repetição dos vulgarizadores estrangeiros da doutrina ou a um palavriado que revia aquella ignorancia e que certo não seria comprehendido e sobretudo prezado pelos seus creadores. Dahi a sua nenhuma acção directa, sensivel na nossa vida nacional. O contrario justamente se deu com o comtismo.

Não só o aceitaram alguns espiritos fortemente preparados no que é a base mesma do systema, as sciencias physico-mathematicas, como se lhe depararam sequazes e propagandistas que ao saber reuniam uma devoção entre nós rarissima ás suas idéas e principios. E como o positivismo é mais que um méro systema philosophico, uma doutrina universal, abrangendo o homem e todas as suas relações, uma doutrina completa e una, facil lhes foi organizarem-se em escola, aggremiarem-se em igreja, e assim unidos fazerem uma evangelização.

No Brazil, e aqui entramos na primeira das causas particulares da influencia positivista, não se póde dizer haja alguma coisa organizada. Não o estava o proprio Estado, apezar de sessenta annos de monarchia, não o estava como ainda nao o está a Igreja, e menos ainda o academicismo, o officialismo, em summa qualquer desses elementos da vida nacional que alhures sao um obstaculo á intrusão de certas idéas. Do seio das proprias corporações que por sua mesma essencia deviam sustentar o Estado, defender a Igreja, que lhe era conjunta, manter a tradição academica, sustentar o officialismo, surdiam pregadores da doutrina cujo fim declarado era destruir tudo isso. A monarchia esphacelada e decomposta, não tendo por si siquer a crença do imperante

no regimen imbecil, no rigor vernaculo da palavra; a Igreja, impotente, desmoralizada pelo regalismo, sem recursos materiaes e moraes, que nem clero possuia sufficiente para as necessidades rituaes; o academicismo, vegetando no egoismo da vida pratica, na inercia do privilegio, livre de estimulos pela segurança da vitaliciedade e pela falta de concurrencia, nenhuma hierarchia, nenhuma casta, nenhuma cohesão entre essas differentes moleculas do corpo social, este era como a materia molle, excessivamente plastica e ductil, em que podia trabalhar á vontade quem tivesse uma convicção e um objectivo. Quem fosse uma organização, consequente e forte, acabaria fatalmente por actuar nesse meio sem consistencia nem resistencia. Foi o que succedeu ao positivismo aqui.

Fazendo da mathematica a primeira pedra do seu alicerce philosophico, a doutrina de Augusto Comte lisongeava a minoria cujas carreiras profissionaes assentavam tambem sobre esse fundamento, e levavam-na envaidecida pela vulgar illusão de fazermos dos nossos proprios estudos o centro do mundo dos conhecimentos, a considerar o positivismo a unica verdadeira concepção philosophica. Sendo a mathematica, segundo conceitúa um pensador contemporaneo, a arte de não ver sinão um lado das coisas,

esses positivistas, esquecidos das objurgatorias do seu mestre contra o dominio dos geometras, não viram na doutrina que abraçavam sinão o aspecto que lhes seduzia a vaidade profissional. Como quer que seja, porém, foi mediante a mathematica que penetrou a philosophia positiva nas escolas militares, ganhando assim o seu maior numero de adeptos e propagadores na corporação que entre nós era talvez a unica que tinha tal ou qual organização e mantinha algum espirito de classe. E por uma dessas phenomenaes incoherencias de que parece temos o privilegio, foi da sementeira do exercito que sairam, sinão os sacerdotes, os acolytos da doutrina fundamentalmente hostil aos conflictos armados, ao regimen militar, aos exercitos permanentes. Com o positivismo entrou o republicanismo, que lavrando no exercito apressou a eliminação inevitavel, prevista, annunciada — até por partidarios seus — da monarchia.

O positivismo que até então só tinha por si a convicção, o enthusiasmo, a fé, começa a ter a força. É uma minoria, mas forte, unida, disciplinada, hierarchizada, sabendo o que quer e sabendo querer. Em todos os tempos foram taes minorias que governaram, principalmente quando se lhes não antolha nenhuma força organizada que as contraste. Espertos apostolos — e a mais profunda convicção, o

mais ardente fanatismo, se alliam perfeitamente com a mais solerte habilidade — os positivistas augmentaram e encareceram a sua influencia, mais que a sua influencia, a sua acção, no advento e na constituiçao da Republica. Uma porção de idéas que já faziam parte do cabedal commum dos espiritos liberaes, patrocinadas algumas por sujeitos de ambos os partidos constitucionaes ou do republicano democrata, e até por aquelles partidos, como o casamento civil, a separação da Igreja do Estado, a federação, o regimen presidencial, e outras, reclamaram elles como suas, gabando-se de as terem feito vingar. Na especie os factos mais caracteristicos são a separação da Igreja do Estado e o estabelecimento do regimen presidencial federal nos quaes apenas tiveram a parte commum a todos os republicanos da vespera ou do dia seguinte e até de muitos monarchistas. Entretanto, ainda hoje, apezar de demonstrado o contrario de modo a não soffrer duvida, continuam ingenua ou sagazmente a suppôr-se os autores dessas duas medidas fundamentaes. Quasi foram elles, ao seu proprio parecer, que fizeram a emancipação dos escravos, elles que, com a má fé inconsciente e caracteristica de todas as theologias, inclusive a positivista, escreveram que Benjamin Constant só á ultima hora tomara parte no movimento abolicionista

porque « elle não havia assimilado as lições do fundador da religião da Humanidade. » Não precisou assimilal-a ou siquer conhecel-a a enorme maioria dos abolicionistas brazileiros. Graças á influencia militar no primeiro governo da Republica e principalmente do general Benjamin Constant, que com razão ou sem ella passava por decidido sectario de Augusto Comte, o positivismo foi quasi uma religiao do Estado, a qual não era porventura desvantajoso praticar. Pullularam por esse tempo os positivistas, pois sel-o era uma boa recommendaçao. Viu-se em Roma a mesma coisa, quando, com Constantino, os Cesares se fizeram christaos. A giria positivista, « a anarchia mental, » « a pedantocracia », o « regimen normal », « a ordem é factor do progresso », « a integração do proletariato », « os mortos governam os vivos », « as patrias brazileiras », todas as fórmas e variações das palavras systema, integração, encorporaçao e que taes, queridas da escola, entraram a fazer parte obrigada de todos os discursos, de todas as arengas, de todas as discussões, e viram-se jornaes de provincia, que de Augusto Comte até o nome ignoravam na vespera, lardearem com frases positivistas a sua prosa sobre a politicagem local. Nesse periodo o positivismo officialmente dominante sob a égide do mais influente membro do

Governo provisorio e dos seus lugares tenentes immediatos, só encontrou, sinão neophytos muito convencidos, catechumenos condescendentes, devotos espontaneos ou pelo menos pagãos sympathicos. Nos proprios chefes, a despeito dos seus protestos em contrario, sente-se que lhes não repugna essa alliança de sua capella com o Estado, que determinará primeiro a apropriação e depois a canonização de Benjamin Constant, de quem elles farão, apezar dos factos e das suas mesmas affirmativas esquecidas no interesse da seita, o patrono, o orago do positivismo na Republica. Artigos da nossa Constituição, o lemma da nossa bandeira, algumas datas das nossas festas nacionaes, por si só bastam para provar a sua influencia nesse momento, sem exageral-a.

As causas de tal influencia não as desconhece o Sr. Sylvio Roméro, antes, embora incidentemente e de passagem, as deixa perceber, como põe tambem em evidencia algumas das considerações que acabámos de fazer.

Estudando em uma longa « Introducção » « os novos partidos politicos no Brazil », o Sr. Sylvio Roméro faz, a nosso ver erroneamente, do positivismo um desses partidos. O Sr. Sylvio Roméro parece-me ter confundido correntes de opiniões com partidos. Absolutamente não existe ainda hoje no Brazil nenhum

partido, no sentido politico ou geral desta palavra, e muito menos, como fantasiou o illustre critico, partidos sebastianista, militar, jacobino ou positivista. Um partido suppõe uma organização, um programma, uma direcção e uma acção commum para fim determinado e declarado. Ninguem dirá que qualquer das correntes de opinião ou das tendencias, aspirações e vontades que se podem reunir sob aquellas denominações, constitúa um corpo collectivo realizando aquellas condições. Mesmo sem constituirem partido, têm, todavia, essas differentes correntes influido com varia intensidade, mas não com menos effeito, na nossa vida nacional. Apreciando o influxo positivista, o Sr. Sylvio Roméro, affirma que elle « tem sido plenamente desastrado. »

Com esta convicção, nelle se revoltam o pensador, o republicano, o patriota, e desta indignação nasce o livro a que poz o titulo geral de *Doutrina contra doutrina* e cuja 2.ª edição acaba de sair a publico.

II

Aquelle titulo já de si dizia claramente que no espirito do Sr. Sylvio Roméro era preciso oppor á propaganda positivista a propaganda evolucionista, ao comtismo o spencerismo. Como si não bastasse, porém, elle aconselha « com

inteira convicção aos sectarios do naturalismo evolucionista, cuja formula synthetica póde ser bebida em Herbert Spencer, a que se organizem tambem em um centro de propaganda e procurem reagir pelo jornal, pelo livro, pela conferencia, pela lição oral contra o neo-jesuitismo (é como alcunha o positivismo) que nos invade. »

O titulo não é feliz e o conselho nao é exequivel. O que justamente distingue o positivismo de todas as construcções philosophicas é ser uma doutrina completa : uma philosophia, um dogma, uma politica. Sendo sobretudo uma religiao, porque para elle o ponto de vista moral prima todos os outros, dá aos seus fieis um criterio unico, impõe-lhes o mesmo dogma e sujeita-os á mesma disciplina. Condemnando o livre exame e a liberdade de consciencia, erige o seu fundador em Mestre (com maiuscula) infallivel. Nenhuma relação do homem com o universo, de ordem scientifica, de ordem literaria, de ordem social, de ordem economica, de ordem sentimental, escapou de ser explicita ou implicitamente prevista e assentada na obra copiosa e diffusa de Augusto Comte. O seu modelo, proclamado com admiração, foi o catholicismo. Isto não levou em conta o Sr. Sylvio Roméro, dando-nos aquelle alvitre e pretendendo oppor o evolucionismo ao positivismo, como uma doutrina a outra doutrina. Nao me

parece igualmente acertado affirmar que « as doutrinas novas... têm para todos os grandes phenomenos humanos, arte, religião, politica, moral, physiologia, sciencia, uma resposta e uma solução adequada », ou que pelo menos essa solução ligue e obrigue os sequazes dessas doutrinas. O contrario é antes a verdade. O evolucionista ou spencerista póde ser em politica republicano ou monarchista, em religiao pelo menos atheu ou deista, em arte, idealista, realista, naturalista ou symbolista, em sciencia, ficar em Darwin ou ir até Hækel; póde ser pró ou contra o divorcio, favoravel ou hostil ao livre cambio, ao presidencialismo ou ao parlamentarismo, ao café, ao alcool, ás comidas apimentadas. O positivista, não; o mesmo dogma que lhe determina uma convicção scientifica, dá-lhe um criterio moral ou artistico e regulamenta-lhe a familia, a mesa, a actividade politica, economica e até sexual. É nisto justamente que está sinão a sua originalidade, a sua distincção e a sua força. Por isso os seus adeptos podem constituir-se em corporação, em igreja, e em virtude da lei da gravitação, verdadeira tambem no mundo moral, agir sobre as massas inconsistentes e desorganizadas que a rodeiam.

Essa liga, essa união, essa igreja, não póde o evolucionismo, pelas razões dadas, conseguir. As tentativas aqui mesmo feitas sem successo

seriam a prova desta verdade, si ella precisasse de prova. Portanto, só em sentido restricto póde o evolucionismo ser contraposto ao positivismo, como uma doutrina a outra doutrina. Criticar o positivismo á luz do evolucionismo, oppor a synthese spenceriana á comtista, o monismo do philosopho inglez ao do pensador francez, mostrar a inanidade de certas doutrinas positivistas, ou mesmo os erros de philosophia, de methodo, de apreciação e até de factos do positivismo, é possivel, é talvez facil e tem sido largamente feito. Mas o que não é possivel, o que não é razoavel, é pretender substituir, para os effeitos praticos — e são os effeitos praticos que mira no seu livro o Sr. Sylvio Roméro — a doutrina positivista, que abrange, como vimos, todas as relações humanas e determina regras de conducta para todas as manifestações da actividade humana, — pelo evolucionismo que é meramente um criterio critico, um methodo scientifico e uma generalização philosophica.

Este erro fundamental da concepção do Sr. Sylvio Roméro, entretanto, não diminue grandemente o valor do seu livro; é apenas um erro de intenção, digamos assim, que em nada absolutamente affecta nem a doutrina delle, nem a acção que ella possa ter. Já deixei dito como julgo se póde ao positivismo contrapor o evolucionismo, e ainda sob esse criterio, mais modesto

que os intuitos do Sr. Sylvio Roméro, me parece que o seu livro não é só um bom livro, mas um bom acto.

« O positivismo é, para o Sr. Sylvio Roméro uma coisa perigosa e deve ser combatida com seriedade. Desde que uma doutrina, continúa elle, qualquer que ella seja, tornou-se o pão espiritual de algumas centenas de homens, essa doutrina constitue um factor social e um estimulo de acções; essa doutrina distribue alento e enthusiasmo, aviventa as forças d'alma, affirma-se como um incentivo em nome do futuro. E coisas assim tão graves só podem ser tratadas com severidade e compostura. » Excellentemente dito, sómente se póde notar que arrastado pelo seu temperamento batalhador de polemista educado na pessima escola de Tobias Barreto, o Sr. Sylvio Roméro não guardou, quanto talvez convinha á elevação do assumpto, essa « severidade e compostura ». A sua desculpa seria que o seu livro, como toda a sua obra, é ainda de polemica. Porque esta é a caracteristica, a dominante do Sr. Sylvio Roméro: ser um polemista. Fazendo historia ou critica literaria, politica ou philosophia, escrevendo ou conversando, apezar da bonhomia affectuosa, natural e amavel do seu trato, que estão longe de suspeitar os que só por seus livros o conhecem, o Sr. Sylvio Roméro é um

polemista. E eu direi, sem intenção de lisongeal-o, que não conheço entre nós nenhum de mais nervo, de mais valentia, de mais graça — uma graça para que ainda não achámos nome, o producto da chalaça portugueza com a pacholice ou a capadoçagem nacional, temperada pela alegria ingenua e facil que o negro nos herdou. Essa graça não admitte a ironia. A ironia, como o « humour », mais ainda talvez que elle, é estranha á indole brazileira. Uma e outro são entre nós productos de cultura, resultados de imitação que em certos individuos, por disposições especiaes de temperamento, podem ter sido assimiladas perfeitamente, completamente, mas que são em todo o caso raros e exoticos.

Tenho convivido estreitamente com os elementos formadores da nossa nacionalidade, em meios differentes, e os mais exemptos do contacto da civilização; nunca lhes descobri o sentimento da ironia. O caboclo é, talvez, o unico que possue alguma coisa que remotamente se lhe possa assimilar, um modo de dizer dubio, em que a hostilidade se disfarça na duvida e na hesitação, como que um sarcasmo medroso, escondido, materializado pela maneira de pronuncial-o entre dentes, acompanhando-o de um sorriso alvar com que a sua velhacaria de selvagem procura encobrir o sentimento real. O

homem do povo, o simples, a criança, o não civilizado, não comprehendem a ironia, e, si chegam a percebel-a ella lhes é mais insupportavel que uma affronta, uma reprimenda ou um insulto franco. A ironia é o insulto do civilizado, revestido de fórmas que, si lhe diminuem a grosseria, lhe requintam a maldade, acrescentando-lhe o desprezo, que é um dos seus elementos. Por isso as naturezas primitivas, ao envez do que se suppõe commummente, são extraordinariamente sensiveis á ironia. Incapazes de lhe comprehenderem os matizes, a sua sensibilidade exagera-lhe os intuitos e o alcance. No Sr. Sylvio Roméro não ha absolutamente ironia; a sua colera, a sua indignação, a sua hostilidade são francas e manifestas, sem refolhos nem hesitações, realçadas por uma larga alegria popular, um pouco picaresca e trivial, raramente grave, no fundo bonacheirona e condescendente.

O Sr. Sylvio Roméro é o mais completo typo representativo brazileiro que eu conheço. Nelle se reunem num accordo harmonico, todas as nossas qualidades e defeitos. Os senões como os meritos da sua obra, que nas nossas letras é uma das mais volumosas, e, apezar de tudo, uma das mais valiosas, são a manifestação sincera e ingenua da sua personalidade. Nellas por outro lado, se poderiam descobrir e mostrar,

uma por uma das nossas caracteristicas mais incontestaveis. Uma dellas seria a incapacidade para a ironia. Eu, porém, não estou fazendo um « estudo psychologico » do Sr. Sylvio Roméro, e por isso volto, sem mais demora, ao seu livro.

Livro de polemica e livro de doutrina, o *Evolucionismo e o positivismo no Brazil* distingue-se e recommenda-se pela valentia e brio com que o illustre escriptor dá combate áquelles de quem faz seus adversarios ou de quem se faz adversario e sobretudo por vulgarizar as criticas que á philosophia de Comte fizeram H. Spencer, Stuart Mill, Huxley e outros. Com effeito é com longas citações destes pensadores e scientistas que o Sr. Sylvio Roméro principalmente combate os principios cardeaes da construcção positivista, a lei dos tres estados, a classificação das sciencias, a organização sociologica.

Esta falha é commum a todos os nossos criticos philosophicos, a começar por Tobias Barreto, aos quaes a carencia de estudos originaes e da cultura scientifica indispensavel força a reduzir os grandes problemas da philosophia moderna ao contraste entre os diversos pensadores, cujas opiniões são respectivamente contrapostas, consoante a escolha ou as inclinações e sympathias do critico. O processo, que tem cabimento no dominio da erudição, não me parece conveniente em se tra-

tando de cogitações philosophicas, e o seu insistente emprego pelos que entre nós fazem philosophia ou critica philosophica, provaria talvez ou a nossa incapacidade para as questões abstractas ou a insufficiencia da nossa cultura geral. Poderia o critico do positivismo responder-me, com apparencia de razão, que mesmo os directores delle entre nós não fazem outra coisa, quando querem convencer-nos ou combater-nos, que citar alguma pagina da obra do mestre. Assim é, mas o ponto de vista especial e, segundo o seu criterio, verdadeiro, em que se collocaram, obriga-os a isso, pelo que resolvem todas as questões com citações de Augusto Comte, como o musulmano, o judeu ou o christão resolvem todas as suas com versiculos do Korão, da Thora ou da Biblia.

O Sr. Sylvio Roméro, porém, não sendo propriamente um philosopho — que não os temos, nem os podemos ter — mas simplesmente um critico e um critico com temperamento de polémista, não era obrigado, para o effeito que queria produzir, sinão a procurar no seu arsenal as armas, proprias ou alheias, comtanto que fossem as melhores, mais convenientes e efficazes para o seu fim. Vulgarizando no nosso meio, não só popular mas ainda no que se pretende culto, as criticas e analyses que do systema de Augusto Comte fizeram alguns dos

seus discipulos dissidentes, como Littré e Wyrouboff, ou pensadores independentes como Spencer, Huxley e Stuart Mill, o Sr. Sylvio Roméro prestou á causa do livre pensamento no Brazil um eminente serviço. É preciso, porém, dizer que não só a isso se limitou o autor do *Positivismo no Brazil*. Ha no seu livro uma porção de paginas que são suas, de excellente critica philosophica, prejudicada infelizmente, ao meu ver, pela falta daquella « gravidade e compostura » que a si mesmo parecia se recommendar no principio o Sr. Sylvio Roméro.

Levado pelo ardor da polemica, o critico perde commummente o sentimento das proporções, sinão da justiça, e desconhece systematicamente, como um vulgar sectario, a obra verdadeiramente magnifica de Augusto Comte. Mostrar, como fez admiravelmente o Sr. Sylvio Roméro, a parte de Saint-Simon e de outros na genesis das idéas sociologicas de Augusto Comte, póde ser e é um processo feliz de polemica contra discipulos fanaticos que nol-as querem dar como a Minerva hellenica saindo armada do craneo de Jupiter, mas não prova nada contra a doutrina. Ella só deve ser julgada por si mesma. Um philosopho creador, como Comte ou Spencer, não está, de mais, no caso de um erudito. É inevitavel que elle consciente ou inconscientemente se aproprie idéas alheias,

uma vez que ellas entram por assim dizer fatalmente no seu systema geral de philosophia. É possivel mesmo, e é o caso de Comte, segundo o demonstrou o Sr. Sylvio Roméro, que sejam idéas alheias que lhe ábram caminho a concepções que o seu genio desenvolverá e fará frutificar. As syntheses como as tentadas por Comte e Spencer se fazem á custa de toda a elaboração philosophica do passado. Idéas que mediante essa elaboração fazem por assim dizer parte do ambiente philosophico, são reproduzidas em taes syntheses. É assim que se explica a existencia de idéas de Comte e de Kant em Spencer, que declara não lhes ter lido as obras sinão posteriormente.

A obra de Augusto Comte e dessas que se pódem combater, mas que se não pódem negar. O seu valor é, sem exagero, enorme, e a sua influencia, principalmente a não confessada, consideravel. Nenhum philosopho lançou jamais em qualquer dominio da actividade espiritual humana tantas e tão profundas idéas, como nenhum talvez viu tão argutamente nesse mysterio que é a historia. Todo o pensamento moderno está impregnado da sua influencia, e os mesmos que o combatem e que o negam, são-lhe, indirectamente, mau grado seu, mas de facto, devedores. Em todos os paizes de alta cultura a sua obra, depois de ter penetrado por

via dos seus discipulos ou adversarios, começa a ser estudada e discutida. Qualquer que seja a sua sorte, ella terá sido uma das mais notaveis creações do espirito humano. Isto, que nenhum pensador desconhece, esqueceu o Sr. Sylvio Roméro, não vendo no positivismo sinão a tentativa de corypheus, certamente dignissimos, mas acaso insufficientes, de fazer delle o directorio da nossa politica nacional.

III

Os que conhecem o positivismo não só pelas obras fundamentaes do seu fundador e dos seus discipulos mais eminentes, sinão tambem pelas publicações numerosas do Apostolado Positivista do Brazil, si o quizerem julgar com isenção, sem preconceitos de nenhuma especie, reconhecerão que esta doutrina, pelo seu elevadissimo caracter moral, não póde ser taxada de prejudicial ou nefasta. Mas desde que o problema seja por assim dizer concretizado, e que lhe vejamos a applicação no nosso meio, eu não sei si não terá razão o Sr. Sylvio Roméro.

Pregando a liberdade, o positivismo é de facto inimigo da liberdade, como toda a theologia, como toda a doutrina que se julga possuidora exclusiva da verdade. Apregoando-se republi-

cano, o positivismo é apenas dictatorial e cesarista, contra toda a nossa concepção da politica republicana. Proclamando o principio do « amor por principio », é naturalmente sympathico a todas as tyrannias e favoravel a todas as dictaduras, ainda as mais crueis, como as de Francia e Rosas, e factos como os que nos cobriram de opprobrio não ha muito, acham a seus olhos desculpa, approvação, quiçá louvor. Inventando a theoria da « determinação do passado » e tendo a pretenção de fazer da politica uma arte scientifica, infunde nos seus adeptos uma perigosa illusão de inerrancia, que faz delles, quando dispõem de uma minima parcella de poder, tyrannetes insupportaveis. Sustentando que o unico principio absoluto é que tudo é relativo, elles são de facto absolutos nas suas idéas, nos seus desejos, nos seus actos. Pregando que só se destróe o que se substitue, elles concorreram para a extincção do ensino religioso nos internatos militares e civis, deixando almas insontes sem absolutamente nenhum alimento moral. Crendo sinceramente que estão destinados a se substituirem ao nosso actual regimen social, elles pregam doutrinas que o anarchismo poderia fazer suas, embora com objectivo muito differente do anarchista. Assim, preconisam a suppressão do ensino official, a liberdade profissional, a suppressão do suffra-

gio, a eliminação da imprensa que, como atiladamente vêem, entregaria a sociedade desorganizada e desarmada á doutrina melhormente organizada em corporação religiosa. Esta, sendo o positivismo, si viesse a vencer, inauguraria a época normal, em que resuscitaria, como em toda a sociedade unificada por uma só crença, o confisco, a pena de morte, a degradação civica, a excommunhão, a religião do Estado, a theocracia pelo dominio do poder espiritual, o ensino official, a intervenção sacerdotal nos mais intimos negocios da familia e uma porção de excellentes coisas mortas desde a idade média.

Tudo isto não póde sorrir aos nossos espiritos de liberaes e de livres pensadores, nem tão pouco aos dos crentes que formam a maioria do paiz. Acontece, pois, que o positivismo, como era aliás inevitavel, é, talvez com as melhores intenções do mundo, mais um factor da anarchia mental contra a qual tanto maldiz, e, conforme a sua propria doutrina que correlaciona a situação social com o estado espiritual, mais um factor da nossa já não pequena anarchia politica. É demais um elemento perturbador, porque traz para a nossa vulgar concepção nacionalista, que sem embargo da federação quer um Brazil unido, o conceito, talvez verdadeiro, das « patrias brazileiras », acoroçoando

a separação das differentes partes do nosso paiz, como expressamente o fizeram nas emendas que offereceram ao projecto da Constituição da Republica. Aceito principalmente por militares, e nesse elemento encontrando o seu melhor apoio, augmentou nessa classe, já de natureza propensa a exagerar as necessidades da ordem e da autoridade, a desconfiança da liberdade e do conjunto de conquistas liberaes que são o apanagio da democracia.

Considerado sob estes diversos aspectos, o influxo positivista no Brazil tem sido talvez, como pensa o Sr. Sylvio Roméro, funesto. Benefico penso eu que não tem sido, porque de facto não logro descobrir em que as idéas propriamente positivistas e pelos positivistas pregadas, tenham concorrido para augmentar o nosso cabedal de bondade, de justiça, de liberdade, de moralidade, de tolerancia, de civilização, emfim de qualquer dessas coisas altas e sans que dão preço á vida. Em nenhuma das conquistas liberaes dos ultimos vinte annos foi a sua acção exclusiva ou siquer decisiva. Na emancipação dos escravos, no casamento civil, na liberdade de cultos, na federação, na mesma republica, o seu papel, apezar das suas pretenções em contrário, foi sinão secundario igual ao de individuos que não só lhe eram indifferentes, mas hostis. A sua influencia é mais superficial que

profunda. Além de alguns artigos anodinos, esquecidos ou não cumpridos da Constituição, do lemma da bandeira, de certos dias feriados e de uma phraseologia incompetentemente empregada por individuos que nada têm de positivistas (1), della se sente apenas o effeito nas tendencias para a dictadura, para o desprezo systematico da lei, que introduziu na nossa politica. O proprio Sr. Sylvio Roméro não se furtou a esta ultima influencia, como prova o modo por que interveiu na politica de Sergipe e por que se defende dessa intervenção. O positivismo póde, acaso, contar essa victoria no seu activo e não sei que na especie tenha feito entre nós mais illustre recruta. O balanço, entretanto, da sua acção é contra elle, e escrevendo o seu livro, o Sr. Sylvio Roméro, não só fez, do seu ponto de vista, boa obra de pensador, de republicano e de patriota, como prestou um serviço relevante ao livre pensamento.

Da parte que sob o titulo de « explicação pessoal » additou o Sr. Sylvio Roméro a esta segunda edição do seu livro, dispenso-me de dizer. Observarei apenas que nada obstante os

(1) Frisante exemplo disso é um manifesto publicado pelo Club Militar, com idéas e estylo positivistas, assignado por espiritistas, catholicos, livres pensadores, etc.

seus argumentos e razões, ella está em flagrante contradicção com todo o livro, em manifesta incoherencia com toda a sua obra.

IV

UM ROMANCE SYMBOLISTA

A « GIOVANNINA » DO SR. AFFONSO CELSO

Para julgar com a isenção compativel com o nosso espirito as novas correntes literarias, e principalmente a sua repercussão entre nós, precisamos por igual fugir a qualquer fórma de preconceito, ás prevenções rotineiras, a que um pedante chamaria misoneismo, como ao enthusiasmo leviano que frisa o snobismo. Nas nossas contendas estheticas, o que mais surprehende o observador desapaixonado é como são esquecidas as mais patentes, as mais concludentes lições da historia literaria. A simples recordação do que tem sempre succedido, quando surge uma nova fórma de pensamento ou um novo molde de expressão, pareceria dever bastar

para tornar-nos mais cautelosos e menos seguros em sentenciar a legitimidade ou illegitimidade das novidades que apparecem no dominio da esthetica. Não acontece, todavia, assim; e contra as multiplicadas lições da historia, mesmo contemporanea, o que quer dizer da propria experiencia, filauciosamente continuamos a decidir entre estheticas oppostas, como si dispuzessemos do futuro, como si fossemos nós, empenhados na questão com os nossos preconceitos de escolas e interesses de parcerias, quem houvesse de sanccionar as fórmas e formulas com que, em dado momento, o homem entende, para servir-me da expressão de Taine, definir-se a si mesmo. A derrota dos que em nome do Classicismo condemnaram o Romantismo, dos que por amor do Romantismo refugaram o Naturalismo, dos que sob a influencia deste e do Realismo declararam falsa e illegitima a reacção que na poesia se chamou Parnasianismo e que no theatro e no romance não adoptou precisamente a esthetica dos Flauberts e dos Zolas, devia, entretanto, ter-nos feito mais modestos e menos presumpçosos em arvorar os nossos gostos, as nossas predilecções intellectuaes, os nossos preconceitos de escola, de grupo, de roda, em criterio dos nossos julgamentos literarios.

Não ha certamente maior puerilidade que esta nossa preoccupação de escolas literarias,

que no fim de contas nos levaria a estabelecer um padrão unico para a obra d'arte, contra o que protestam, não só o bom senso, mas a mesma historia do espirito humano. Os que em nome do Classicismo, do Romantismo ou do Naturalismo, não quizessem admirar as obras verdareiramente bellas que cada uma das escolas contrarias produziu, desconheceriam, como diria Renan, a liberdade da inspiração, o direito do espirito de soprar onde quer, que é legitima toda a maneira de realizar o bello e que o genio tem sempre o jus do crear. Sem embargo, porém, de todas estas razões, as escolas existem, e não é possivel desconhecel-as ou negal-as. Como nada existe sem um motivo de ser, a existencia das escolas deve ser natural e explicavel.

Si a literatura é o meio pelo qual o homem se define, a pintura e a expressão de uma época, claro é que esse modo, essa pintura, essa fórma de expressão hão de mudar e variar conforme as variações e mudanças dos homens, das sociedades, dos tempos. E como ás variações de fundo correspondem variações de fórma, e ás modificações de pensamento, modificações de linguagem, cada época e pois cada sociedade e portanto cada homem emprega uma fórma particular em definir-se. É essa variação fatal e necessaria do homem e da definição que elle de si dá, das épocas e da pintura que de si fazem,

que produz e legitima as escolas, não, segundo ingenuamente acreditam os seus corypheus, como a fórma por excellencia da representação do bello ou da realização desse ideal — tanto mais infixavel numa formula quanto é tão variavel como a propria humanidade — que é o sonho, a aspiração e o desespero de toda a fórma d'arte, mas como uma simples e nova ou renovada maneira de expressão.

Ser social, ser humana é, porém, a condição suprema da arte, e não só não é concebivel, mas possivel, sinão assim. Uma arte, si pudessemos admittir a hypothese — que apenas exprimisse o individuo, sem nenhuma influencia ou reacção social, uma tal arte seria talvez a negação da propria arte. Poderia acaso possuir eminentes qualidades de fórma — admittindo, o que nos parece impossivel, a independencia da fórma do fundo — taes qualidades, porém, por assim dizer superficiaes e exteriores, apenas lograriam dar á obra d'arte a vida ephemera e van de uma dessas imprevistas combinações de nuvens e de côres com que o sol no poente fórma no céu quadros extraordinarios e surprendentes. Ao mais individual, ao mais pessoal dos artistas, ao mais natural como ao mais intencionalmente despreoccupado dos interesses sociaes, não é dado não ser, embora em minimo grau, o homem da sua raça, do seu meio, do

seu tempo. Á intelligencia humana é impossivel conceber e realizar alguma coisa sinão conforme aos modelos que a vida lhe offerece. A arte pela arte, pois, é scientifica e estheticamente uma impossibilidade, e os seus sectarios mais convencidos, e justamente os mais notaveis, ou antes os unicos notaveis, a despeito das suas opiniões e mau grado a sua vontade, trabalham, ao envez das suas theorias e intenções, não pela arte pura — coisa inconcebivel — mais pela vida e com a vida. É, portanto, desarrazoada a eterna contenda das escolas, quando não é apenas a affirmação de uma nova maneira de comprehender a vida e a arte que a exprime, em relação com a época e a sociedade do artista e pretende, em nome de um ideal dado como unico, estabelecer para a arte um canon exclusivo. As escolas são productos naturaes da evolução do espirito humano. Como taes, quasi não cabe á critica indagar do seu valor esthetico ou estabelecer preferencias entre ellas. Compete-lhe apenas, como de tudo que é um phenomeno natural, comprehendel-as e explical-as nas suas causas, na sua genesis, nas suas tendencias, nas suas intenções, nos seus effeitos. As pretenções descabidas que por via de regra manifestam, são aberrações proprias ás convicções fortes que trazem, augmentadas pelo enthusiasmo da luta contra aquellas que declaram

caducas e que vêm substituir. O valor das obras é de facto independente das escolas. Fóra destas ha como que um padrão superior da realização do bello, que liga e distingue através do espaço e do tempo as producções eminentes do espirito humano no dominio da arte e das letras. « A obra bella, diz Renan, é a que representa, em traços definidos e individuaes, a eterna e infinita belleza da natureza humana. »

A mais recente, a mais em evidencia e tambem a mais illustre dessas maneiras especiaes de comprehender a vida e de exprimil-a sob uma fórma artistica, é o symbolismo. Que é o symbolismo? Difficillimo é dizel-o com precisão. Elle proprio ainda não conseguiu definir-se, nem por uma formula, nem por um conjunto de obras de cuja unidade pudessemos tirar uma esthetica ou uma rhetorica. Um critico official da escola, o Sr. Rémy de Gourmont, é o primeiro a confessal-o e procura escapar á difficuldade por longos circumloquios.

« Que quer dizer *symbolismo?* » pergunta elle. E responde : « Si nos atemos ao sentido estricto e etymologico, quasi nada; si vamos além, póde significar individualismo em literatura, liberdade da arte, abandono das fórmulas ensinadas, tendencias para o novo, extraordinario e mesmo extravagante; póde tambem significar : idealismo, desprezo da anecdota social, antina-

turalismo, tendencia a não tomar da vida sinão a particularidade caracteristica, a não prestar attenção sinão ao acto pelo qual um homem se distingue de outro, a não querer realizar sinão resultados, o essencial; em summa, para os poetas, o symbolismo parece ligado ao verso livre, isto é, desenfaixado e cujo corpo joven póde mexer-se á vontade, solto do embaraço dos cueiros e dos pensos (1). » E mais adiante : « Em summa, o symbolismo é, mesmo excessiva, mesmo intempestiva, mesmo pretenciosa, a expressão do individualismo na arte. »

Não sei si estas explicações e definições dão ao leitor uma idéa sufficientemente clara do symbolismo. Á falta de concisão e precisão, têm ao menos a vantagem da vastidão. Com effeito, em sua largueza abrangem muito ; por isso quando neste estudo falar de symbolismo e symbolistas, comprehenderei debaixo desta denominação nephelibatas, esthetas, mysticos, decadistas e quantos caibam no que se convenciona chamar largamente « as novas correntes literarias. » Porque, de facto, desde que como appellido de escola literaria ou artistica, a palavra symbolismo não significa apenas a « arte de personificar uma idéa, em um ser humano, em uma paizagem, em uma narração »,

(1) *Les Nouveaux Venus. Qu'est-ce que le symbolisme*, na *Revue des Revues*, 15 de janeiro de 96.

mas abrange as manifestações mais dissimilhantes da arte do dia, comtanto que se proclamem independentes, podemos sob a sua bandeira arregimentar todos aquelles escriptores ou artistas. Qualquer que seja, porém, a definição do symbolismo, o que me parece um dos seus signaes distinctivos é ser uma reacção contra o realismo e o naturalismo. Reacção consciente e como quer que seja systematica em uns, e inconsciente em outros; em ambos os casos, porém, producto natural da evolução espiritual deste momento historico.

O movimento idealista, que succede á reacção positivista — e cumpre tomar aqui este termo no seu mais largo significado — é incontestavel. Literaria e artisticamente, o symbolismo é a sua formula, o que de si só basta para assentar-lhe a legitimidade. Esse movimento idealista póde ser ephemero, e, em certas das suas manifestações, como o mysticismo religioso, o neo-christianismo, o occultismo e suas varias fórmas morbidas, creio que o será; mas nem por isso deixará de ser um dos élos da cadeia da evolução progressiva da nossa especie. Haverá significado um impulso a mais a favor della, e a formula esthetica correlativa merece pois a nossa attenção e o nosso apreço.

O individualismo é tambem um dos seus signaes, não sómente esse individualismo que o

Sr. Brunetière erradamente confunde com o egoismo, e que increpa como um crime social aos escriptores das novas escolas, mas um individualismo impregnado até á medulla, nos seus mais eminentes representantes ao menos, das mais altas e mais generosas aspirações sociaes.

Entre as differentes fontes donde decorre o symbolismo, contam-se o movimento pre-raphaelista inglez, a propaganda ruskiniana e o wagnerismo. Si o primeiro é principalmente artistico, o que caracteriza e distingue e ennobrece a obra do grande John Ruskin, seguramente uma das mais bellas do seculo, é o profundo sentimento social que a anima. Igual sentimento, casado, como o de Ruskin, ao mais alto idealismo é, tambem, segundo o Sr. Houston Chamberlain, no conceito da propria critica alleman o mais competente dos wagneristas, o caracter fundamental da obra do mestre de Beyrouth. E Wagner é, como se sabe, um daquelles que os symbolistas proclamam « *signore duca e maestro* », traduzindo, explicando e commentando-lhe as obras. Por seus, reconhecem elles tambem a Ibsen e Bjœrsen e, a certos respeitos, a Tolstoï e outros escriptores eminentemente socialistas, isto é, preoccupados da questão social, alguns mesmo socialistas revolucionarios, pregadores do individualismo anarchista. Nos cenaculos em que se faz e prega,

em França, a arte nova encontram-se os Jean Graves, os Octave Mirbeaus, os Sebastien Faures, os Feneons, os theoricos desta ultima doutrina. E si todos os novos não são precisamente socialistas, no sentido em que usei esta palavra, a todos preoccupa, mais que ao puro naturalismo e ao parnasianismo, a dôr humana, e todos são influenciados pelo movimento idealista, que é uma resultante do movimento de idéas e do conflicto de factos da segunda metade do nosso seculo. Mysticos ou naturalistas, — que os ha de uma feição especial, classica, como Pierre Louys, o autor de *Aphrodite* e, a certos aspectos, Gabriel D'Annunzio — catholicos ou neo-christãos ou atheus, meros esthetas ou revolucionarios tambem, são todos mais ou menos filhos desse movimento e o representam cada um a seu modo, no dominio das artes e das letras. É mesmo este facto, poder-se-ia dizer, a prova mais evidente, si de prova carecesse, da existencia da reacção idealista.

Nas novas correntes literarias, porém, é sem duvida o symbolismo, tomado no seu sentido vulgar, o facto caracteristico. « O symbolo poetico, segundo a excellente definição do Sr. Brunetière, é uma ficção concreta, figurada, plastica, mobil e colorida, si é possivel assim dizer, animada de vida propria, pessoal, independente, capaz, si preciso fôr, de bastar-se a

si mesma, de organizar-se e desenvolver-se, mas uma ficção em « correspondencia » completa com um sentimento ou uma idéa a que serve de envolucro. » Justamente é esta intenção, este processo de arte que é facil descobrir, e tem sido frequentemente mostrado, não só na obra toda de Wagner, mas em obras de Tolstoï, de Ibsen e de Bjœrsen e dos seus imitadores e discipulos, assim como em D'Annunzio e os novos italianos. É ella que domina a obra poetica de Henri de Regnier, toda a obra do belga Mœterlinck, cujos dramas são todos verdadeiras allegorias, e, mais perto de nós, a de Eugenio de Castro.

Ás pretenções do symbolismo assim concebido já se oppôz que toda a poesia viveu sempre dos symbolos e que toda ella é symbolica, como ao naturalismo, segundo nota um critico, se havia objectado que a imitação da natureza foi sempre o fim de toda a arte. Isso não tira que o symbolismo seja, como foi o naturalismo, uma coisa nova, porque novo de facto não é só o que nunca existiu, mas o que foi refeito sob novo aspecto, por nova forma, com um novo fim. E é o caso do symbolismo que, como toda a nova doutrina d'arte, tem a sua fórmula esthetica, a sua rhetorica, o seu ideal.

Qual será a sorte do symbolismo, não sei dizer. Que é um facto natural, como uma

reacção contra os exageros do naturalismo e o esgotamento do parnasianismo; que corresponde a um movimento social, de que procura reproduzir as diversas correntes e aspirações, julgo ter mostrado. Como todas as escolas, esta tem sido victima, não só das aberrações inherentes a qualquer movimento espiritual no seu periodo de apostolado, como dos mediocres, que apenas percebendo della a parte externa e artificial, — os titulos arrevezados, o abuso das maiusculas, as preoccupações pueris de typographia, as ridiculas transformações e disfarces dos proprios nomes, a intemperança de metros e fórmas metricas em antagonismo completo com a prosodia e o genio da lingua — reduzem a um neo-gongorismo uma forte e vasta corrente literaria que mirava porventura trazer para a arte, com o individualismo, uma maior liberdade de manifestação do artista, com as preoccupações sociaes, um maior sentimento da solidariedade humana e com o idealismo, um novo esforço em favor do progresso indefinido da nossa especie.

II

Fez-se já sentir entre nós a influencia da nova escola — si escola é possivel chamar-lhe.

No Brazil, porém, o symbolismo é um facto de imitação intencional e, em muitos casos, desintelligente. Absolutamente não corresponde a um movimento de reacção mystica ou sensualista, individualista ou socialista, anarchista, nihilista e até classica como na Europa; um movimento em summa que é já a resultante de um lado da revolta contra a organização social, provada incapaz de satisfazer ás legitimas aspirações e necessidades do individuo, de outro do esgotamento do naturalismo e do parnasianismo.

Entregaram-se a elle, sem quasi o conhecerem nos seus motivos e nas suas obras, alguns espiritos em sua maioria impotentes, sem originalidade nem vigor, alguns talvez com talento, mas sem intelligencia, quasi todos sem nenhuma instrucção ou cultura literaria. Não conhecendo alguns siquer o francez, a sua iniciação se fez através dos nephelibatas portuguezes, que são de facto os mestres do symbolismo brazileiro. Até hoje não tinha elle produzido nada de mencionavel. Um movimento esthetico, como elle pretende ser, sómente se affirma por obras que quando não se façam estimar e admirar, forcem ao menos a consideração. Por ora não produzira sinão versos soltos, artigos e fantasias esparsas, tão vazios de fundo quão extravagantes de fórma, em ephemeros periodicos de titulos charlatanescos. Dois factos prin-

cipaes resaltam da sua obra publicada, o primeiro e mais curioso é a ignorancia em que parece estão do movimento esthetico de que se fizeram aqui corypheus, o segundo é que delle apenas apanharam, sobretudo na poesia, as exterioridades faceis da fórma, sem penetrar quer a essencia do que chamarei, á falta de melhor termo, a esthetica symbolista, quer a substancia da sua maneira de expressão.

O estudo das poucas e desvaliosas producções dos que, com o appellido de « novos », se pretendem representantes entre nós das novas correntes literarias, sobejamente o prova. O Sr. B. Lopes, que parece por elles proprios o mais bem reputado dos seus poetas, não é um symbolista, mas apenas um poeta de curto folego, que, poetando ha dezeseis annos pelo menos, jámais achou o seu caminho, imitando alternadamente os lyricos brazileiros do segundo periodo romantico, depois os parnasianos e sobretudo Gonçalves Crespo, de quem fez verdadeiros *pastiches*, e por ultimo o Guerra Junqueiro dos *Simples* e os nephelibatas portuguezes. Si o symbolismo é, como quer o Sr. Brunetière, a reintegração da idéa na poesia, o Sr. B. Lopes não póde obsolutamente pretender ao titulo de symbolista, pois não ha descobrir na sua vislumbre de idéa. É tudo o que o parnasianismo decadente, de envolta com affectada simplici-

dade posta em moda pelo Sr. Junqueiro e confrades, tem de mais vazio della. Não póde tambem, e pela mesma razão pretender esse titulo o Sr. Cruz e Souza. O seu livro de versos *Broqueis*, é apenas de um parnasiano que leu Verlaine, sem possuir deste, em grau algum, nem a facilidade de idealização poetica, nem a sinceridade da emoção artistica, nem a sciencia innata da lingua, nem a plasticidade das fórmas metricas. Não ha nessa reunião de poemas, na maioria sonetos, nada, sinão talvez a intenção gorada, que a faça classificar na poesia symbolista. São uma imitação falha de Beaudelaire, modificado pelo poeta das *Fêtes galantes*. E a falta de emoção real, acaso o traço caracteristico desses versos, é tal que surprende. O livro de prosa do mesmo escriptor, *Missal*, tem ainda menos valor que os *Broqueis*. É um amontoado de palavras, que dir-se-iam tiradas ao acaso, como papelinhos de sortes, e collocadas umas após outras na ordem em que vão saindo, com raro desdem da lingua, da grammatica e superabundante uso de maiusculas. Uma ingenua presumpção, nenhum pudor em elogiar-se e sobretudo nenhuma comprehensão, ou siquer intuição, do movimento artistico que pretende seguir, completam a impressão que deixa este livro em que as palavras servem para não dizer nada. O mallogrado Sr. Adolpho Caminha, a

quem sobrava talento, mas a quem escaceava em grau não commum o senso critico, tinha-se feito ou fôra feito ultimamente o chefe dos « novos ». Por uma singular aberração, que é a mais eloquente prova de quanto acerto asseverando que os nossos « novos » não comprehendem o movimento que dizem seguir, o Sr. Adolpho Caminha foi toda a vida um naturalista, isto é, pertenceu á escola contra a qual, como ninguem ignora sinão elles, principalmente se fez aquelle movimento. O seu ultimo livro *Bom Creoulo*, publicado quando já os nossos symbolistas, decadistas, nephelibatas, mysticos e quejandos agrupavam-se em torno delle, é feito segundo os moldes de mais puro zolismo. Este facto sómente basta para mostrar o desconcerto que vae entre elles, a incoherencia das suas idéas, o indeciso e o inconsistente da sua esthetica.

A razão deste phenomeno um psychologo facilmente a acharia na falta de sinceridade que assignala o nosso symbolismo. Entre nós, com effeito, esse movimento, si não é demais chamar assim ás manifestações sem alcance e sem obras, não corresponde a um estado d'alma, que por sua vez seja effeito de um estado social. É um mero producto de imitação. Ignorando, como já disse e creio haver provado, as proprias origens e razões que porventura o le-

gitimam, os seus fundamentos estheticos e sociaes, permaneceu aqui, mais que em parte alguma, apenas uma fórma esteril e manca de snobismo, sem haver produzido nada que de longe siquer se possa comparar á obra em prosa e verso dos « novos » portuguezes, Eugenio de Castro, Alberto de Oliveira, Antonio Nobre, rebaixando assim, o que deve maguar os « patriotas » literarios, o nosso brilhante lyrismo, a essa poesia pobre e pallida que é a sua.

O symbolismo, como todo o movimento esthetico, liga-se ao passado. É a Ronsard e a outros membros da « pleiade », que se fazem remontar os symbolistas francezes; como o movimento esthetico inglez se fez pelo preraphaelismo, isto é, pela admiração e estudo dos predecessores de Raphael, os ingenuos primitivos, Fra Angelico, Boticelli e outros. O nosso, porém, se não liga á coisa alguma, sem ter por isso o merito da originalidade — si a originalidade fosse possivel — pois copia e imita desageitadamente os francezes e portuguezes. Estes foram buscar nos velhos modelos do periodo ingenuo da sua literatura, inspirações de fórmas e idéas, e no estudo da metrica dos poetas, dos cancioneiros e dos lyricos quinhentistas, de Sá de Miranda, de Camões, de Quita e de outros menores, acharam elementos para

remodelar e renovar a fórma poetica que os naturalistas e parnasianos haviam, sem embargo da rara perfeição que lhe deram, tornado monotona. Por igual na prosa dos primitivos, como Bernardim Ribeiro, e de algumas obras de Garrett, em algumas das suas paginas mais simples, mais ingenuas, mais limpidas, hauriu o symbolismo portuguez a essencia com que Eugenio de Castro escreveu *Belkiss* e Alberto de Oliveira *Palavras loucas*. Entre nós, nada disso. Os nossos « novos », ignorando por completo a nossa historia literaria, sem nenhum sentimento da tradição esthetica nacional, não puderam ir ás fontes onde, sem quebra desta, retemperassem e remodelassem as nossas fórmas artisticas, enriquecendo o nosso patrimonio literario de novas idéas e concepções. Os nephelibatas puros achariam, talvez, não muito longe, sinão mestres com quem aprender, pelo menos antecessores que lhes legitimassem a prosapia, os Srs. Joaquim de Souzandrade, em cujos livros *Gueza Errante* e *Harpas Selvagens* não faltam trechos com todos os caracteristicos da escola, e o Sr. Luiz Delphino, que é acaso o mestre do orientalismo de pacotilha e do phrasear pomposo e vazio daquelles poetas.

Mas não foi só nos que se arreiam com a alcunha de « novos », e disso fazem praça, que influiram as novas correntes literarias. O

seu influxo, prova da sua legitimidade, aqui, como em outros paizes, estendeu-se em geral a toda a literatura, ou, pelo menos, a toda a poesia, pois propriamente o symbolismo é antes uma reacção poetica. A nossa poesia, como a nossa ficção em prosa, em mais de um escriptor, se resente delle. A mais perfeita e cabal manifestação do mysticismo nos nossos jovens poetas, que vivem fóra daquelle cenaculo, é o Sr. Affonso de Guimarães. Este é realmente um poeta e si, como aconteceu em Portugal com Eugenio de Castro, elle se desembaraçar dos exageros e extravagancias fataes em todo o movimento de reacção como é o symbolismo, a poesia brazileira poderá ter nelle um digno cultor. É evidente no Sr. Raymundo Corrêa, como nos Srs. Guimarães Passos e Mucio Teixeira, a influencia do symbolismo; della vêm cheios os ultimos versos daquelle e a ella se póde attribuir tambem o seu formoso conto *Flor de Lotus*, publicado na *Revista Brazileira*. (1) No estylo intencionalmente mystico do Sr. Coelho Netto, em certas das suas creações em que esta tendencia se casa com os elementos realistas do seu temperamento, é tambem facil descobril-a. Ella acaba de se fazer sentir no Sr. Affonso Celso, e a sua manifestação é *Giovanina*.

(1) Fasciculo de 5 de outubro de 1895.

III

Não sei, entretanto, si no Sr. Affonso Celso esta manifestação do symbolismo não será antes um facto de vontade reflectida que o resultado da influencia natural e por assim dizer inconsciente de novas fórmulas estheticas. Aquella hypothese parece-me, entretanto, a mais provavel, e a declaração posta em nota ao seu livro de que elle era « timido ensaio symbolista », é de molde a comproval-a. Sem se haver podido crear, como o Sr. Machado de Assis e o Sr. Taunay, na *Innocencia*, uma maneira sua e original, que, resentindo-se de várias influencias em grau que não destróe a individualidade do artista, conservasse intacta a sua personadade, o Sr. Affonso Celso tem fluctuado entre a literatura pessoal sentimentalista (*Notas e Ficções, Lupe*, *Minha Filha*) e o naturalismo numa fórma temperada (*O Invejado*). Qual a razao deste facto, num homem de verdadeiro talento como o Sr. Affonso Celso? É, ao meu vêr, que o temperamento do Sr. Affonso Celso não é, em rigor, literario. O autor da *Giovannina* é sem duvida um poeta e as *Rimas de Outr'ora* o comprovam, mas o poeta nao precisa de temperamento literario, sendo a poesia uma

fórma natural de expressão em certos individues. A arte mesma, no seu verdadeiro sentido, lhes é desnecessaria; quando muito lhes póde servir para realçar e fazer valer os dotes naturaes. Nenhuma arte poetica fez jamais um poeta. Com o estro poetico, o que ha principalmente no Sr. Affonso Celso é o temperamento politico que estúa em toda a sua obra e domina toda ella. A literatura propriamente foi para elle um *pis aller*, um derivativo forçado de energias intellectuaes que, pago o tributo á inspiração poetica, tinham tomado outra direcção, da qual só circumstancias mais fortes que a sua inclinação e a sua vontade o fizeram sair. Dahi a desigualdade da sua obra literaria, na qual frequentemente o artista cede o passo ou melhor a palavra ao politico, com o seu estylo e as suas paixões (1). Este defeito, que aliás dá á sua obra um sabor picante de actualidade, lhe prejudica, não ha negar, o valor literario. A *Giovanina* afigura-se-me uma variação mais da intelligencia curiosa e activa do Sr. Affonso Celso, no dominio da literatura. É verdadeiramente a obra de um dilettante e de um curioso, que experimenta a sua capacidade em uma

(1) Veja especialmente em *Lupe* a descripção do Brazil sob o imperio, no *Invejado* o quadro do « 13 de maio ». Os exemplos, aliás, podiam ser multiplicados; mesmo em *Minha Filha* os ha.

fórma nova da arte, não a de um devoto convencido della. E a prova do que deixo dito acima é a nota final, a que já me referi, que lhe poz o autor. Escrevendo uma pura obra de arte, como um puro artista — e isto não vae em mim contradicção com a rejeição da theoria da arte pela arte — o Sr. Affonso Celso, estou eu, não lhe poria aquella nota, não viria declarar-nos que si conjecturasse que as relações do Brazil com a Italia fossem estremecidas, não a haveria acaso escripto, nem duvidar da opportunidade da sua publicação, nem fazer protestos de patriota ou expor a sua opinião sobre a immigração e os seus beneficios. A sua obra, tão generosamente inspirada, a escreveria e publicaria sem preoccupações de momento e mesmo sem o fim pratico, vulgar, de « propagar pelos meios suggestivos da arte », a convicção de que « a prosperidade e a gloria do Brazil dependem da fusão dos bons elementos vindos de fóra preponderando os primeiros, porém sendo indispensaveis os segundos ». O assumpto é mais para uma memoria de economia politica, que para uma obra de arte. E só o facto deste objectivo declarado, poria *Giovannina* fóra do symbolismo, si o não fizessem a propria concepção e realização desse « romance dialogado », como o appellida uma epigraphe explicativa do editor.

Qualquer que seja, com effeito, a definição

que do symbolismo aceitemos, a do Sr. F. Brunetière ou a do Sr. Faguet que « o symbolismo consiste em sob o envolucro material descobrir o conteudo ideal », ao contrario da allegoria que « parte de uma idéa abstracta que reveste depois laboriosamente de uma fórma concreta », em nenhuma dellas cabe verdadeiramente a nova creação do Sr. Affonso Celso. *Giovannina* é confessadamente um romance de these e, si quizerem, uma allegoria, pois que ha nelle uma idéa abstracta — a vantagem da fusão das raças no Brazil — exposta sob a fórma de uma historia romanesca. O symbolo é uma especie ou uma fórma de allegoria, mas uma allegoria sem intenção didactica ou logica, como conceitua um critico, e póde ser verificado nas obras que melhormente representam a escola. A intenção didactica é não só evidente em *Giovannina* mas declarada pelo seu autor. Nem creio que o Sr. Affonso Celso se ache na disposição de espirito necessaria para escrever com successo uma obra verdeiramente symbolista. Já mostrei os varios factores, sociaes e estheticos, dessa nova corrente literaria, que é uma reacção na ordem das idéas e da sua maneira de expressão. Como pensador, o Sr. Affonso Celso não se acha, penso eu, no estado de espirito que suppõem as tendencias da nova esthetica e, si me não engano completamente, o individua-

lismo ainda mitigado, não é dogma da sua philosophia; e como escriptor, como artista, a sua fórma, apezar do evidente esforço em contrario, permaneceu neste livro a mesma de suas outras producções — sem a plasticidade voluptuosa, o vago, o indefinido harmonioso a querer imitar os effeitos da musica, a simplicidade rebuscada mas impressionadora afinal de um Mœterlinck, sensual, imprecisa e sobretudo buscando novidade numa construcção especial da frase, as vezes preciosa e atormentada até á obscuridade como em Mallarmé; outras vezes ingenua, affectadamente simples como em Eugenio de Castro, mas que evidentemente não é a prosa dos não symbolistas, nem o seu estylo.

Pela sua propria definição e pelo seu genio, o symbolismo sae da realidade, e para que ella o não embarace remonta a lugares e tempos indecisos que lhe favoreçam a realização. Elle se julga imcompativel com a trivialidade da vida tal qual a vivemos e vemos viver. De accordo com seu mestre Wagner, é por assim dizer fóra do espaço e do tempo que põe as suas ficções (1). Por haver querido liber-

(1) O « libreto » da opera *Messidór*, que acaba de ser representada em Pariz, musica do Sr. Bruneau, um dos jovens mestres da nova escola franceza, é apezar de escripto pelo chefe do naturalismo, Zola, symbolista, o que prova que a influencia dessa esthe-

tar-se deste jugo da escola, e talhar em plena realidade viva e presente uma obra symbolista, só haveria que louvar o Sr. Affonso Celso, si a sua tentativa, já de si gloriosa, não contrariasse a propria esthetica da escola, forçando-o a attender ao caso particular, e si no realizal-o o fizesse de um modo superior, o que não lhe era, por esta mesma razão, possivel.

O romance do Sr. Affonso Celso é eminentemente um romance realista no melhor e mais justo sentido da palavra. É um facto da nossa vida, rodeado de outros factos e episodios todos realissimos e alguns cruamente realistas. Si exceptuarmos certas fórmas de expressão que no dialogo de um romance francamente natu-

tica penetra os seus mais rudes adversarios; mas a acção desse drama passa-se em lugar e época indefinidos. Ignoro si a critica alguma vez mostrou o que havia de « symbolismo », tomada esta palavra no seu sentido commum, na obra e no genio do mestre do *Germinal*. Que o seu genio é eminentemente o de um poeta e epico, mostrou-o ha bons dez ou doze annos o Sr. Julio Lamaitre. Aquella feição, porém, não seria difficil descobril-a nelle, e mais frisantemente em *Lourdes* e mais ainda em *Roma*. Tudo aliás nelle como nos epicos, é uma « representação » e o antropomorphismo é, por assim dizer, um recurso da sua rhetorica. O drama *Messidor* é symbolista — mas symbolista com um fim pratico como a *Giovannina*, o que afasta do symbolismo da escola, porém, ao contrario de *Giovannina*, não se passa em plena realidade.

ralista poderiamos acoimar de « improprieda-des », e exterioridades de fórma, como o arranjo do dialogo e a descripção dos scenarios á maneira de Maeterlinck, em longas exposições ou descripções, precedendo, interrompendo ou finalizando as scenas, este livro é, não duvido affirmar, um dos melhores productos do nosso naturalismo,

Em uma pobre habitação da Alta Italia, vivia lutando com a dureza da vida uma familia italiana que ao começar o romance resolve emigrar para o Brazil. O segundo quadro mostra-nos o navio em viagem e a chegada. No terceiro vamos encontrar aquella familia, da qual Giovannina é a filha, realmente encantadora e meiga, já numa fazenda de S. Paulo, em pleno trabalho de colheita do café, e o dialogo diz as doçuras da sua vida acolá, contrastando com a amargura da que tinham na patria. O filho da fazendeira, João Carlos, gosta de Giovannina, e apparece ali no cafezal a dizer-lhe galanteios. Os pais desta, percebendo-o, retiram-se da fazenda e vêm para o Rio, onde morrem de febre amarella, deixando Giovannina e o irmão Luigi em pleno abandono. Amando a João Carlos, vendo-se ao desamparo e exposta ás tentativas lubricas de um vendelhão, resolve Giovannina voltar para o interior, e lembra-se na sua desgraça que, ao despedir-se della, lhe dissera João Car-

los que, além do mais que poderia ella encontrar em toda a parte, na fazenda delle encontraria «um pouco de sincero affecto ». E volta e encontra Joao Carlos só, que lhe tinha morrido a mãi, e depois de uma luta de sentimentos entre os dois, habilmente pintada e naturalmente conduzida pelo romancista, casam-se, sendo o ultimo quadro, o peior, o unico ruim do livro, o das bodas, de um naturalismo a lembrar, menos a graça, scenas parecidas das caricaturas naturalistas de Camillo Castello-Branco. Tal é, rapidamente resumido, o romance do Sr. Affonso Celso.

Evidentemente ha nos oito quadros de *Giovannina*, principalmente no segundo, a viagem dos emigrantes e a chegada ao Rio de Janeiro, impressões da poetica symbolista. Mas a realidade, o particular, dominam e vencem as intenções do escriptor. Esse segundo quadro é bello, rico de côr, de luz, de emoção. Os personnagens vivem realmente nelle, mas de uma vida demasiado « natural », si posso dizer asim, para o symbolismo. As suas falas, porém, são ou por demais singulares para um livro naturalista ou por demais chans e triviaes, segundo o criterio da nova escola. É que as duas tendencias lutam no espirito do autor, vencendo sempre o seu temperamento realista e o seu espirito pratico. De um e outro ha neste mesmo quadro um exemplo

frisante: a exposição da vida e vantagens do immigrante no Brazil, do seu regimen de trabalho e dos seus ganhos provaveis, qual o faria um *Guia do Immigrante.*

De um naturalismo que chega á trivialidade propria dos exageros da escola é o quadro da morte dos pais de Giovannina num cortiço do Rio de Janeiro, mas a observação, embora banal e facil, é ahi segura e os personnagens desenhados com intensa verdade. O mesmo se poderia dizer, e já ficou dito do ultimo quadro, o das bodas, mas esse destoando por completo do tom geral da obra, é um defeito imperdoavel nella, e si o Sr. Affonso Celso nos désse uma nova edição do seu livro, eu tomaria a liberdade de aconselhar-lhe modificasse esse quadro, que é verdadeiramente um pedaço vivo da nossa vida, mas que discorda da esthetica do seu livro. O quinto quadro tem apenas com o drama que resumo, uma relação remota. Da familia de Giovannina um irmão, Gualtiero, um anarchista, não quizera acompanhal-a, empenhado na sua propaganda. Assistimos neste quadro a um espectaculo num theatro italiano, e no meio de dialogos que o escriptor com rara arte nos faz ouvir em varios pontos daquella sala de espectaculo, onde se encontra a fina flôr da sociedade com seus multiplos e variados matizes, rebenta uma bomba que mais tarde se

descobre fôra lançada por Gualtiero, que a pagou com a vida. Este quadro é de um bello arranjo, de um grande movimento que não lhe destróe a unidade impressionadora. Expondo no primeiro as opiniões anarchistas de Gualtiero e neste pondo na sua bocca e dos seus conpanheiros as invectivas do anarchismo contra a organização social, escapou o Sr. Affonso Celso, com bom gosto e intelligencia, á facil, e, para um espirito mediocre, tentadora vantagem de anathematizal-os, ou desfigural-os desfavoralmente. Não menos bello é o quadro terceiro, em plena lavoura de café, cortados os dialogos por alguns desses versos tão languidamente amorosos da nossa poesia popular. De todo este livro mais que tudo destaca-se a figura de Giovannina, que ficará em o nosso romance digna companheira e rival das mais bellas idealizações femininas de José de Alencar.

Em resumo, o Sr. Affonso Celso não escreveu, como quiz, um romance symbolista, e não poderia escrevel-o. Mas fez melhor, dando á nossa literatura, tão cansada de banalidades e imitações, uma obra que se destaca na vulgaridade geral, uma obra de idéa, que, defeituosa embora, é uma obra pessoal, cheia de movimento e de vida, que tem, emfim, a rara qualidade de não ser banal.

V

LITERATURA APRESSADA

A « FLOR DE SANGUE » DO SR. VALENTIM MAGALHAES

Depois do mal que quasi unanimemente se escreveu deste livro me poderia eu porventura dispensar de dizer delle, para repetir o que ha sido dito em tons diversos, mas com um raro accordo. A *Flor de Sangue*, porém, não é um simples romance do qual, conforme o nosso temperamento, gosto e educação literaria, possamos julgar bem ou mal. Elle constitue, ao meu ver, um caso literario digno de estudo, menos por si mesmo, que pelo phenomeno geral de que é symptoma.

Sinto, em toda a sinceridade o digo, que o Sr. Valentim Magalhães, sacrificando a feio

vicio literario do tempo, se tenha posto pessoalmento em evidencia no escusadissimo prefacio que poz ao seu livro, contando-nos porque o fez e como o fez. Este facto me parece curiosissimo neste romance : o seu autor confessa, primeiro, que o escreveu para dar « a obra de folego » o « trabalho serio », que, acredita elle, lhe exigem desde muito criticos e leitores; segundo, que o escreveu ás pressas, não já porque o incitassem os ardores de artista em trabalho de gestação, na febre de crear e produzir, mas porque um editor lhe offereceu « direitos autoraes que lhe pareceram satisfactorios, razoaveis », e elle « tinha delles urgencia ».

Atirou-se — transcrevo o prefacio mudando apenas a pessôa verbal—ao trabalho; no dia primeiro de janeiro de 96 escreveu o primeiro capitulo, no dia 2 o segundo, no dia 5 o terceiro, no dia 6 o quarto, numa sequencia de trabalho que só encontra igual no do Padre Eterno, segundo o Primeiro Capitulo do Genesis. E, com a mesma abundancia do pseudo Moysés, nos continúa o Sr. Valentim Magalhães a recontar, com todos os pormenores, como foi escripto o romance « de uma assentada », dia a dia, sem revisão, nem ordem, pois que o começou pelo quinto capitulo — em pleno enredo portanto. O livro do Sr. Magalhaes, previne-nos lealmente elle, é, pois, um livro feito ás

pressas. E quando nos informa que entre desfazer o negocio com o primeiro editor e refazel-o com outro, « esfriou-se-lhe o ardor, e parou », temos talvez o direito de concluir que não foi a um estimulo de arte que obedeceu escrevendo *Flor de Sangue...*

Além dos autores de romances-folhetim, a historia literaria conhece um grande escriptor, ou pelo menos um grande creador, que escreveu forçado pelas « urgencias » a que allude o Sr. Valentim Magalhães; mas Balzac, que a elle, como sabe o leitor, me refiro, verdadeiramente jamais trabalhou ás pressas. Dava ininterruptamente ao trabalho doze horas por dia, e corrigia e recorrigia por tal maneira as suas obras, que os manuscriptos era preciso que os editores lh'os arrancassem quasi á força ou com ameaça de processo, e a correcção das provas, que em França se paga á parte, lhe absorvia de antemão o lucro possivel. E foi principalmente este amor da perfeição, signal certo do verdadeiro artista — que fez viver em luta perpetua com a miseria o mais prodigioso trabalhador literario de todos os tempos.

Não tem, pois, desculpa o Sr. Valentim Magalhães, querendo justificar as imperfeições do seu livro referindo-nos como o fez. Com um nome nas letras brazileiras, adquirido em vinte annos de um trabalho cuja variedade compla-

centemente enumera, critico de mais a mais, essa confissão, sobre ser de mau gosto, não satisfaz aos leitores benemeritos da estima de um homem de letras.

O Sr. Valentim Magalhães, que viajou, conhece esses artistas de rua que nas grandes capitaes européas, diante de duas duzias de basbaques, com giz de tres ou quatro côres, pintam, num abrir e fechar de olhos, na superficie lisa de uma calçada, um retrato, uma scena ou uma paizagem, a troco de alguns vintens colhidos na assistencia. Essa obra póde dar a illusão de um quadro e podemos mesmo admirar a habilidade do artista de esquina, attendendo aos meios com que a fez, e muito tambem ao tempo que ha de durar. Puzesse-a elle numa téla e a levasse a um museu ou a um conhecedor, que ninguem lh'a quereria — pois, de facto, na arte se não conta com isso.

Por mais que me praza aliás attribuir o insuccesso da *Flor de Sangue* aos motivos com que previamente o procura explicar e desculpar o Sr. V. Magalhães, crendo que elle era, e é, com trabalho e tempo, capaz de escrever não um romance, mas « o romance » que coroará a sua carreira de poeta e contista, não acho desculpa para a precipitação com que escreveu esta obra totalmente gorada. Neste livro não ha nenhuma das qualidades de observação facil,

mas verdadeira, de graça, de humor, de vivacidade, de emoção, superficial mas espontanea, de naturalidade, de vernaculidade desaffectada, de estylo, reveladas em mais de um dos seus contos e em muitas das suas paginas ligeiras. É o romance de um collegial, com pruridos literarios, não a obra de um escriptor do renome do Sr. Valentim Magalhães. Idéas verdadeiramente pueris, infantis abundam nelle.

Quando o romance começa, Fernando Gomes e a mulher preparam-se para receber a bordo a Paulino que regressa da Europa. Paulino, estudante pobre, no terceiro anno de medicina trava conhecimento com Fernando Gomes, que se fizera por affeição ao rapaz uma especie de seu tutor officioso. Dando-lhe casa e protecção, ajudou-o a formar-se, editou-lhe o primeiro livro e arranjou-lhe após a formatura uma commissão scientifica do governo para que elle pudesse passeiar á Europa. Este Paulino era, explica-nos o romancista, « o que os francezes chamam *un homme à femmes.* » A sua psychologia é summaria : temperamento callido e nervoso, constituição forte, adorava todas as mulheres capazes de dizer-lhe aos sentidos alguma coisa nova, inimigo irreconciliavel do casamento, por igual hostil á *collage*, como na sua lingua franco-portugueza diz o Sr. V. Magalhães, mudava de amantes como de gravatas. É este homem

é este amigo que o casal Fernando Gomes vae receber, installa num pavilhão da propria chacara onde mora e obriga a ser seu hospede e comensal perpetuo. E o que não faz um filho, um irmao, que tenha sufficientes meios de vida, em relaçao ao pai ou irmão, viver no fim de contas ás sopas de um terceiro, por mais amigos que reciprocamente sejam, aceita Paulino de um estranho, e accomoda-se áquella existencia de parasita, no fundo indigna. Esta falsa situação em que, para desenvolvimento do seu romance, colloca os tres principaes personagens delle, já de si revela no romancista carencia de imaginaçao e infantilidade de meios. Não só esta situaçao é forçada, sinão de todo falsa, mas concorre para diminuir os effeitos que do drama que se vae passar, pretendia talvez o autor tirar. Poder-se-á dizer que esta situação ainda mais obrigava a Paulino, e que a sua traição é tanto mais odiosa quanto maior era a confiança, verdadeiramente céga, de Fernando Gomes. Sim, si este mundo fosse a imagem da « Moral em acçao », e si não houvesse uma logica dos temperamentos, dos caracteres e das situações, que bem póde corresponder á fatalidade antiga. Longe de acrescer a indignidade do seu procedimento — e o romancista tem manifestamente a intenção de nol-a mostrar — essa situação a diminue, sendo quasi impossivel que esse vo-

luptuoso carnal, esse libertino que era Paulino, resistisse a Corina, que foi de facto o seductor.

Vae pois o casal receber Paulino, e, desembarcado este, vão todos (havia mais umas tres pessôas, amigas ou parentes), almoçar uma feijoada encommendada no *Hotel do Globo*. É das idéas que chamei pueris. Fernando e a mulher pertenciam á alta roda fluminense, cujos indiindividuos se distinguem pelo desprezo dos costumes e gostos nacionaes. Não se lembrariam, portanto, de festejar a chegada de um amigo — com um almoço de feijoada no restaurante da moda. Neste almoço, porém, passa uma scena que deve dar uma exquisita idéa da sociedade fluminense.

Não a conheço sufficientemente para dizer si numa roda de damas e cavalheiros della a conversação, como acontece naquelle almoço, possa versar sobre os amores faceis de um homem solteiro da roda, recem-chegado do estrangeiro, de quem se inquire de qual mulher gostou mais, si da hespanhola, da franceza ou da italiana. Desse almoço sae Corina já, si não enamorada, desejosa de Paulino. Porque a mulher de Fernando Gomes era puramente uma hysterica erotica, sinão uma nymphomana, mulher que se faz abortar duas vezes aos primeiros partos. Com mais uns dias de convivencia tinha ella resolvido a conquista do joven e formoso medico que,

seja dito em honra de sua memoria, lhe resistiu quanto era humanamente possivel. Uma viagem de negocios do marido deixa Paulino a sós com ella; Corina finge-se uma noite doente, manda chamal-o como medico e ali se lhe entrega. A scena, aliás, é uma das poucas bem feitas do livro. Todo o episodio do adulterio dura tres ou quatro semanas, um capitulo com a epigraphe « o despertar », um despertar alegre e satisfeito ao principio e que, á aproximação do regresso do marido, se vae tornando, para Paulino ao menos, sinão para Corina que é uma inconsciente, desassocegado. Porque é realmente — e nisto ha logica — a volta de Fernando que chama Paulino á realidade da situação e desperta nelle, não sentimento propriamente, mas o que se poderia chamar o medo do gatuno ao proprietario. Segundo a fórmula classica, elle propõe a Corina fugirem; ella, classicamente tambem, recusa, por não sacrificar a sua posição social. Elle então resolve escapar-se, elle só, mas a ultima noite antes da partida passa-a ainda com Corina.

Paulino resolvera matar-se, e o romancista, com a precisão de quem transcreve um tratado de psychologia, pergunta: « Quando o resolveu? em que momento se lhe formou no cerebro essa idéa? quando se transformou ella em volição, e esta em intenção deliberada? » Toda a psycho-

logia deste caso é a que estamos fartos de encontrar na vasta literatura do adulterio de que já andamos gafos. Com a recusa de Corina em acompanhal-o, Paulino percebeu que ella « não o amava, que se lhe entregara como se entregaria a outro qualquer nas suas condições, como se havia de entregar depois delle a outros mais... » e que « elle, Paulino, era um homem deshonrado, um infame vulgar, que por lascivia grosseira, seduz a mulher do amigo, aproveitando bem a sua ausencia; e, por ultimo, *que devia matar-se* ». A banalidade da situação é manifesta.

Tenho para mim que tal homem se não mataria. É certo que o Sr. Valentim Magalhães começa descrevendo Paulino, no capitulo II, como um homem distincto pela « rara, perfeita delicadeza de sentimentos e a direitura de caracter, que se sentiam, que se *viam* quasi sob a varonilidade culta e na seriedade, na quasi austeridade, que respirava a sua physionomia energica e serena ». Diz delle, num estylo que o leitor julgará, que « fôra sempre um rapaz sério, isto é, criterioso, ponderado, pacato, durante todo o tirocinio academico ». Como, porém, o Sr. Valentim Magalhães escreveu apressadamente, capitulo a capitulo, sem quasi relel-os nem corrigil-os, Paulino mudou completamente depois do capitulo II, que digo eu? no mesmo

capitulo, porque duas paginas adiante daquelle retrato de burguez pacato forrado com os sentimentos de um cavalheiro e a rectidão de caracter de um magistrado, nos apparece outro, « *homme à femmes* », temperamento callido, amante de todas as mulheres, odiando o casamento por julgar o homem essencialmente polygamo, razão pela qual não gostava tambem do concubinato, tendo é certo idéas contra os seductores das casadas, mas não as praticando. E por todo o livro, sem embargo de velleidades em contrario, Paulino apparece, qual elle mesmo se retrata no trecho que transcrevi do capitulo tetricamente intitulado « para a morte » : um voluptuoso vulgar que si, por exemplo, Fernando Gomes tivesse morrido durante a viagem ao Rio da Prata, não haveria sentido o minimo arrependimento da sua falta. Sei que não ha caracter sem contradições, mas a arte exige que na propria contradição haja logica, como, apezar das apparencias superficiaes contrarias, ha na vida. E é das que ella custa a admittir, que um homem que resolveu matar-se, julgando-se deshonrado por haver feito sua amante da mulher do seu melhor amigo, vá ainda dormir com ella á ultima noite, depois dessa resolução tomada.

Paulino segue para S. Paulo, onde se mata. Aqui devia terminar, e acaba de facto, o que o romance planejado pelo Sr. V. Magalhães

teria de literario, de psychologico. O que interessaria aos espiritos que num romance não procuram sómente uma distracção trivial, findou com o suicidio de Paulino : o conflicto de temperamentos e caracteres, de deveres e appetites postos em contacto numa sociedade sem costumes nem moralidade. O assumpto, o adulterio do « amigo intimo » com a mulher do « melhor amigo », é aliás trivialissimo, menos talvez na vida real que no romance. Para tratal-o exige-se já agora um raro talento, capaz de rejuvenescer por qualidades excepcionaes de penetração psychologica, de imaginação creadora e de excellencias de estylo, o estafadissimo thema. Nenhuma destas qualidades se deixa lobrigar em *Flor de Sangue*. A psychologia é elementar e frequentemente falsa; a creação propria ao autor é nenhuma, e do estylo, com excepção de algum raro trecho, não receio dizer que estas paginas são das peiores talvez que o senhor Valentim Magalhães jámais escreveu.

Nelle a pressa traíu completamente o escriptor; e lemol-o desconhecendo-o. É verdadeiramente um estylo de reportagem, de noticiario, quasi sem nenhuma qualidade literaria. A construcção é mais franceza que portugueza, e os mais escusados termos francezes formigam como numa traducção portugueza de romance francez. Além desse grave defeito — tanto mais grave

quanto como critico o senhor V. Magalhães cata os gallicismos nos outros, ha ainda impropriedades, expressões mal usadas, anachronismos, abuso de certos termos e uma confusão, não no dialogo mas no texto da narrativa, da prosa literaria do escriptor com a linguagem corriqueira da palestra commum. Não houve tempo para polir a frase, procurar a expressão mais adequada e o termo mais proprio, escolher, emfim, entre as cem maneiras de dizer uma coisa, a unica boa — o que constitue todo o segredo do estylo, como não houvera o de escolher o assumpto, estudal-o em si e na maneira de tratal-o. Este romance saiu, certamente contra a vontade do autor, mas em virtude das condições em que foi realizado, um romance-folhetim. O proprio titulo *Flor de Sangue* pertence ao genero, e os titulos dos capitulos « A obra do Ciume », « A morte e o Amor », « Para a Morte », « Flor de Lodo » e que taes são-lhe por igual peculiares. Os mestres do genero, os Ponsons, os Montépins e os Richebourgs não refusariam este começo da segunda parte : « São decorridos quatro annos. Nesse curto periodo, instante imperceptivel na vastidão infinita do tempo, quantos acontecimentos, quantas mudanças, quantas alterações nos homens ! »

Desde a chegada de Paulino a S. Paulo entra-se em pleno melodrama, com todas as

ficelles do genero illustrado por aquelles mestres. Nem falta o infallivel sonho, esse sonho que só os heróes de romance têm e de que se lembram como de uma gazetilha da vespera. É verdade que o sonho não é propriamente apanagio desses romances e que alguns « psychologos » abusaram tambem de tal recurso. Em *Flor de Sangue* elle como que liga as duas indoles do romance. Igualmente não falta nesta parte a espelunca, com a classica megéra, uma espelunca réles aonde se não comprehende muito se vá metter Paulino, mesmo por comprazer com um amigo e muito menos que esse homem, que por uma reacção de senso moral resolveu matar-se, aceite ainda dormir com uma dessas creaturas que alugam as suas noites. Como um heróe de D'Ennery, depois de deixal-a intacta, dôa-lhe generosamente elle os dez contos de réis ganhos na roleta daquella casa, alcouce e batota ao mesmo tempo. Esta scena é mais uma das infantilidades do livro.

Morto Paulino, começa tambem o infortunio economico, a *débâcle*, como lhe chama o Sr. V. Magalhães, para Fernando Gomes que dá em jogador de profissão. A mulher segue o caminho que o amante previra. Aceita um barão, seu velho adorador, e o atraiçôa com uma especie de *souteneur* — a lingua é sempre a do autor. — Esta situação dá uma scena que não

ficaria mal num fim de acto; a apresentação de Corina pelo barão como sua ex-amante á franceza, que por despeito e ciume della, tomára. Não faltam tambem nesta parte a carta, a velhissima carta anonyma, revelando a Fernando a nova traição da mulher, que elle apanha em flagrante e cujo cumplice mata. E depois temos ainda, como num romance de rodapé, a descripção da prisão, com a dos criminosos de alcunhas pitorescas e sua giria tão pitoresca como ellas, a nos dàrem saudades do velho Eugenio Sue, — a morte de Fernando ali na detenção e pàra concluir um pateo de theatro, onde literatos bohemios assignalam a passagem de Corina, transformada em loureira de rua, lhe recontam a historia e explicam por que lhe deram o nome de guerra de *Flor de Sangue*. A morte de Fernando é provocada por uma carta posthuma de Paulino. O medico não se poude resolver a morrer sem contar por miudo ao amigo — que foi, como foi e porque foi amante da mulher. O romancista já o tinha feito legar em testamento os seus moveis, quadros e livros ao amigo conspurcado e traido, a quem acaba de escrever a mais singular carta que jamais amante algum escreveu a marido ultrajado, sobretudo quando por se castigar do ultrage feito se vae matar. Paulino não quer que Fernando guarde estima á sua memoria e, ser

vindo-se de um recurso romanesco, deixa essa carta, que um amigo da Bahia fica encarregado de entregar a Fernando quando este tivesse « algum dia provas inconcussas de que sua mulher o traía ». Nessa carta, a mais cruel, a mais brutal que homem já recebeu, Paulino se não limita a confessar a sua falta e a pedir perdão della ao marido deshonrado, o que bastaria para o fim mirado.

Como um amoral, lhe refere miudamente o adulterio, em frases que revêem a passada volupia, e discute com o infeliz, com o charlatanismo pedante de um intellectual tolo, inconscientemente perverso, o caso nevropatico da esposa que lhe deshonrou. « Todo o tempo que passaste fóra, conta-lhe elle — fui amante de Corina, gozei-a com ardor, com delirio, allucinadamente... » E, como si não bastasse ao marido aquella informação : « Ha apenas algumas horas, no trem de ferro, recapitulando todas as peripecias, todos os incidentes da nossa ligação culposa, numa analyse rigorosa de autopsychose (o pedante!) conclui por convencer-me de que não a amava de verdadeiro amor, mas sómente de paixão carnal... » — Continuando, informa-o de que propuzera á mulher fugirem, mas que ella não quiz, e conclue, consoladoramente : « Não me amava, acredita-o » (!) Apezar de confessar que nem elle de facto lhe amava,

sinão de um amor carnal, a mulher, e nem era por ella amado, declara-lhe, entretanto, que tinha ciumes delle, e com a « presegurança » de que elle encontrando-a com outro homem — que delicadeza de sentimentos descobre esta previsão assim brutalmente exposta ! — mataria o adultero, Paulino diz-lhe que receia que elle a tenha matado tambem, e este receio, declara-lhe convicto, inquieta-o. Espera, « entretanto », que se haja commiserado della e a tenha perdoado. E, como um réles *cabotin* literario, põe-se a discutir com esse marido que devia suppor nos transes mais angustiosos que póde soffrer um homem, o caso da mulher. « Conheces as minhas theorias... porque leste o meu livro (!) », « espero que te hajas lembrado do que de mim leste e ouviste. » Não é preciso commentar para patentear o erro crasso que é esta carta, que não consegue dar ao leitor sinão uma impressão de enorme ridiculo.

Tal é num escorço rapido, e certamente mal feito, o romance do Sr. Valentim Magalhães. Este resumo julgo-o entretanto bastante para mostrar-lhe as imperfeições — que, diga-se em honra do autor, ninguem esperava achar numa obra sua. E não foi o seu malsinado prefacio que lhes poz criticos e leitores na pista, sinão o seu proprio vulto. O prefacio, ao contrario, valeu-lhe para se attribuirem as imperfeições

antes ás condições de execução do romance, que á incapacidade do escriptor para o genero. Não ha no seu livro, creio já o haver dito, nenhuma originalidade de concepção ou de execução. O drama, o leitor o terá visto, é banalissimo e banalissimas as personagens. É ainda um romance naturalista, com indecencias e immoralidades escusadas, quando o naturalismo é uma fórma esthetica acabada. Literariamente, portanto, é um erro. Ha mais nelle como que uma intenção de escandalo. Certos personagens episodicos trazem o nome ou a physionomia mal disfarçados de figuras conhecidas — recurso facil a que um verdadeiro artista, um creador, não sacrificará jamais.

A sociedade fluminense da *Flor de Sangue* é depravadissima. Não sei si ella é assim. Creio com Marcel Prevost, citado pelo autor, que « a litteratura de uma época é sempre mais moral que os seus costumes », e não me insurjo contra a crueza do quadro quando a resgata a excellencia da pintura e, principalmente, quando a determina uma necessidade superior da arte. Uma e outra não vejo em *Flor de Sangue*. Esta questão aliás da chamada « nota crua » do naturalismo, ninguem com leitura e gosto a discute mais ; é uma questão assentada ou regulada, como diria o Sr. Valentim Magalhães.

Zola, o mestre dessa feição especial da escola

— á qual não sacrificaram jamais, ou apenas em muito menor grau, nem Flaubert, nem Daudet, nem Maupassant, nem os proprios Goncourts — feitio ao alcance das mais mediocres intelligencias e ao sabor do gosto mais vulgar — Zola, si viver, não viverá por ella. O que lhe póde garantir um lugar na historia literaria da França e do mundo é, primeiramente, o caracter revolucionario da sua obra e a sua influencia, depois a sua indole social e finalmente algumas paginas que o seu genio epico animou de um largo e vibrante sopro de alevantada poesia. Estar a macaqueal-o, que ainda não conseguimos fazer outra coisa, é um erro de criterio literario e de léso bom gosto. A obra de Zola, mesmo emasculada das sordicias e obscenidades que a deslustram, é ainda, em certas partes ao menos, uma bella obra; da dos seus imitadores, aqui ou alhures, si lhe tirassem aquella feição, nada mais restaria, que por ella sómente se distingue.

O romance do Sr. Valentim Magalhães, porém, não é sómente naturalista pelo processo, tem mais a intenção de ser psychologico á maneira dos chamados psychologos — Bourget, Prevost e mil outros, que não são sinão os independentes do naturalismo; sem o zolismo estes sujeitos, porém, os citados ao menos, são de facto observadores, « moralistas » e

pensadores. Analystas ás vezes subtilissimos, logram penetrar, ou o que vale o mesmo em arte, dar-nos a illusão de que penetraram, os refolhos obscuros da alma dos seus personagens, a estructura do seu caracter, os seus moveis de acção. Em *Flor de Sangue* a psychologia, si nem sempre é falsa, é ou elementar ou de convenção. Nenhum dos seus personagens vive realmente, nenhum é um typo, nenhum é um caracter. Corina é a loureira, pervertida de temperamento e educação que temos encontrado em cem romances, sem nenhum traço particular que a distinga, sem nenhum relevo que a destaque; Fernando Gomes é igualmente vulgar, dessa vulgaridade por assim dizer indigna da arte; Paulino é o eterno seductor, voluptuoso, frascario ou *homme à femmes* como o romancista lhe chamou em francez, conservando uma ponta de sentimentalidade que o faz suicidar-se — suicidio que aliás não parece determinado pelos seus antecedentes, de sorte que se afigura mais um recurso de romancista que um accidente fatal no desenvolvimento da acção do romance. Fernando, que nos surge de repente como uma especie de Othello, é um desses maridos faceis creados pela artificialidade da alta vida do adventicio enriquecido sem trabalho. Observação não ha ahi, porque observar em arte não é sómente ver e descrever; é prin-

cipalmente distinguir aspectos novos nos phenomenos observados, e aspectos de que o artista tire effeitos estheticos ineditos. A arte seria uma coisa facillima, sem esta difficuldade ingente.

É opinião minha, talvez errada, mas profundamente arraigada, que assim como em philosophia e sciencia somos inaptos para cogitações abstractas e generalizações fecundas, somos por igual improprios para as creações artisticas que demandem capacidades efficientes de observação, de analyse, de generalização e de synthese. Não temos ate hoje um verdadeiro pensador, no rigor do termo. Em sciencia, apezar da existencia aqui vae por setenta annos de escolas superiores, não possuimos ainda um scientista original; tudo o que nas sciencias naturaes, por exemplo havemos feito que não seja a repetição dos tratados estrangeiros, pertence ao dominio da parte descriptiva e por assim dizer secundaria dessas sciencias. Em arte a mesma coisa. A nossa poesia, que no lyrismo deu de si amostras magnificas, não saíu jamais do mais estreito subjectivismo, e quando quiz fazel-o foi para glozar dogmas catholicos, com themas e pensamentos feitos. Si no romance temos meia duzia de obras consideraveis, *Memorias de Um Sargento de Milicias*, *Iracema*, o *Guarany*, *Innocencia*, o *Mis-*

sionario, o *Mulato*, e, com bastantes restricções, *Miragem*, *Casa de Pensão* e *Giovannina*, essas são puramente obras, não de imaginação creadora, mas de descripção, de observação concreta, de reproducção simples do visto ou do imaginado, sem nenhum elemento psychologico superior. Dahi a extraordinaria superioridade do nosso romance sobre o nosso theatro. No theatro, para fazel-o literario, exige-se uma philosophia, não se dispensam as idéas, reclama-se um pensamento — coisas todas de que no romance se pode prescindir, e sem as quaes não ha theatro algum. Poder-me-iam apontar contra a minha theoria *Braz Cubas* e *Quincas Borba*. O autor destes dois livros é uma excepção, que não fôra porventura difficil explicar, e talvez um dia eu tente fazel-o, que confirma plenamente o meu asserto. E a prova é que, apezar da justa admiração e legitima estima que lhe têm geralmente os poetas, artistas da escripta e homens de letras, a sua influencia é pequena em a nossa literatura ; nunca fez escola, nunca foi popular, mesmo no bom sentido da palavra e do facto. Si algum, aliás raro, escriptor, tentou imital-o, nenhum passou da cópia mais ou menos inhabil da sua maneira, sem jamais surprehender siquer os segredos do seu estylo, que não é sinão o reflexo do seu pensamento. Depois do Sr. Machado de Assis, só conheci

nas nossas lettras um escriptor, Raul Pompeia, que a raros dotes artisticos, reunia aptidões philosophicas e generalizadoras que applicadas á arte, ao romance em que elle se ensaiou, poderiam talvez desmentir o meu juizo.

Mas a politica — como si aquelle fino artista, aquella alta intelligencia fosse para ella! — o empolgou; e eu não sei si mesmo antes do triste desfecho que deu á sua vida, não seria elle já um morto para as letras. Um outro escriptor, o Sr. Aluizo Azevedo, mostrou ambições superiores no romance, mas as suas tentativas psychologicas são, sinão falhas, inferiores. O *Homem* é mais um romance pathologico (1) que psychologico e o *Livro de uma Sogra*, tentativa estimavel mas sem successo, só tem de original a fabula, que é ridicula. A superioridade deste escriptor está na sua obra de imaginação descriptiva, si posso dizer assim.

Para esta incapacidade ha uma porção de causas naturaes, explicaveis pelo nosso estagio de civilização e de cultura, pelo grau da evolução mental da massa brazileira. A todas ellas acresce, porém, uma que se póde talvez explicar tambem pelas mesmas causas geraes, mas que póde igualmente ser um vicio accidental: é

(1) V. in *Estudos Brazileiros*, 2ª série, no estudo sobre *o Romance naturalista no Brazil*, a analyse do *Homem*.

a pressa com que trabalhamos. Quasi não comprehendemos um Littré levando vinte e cinco annos a escrever o seu diccionario, com um trabalho ininterrompido de dez e doze horas por dia; um Flaubert, doze para escrever um simples romance, *Mme. Bovary*; um Pasteur, seis ou sete antes de publicar o resultado dos seus estudos incessantes sobre a raiva, exemplos que fóra d'aqui fôra possivel multiplicar inexgotavelmente. Todo o nosso trabalho espiritual é apressado, feito dia a dia. Por uma perniciosa illusão, tomamos uma certa facilidade de reproduzir concepções e maneiras alheias por talento proprio. Todas as nossas tentativas de generalizações são apenas reproducções, reflexos mais ou menos habeis, do pensamento estranho, e é com citações dos pensadores estrangeiros que, até no dominio da especulação pura, as sustentamos ou combatemos ás adversas — variando em geral de opinião, conforme variamos de leitura. Em todos estes phenomenos manifesta-se a pressa com que lemos, com que pensamos, com que produzimos; pressa, que acrescentada ás causas geraes da nossa natural inferioridade espiritual, lhe vem augmentar os effeitos, que realmente podiam ser diminuidos pelo trabalho demorado e reflectido.

Esse trabalho, que em geral não sabemos ter,

não o quiz tambem ter o Sr. Valentim Magalhães, e contando demasiado com a benevolencia do publico, sinão com os recursos do seu talento provado em coisas menores, escreveu em poucas semanas um livro que exigiria longos mezes.

O romance, porém, é um genero difficil. A sua propria abundancia torna cada vez mais custoso o pleno successo nelle. A fabula convenientemente inventada, a regularidade da composição, a correcção da linguagem, a excellencia do estylo, o sentimento das proporções, o bom arranjo das scenas e dos dialogos, tudo isto, mesmo em certo grau de perfeição, já não basta para dar a um romance superioridade e distincção. O genero foi tão trabalhado, e por tão habeis mestres, que para conseguil-as não se precisa mais que um certo talento, predisposição para o officio e applicação. É o caso de Jorge Ohnet e mil outros para os quaes nós, em que nos pése, não temos, entretanto, rivaes. Quer-se, porém, mais do que isso. A capacidade para encarar no romance, á maneira dos inglezes, os problemas sociaes, sem cair na declamação e na rhetorica, sem sair emfim do genero; a genialidade de representação de certos estados d'alma já de individuos, já de toda uma nação ou parte della, como fizeram os russos e os scandinavos; a ingenuidade profunda dos allemães em nos descreverem a sua vida, em

que o mais vivo sentimento pratico se casa tão bem com o idealismo innato da sua raça; a analyse subtil, feita de intelligencia e malicia, sceptica e sympathica ao mesmo tempo, servida por uma unica e inimitavel sciencia da composição dos francezes. E nessas diversas modalidades geraes, se requerem ainda qualidades individuaes, distinctas, excepcionaes no artista. Si o romance e o romancista não satisfazem a estas condições — a arte e a literatura nada lucram. Um livro a mais, um autor a mais, podem augmentar a bibliographia de um paiz, mas não enriquecer a sua literatura.

A leitura de *Flor de Sangue* não determinou em mim por fórma alguma esta opinião, que o estudo sincero da nossa vida literaria me dera ha muito, mas trouxe-me uma nova confirmação della.

Romances, poemas, estudos de sciencia ou estudos de historia, critica e philosophia, tudo fazemos ás pressas, como si, dotados de excepcionaes capacidades, nos forrassemos ás necessidades inilludiveis do tempo, como elemento indispensavel no trabalho intellectual. A natureza vinga-se, porém, condemnando a nossa literatura, sinão a um marcar passo perpetuo, a uma marcha vagarosa e frequentemente interrompida.

VI

UM HISTORIADOR POLITICO

O SR. JOAQUIM NABUCO

Um estadista do Imperio. Nabuco de Araujo, sua vida, suas opiniões, sua época por seu filho Joaquim Nabuco. Tomo primeiro, 1823-1856. Rio de Janeiro, H. Garnier, editor, s. d. (1898).

I

Escrevendo este livro, o Sr. Joaquim Nabuco não deu sómente um edificante exemplo de piedade filial : abriu um precedente que, por amor da nossa tão descurada e tão pouco sabida historia, quizeramos ver seguido. Uma das coisas que faltam á nossa historia — e quasi tudo lhe falta — são os documentos intimos, as memo-

rias, as correspondencias. Sem taes subsidios é impossivel conhecer bem a physionomia de uma época ou de uma personagem. Á historia feita apenas com os documentos officiaes, por sua mesma natureza impessoaes e incaracteristicos, falha forçosamente a vida, que só lhe póde vir dos elementos que permittam reconstituir a feição das coisas e dos homens pelo estudo psychologico destes e do meio em que viveram. Esse estudo é impossivel sem aquelles documentos privados e apenas com o soccorro dos monumentos burocraticos e officiaes. Dahi a insipidez geral da nossa historia, que tem a seccura e o incolorido de um relatorio.

O senador Nabuco de Araujo, o terceiro deste nome, diz-nos seu filho no prefacio do seu livro, « tinha o costume desde joven de guardar tudo o que lhe dizia respeito, as cartas e papeis por elles recebidas e a cópia da correspondencia que expedia ». Com esse material escreveu o Sr. Joaquim Nabuco este livro, que, graças a esses papeis intimos, além dos documentos officiaes, e communicações de amigos e contemporaneos do seu biographado, folhetos do tempo, tomou uma feição distincta na nossa literatura historica. Si a narrativa se apoia principalmente nas fontes officiaes, são evidentemente os documentos de intimidade, correspondencias, notas, reminiscencias da familia e dos amigos, recor-

dações do proprio autor, que animam e vivificam os homens de estado, politicos, jornalistas, revolucionarios, administradores que nella figuram e cujas feições moraes e politicas o Sr. J. Nabuco traça talvez, em alguns ao menos, com mais habilidade de artista que exactidão de photographo.

A magnifica galeria de retratos deste primeiro volume, de Wanderley (Cotegipe), Bom Retiro, Paraná, Rio Branco, Borges da Fonseca e outros é, em nossa literatura historica, uma das novidades e das bellezas do livro. São alguns feitos com grande sobriedade de tons e firmeza de traço. A vida palpita nelles, como no do Barão de Cotegipe, principalmente si o completamos com traços dispersos por outras partes do volume. Si é acabada a parecença, é para mim, segundo a impressão que deixaram no meu espirito, então juvenil, esses homens, duvidoso. A sinceridade é a grande qualidade deste livro, onde era sobre todas necessaria; de tal modo, que não seria custoso fazer com elle um processo rigoroso da monarchia, ou pelo menos fundando-se nelle voltar contra ella accusações que ao actual regimen fazem os seus sectarios. Esta sinceridade do historiador, creio, será a mesma que guiou a mão do artista na pintura daquelles retratos, e não a ponho absolutamente em duvida. Ha, porém, hoje, entre o seu espi-

rito e aquelles homens e as coisas que elles fizeram, uma tal affinidade, uma tão intensa sympathia, que inconscientemente lhe empana a nitidez da visão. Não sei mesmo si o pintor não transportou para os seus retratos traços que nem sempre se achavam nos modelos, ou pelo menos si não acentuou os que mais apagados nelles havia. É aliás commum apaixonarem-se os artistas pelos seus modelos, e emprestarem-lhes perfeições que porventura são reminiscencias. O Sr. J. Nabuco, sem embargo do seu profundo e esclarecido patriotismo, é mais um espirito europeu que um espirito brazileiro. Permitam-me observar que dizendo-o não entendo fazer-lhe um reproche. Educado na leitura, no estudo e até no trato de estadistas e politicos estrangeiros, as figuras desses homens impressionaram fortemente a sua imaginação. Creio acertar, mais que elle a respeito do Conselheiro Saraiva, achando que a imaginação é uma das suas qualidades dominantes. Tambem com a imaginação impressionada pelos homens e coisas européas, pintou elle alguns dos nossos estadistas e descreveu alguns aspectos das nossas coisas.

Fel-o sempre, porém, com sinceridade e boa fé, que é uma das maiores recommendações do seu livro. E tanto mais difficil era fazel-o, e portanto de louvar o haja com tanto successo

feito, que o seu thema era a vida de seu pai, e, subsidiariamente, a historia de um regimen que lhe é caro.

A medida, a sobriedade, a arte rara e difficil de saber limitar-se, e o sentimento dos matizes não são virtudes proprias ás literaturas principiantes dos povos apenas no limiar da civilização, e carecedores de cultura. A superioridade de um escriptor nestas condições póde-se avaliar por essas qualidades. O Sr. J. Nabuco possue — e aliás este livro apenas confirma o que os seus anteriores escriptos já haviam revelado — em alto grau estas qualidades. Neste, porém, por aquelles motivos, eram ellas mais necessarias e revelantes. E das difficuldades que o proprio assumpto accumulava sob seus passos, se saiu elle com a correcção de um homem de bom gosto e bem educado, de um *honnête homme*, como chamavam os Francezes do seculo XVII.

A figura de seu pai, o terceiro senador Nabuco, vive neste livro com o justo relevo que lhe deviam dar as suas qualidades de homem de estado e o ser elle proprio o assumpto do livro. O escriptor não o julga com adjectivos — segundo o habito tão nosso — não panegyriza, não advoga. Em duas occasiões, o seu espirito liberal e de liberal, o seu espirito de homem moderno recalcitrante no seu moder-

nismo, apezar de não sei que retrogradações ao passado, se encontra com factos que deviam estabelecer um doloroso conflicto entre o seu sentimento humano e a sua piedade filial. Elle não os evita, nem os attenúa, explica-os á luz dos principios de critica historica que julga os factos correlacionando-os com os sentimentos do meio. Os dois factos a que alludo são o julgamento dos rebeldes pernambucanos em 1848 (pag. 108) e o procedimento de Nabuco respeito a um escravo da Corôa (V. Cap. *O. Trafico e a Escravidão*; *Ideias da época,* p. 247).

Os primordios de Nabuco são contados com simplicidade e parcimonia, realçada a narrativa com o pitoresco e a psychologia social que o assumpto comportava. A existencia das familias de funccionarios, as viagens inter-provinciaes, no Norte, a physionomia e a vida das capitaes provincianas, como Belém do Pará, e da Côrte, os costumes, os habitos, as crenças do Brazil no começo do seculo, si não são quadros acabados, são esboços interessantes e bem feitos. Depois destes a vida academica de Nabuco, como o foi a sua infancia, é motivo tambem para novos estudos, rapidamente traçados, do meio escolar das Academias do tempo, das ideias e ambições que o agitavam e da influencia que tiveram sobre o protogonista. Os seus primeiros empregos, como a sua primitiva actividade poli-

tica no jornalismo academico, e depois a sua estreia parlamentar, acontecimentos de familia, e toda a sua vida publica de 1843 até a demissão, ou melhor dissolução do ministerio Paraná em 1857, tudo é recontado, de par com os successos politicos que encheram esse periodo da nossa historia, com a narrativa dos acontecimentos, o estudo dos factos, a apreciação dos homens.

O livro do Sr. Joaquim Nabuco é assim, mais que a vida de seu pai, a exposição da sua época, quasi uma historia do segundo reinado. Essa historia, porém, não é inteira e completa, mas parcial; mais um quadro em que, pelas proprias limitações da perspectiva, não vissemos sinão um aspecto dos acontecimentos, que um panorama onde todos elles se desenvolvessem circularmente á nossa vista. O reparo não póde ser uma censura, porque o autor não quiz fazer outra coisa e lisamente o declara. Nada obstante, o quadro é, porventura, o melhor e quando concluido talvez o mais completo dessa época.

Creio, entretanto, que sem sair do seu proposito, o Sr. Joaquim Nabuco poderia ter evitado os hiatos do seu livro. Parece-me se haver cingido demais aos elementos deixados pelo senador Nabuco, e só parcimoniosamente aproveitou ou procurou outros subsidios, que talvez o houvessem auxiliado a melhor destacar a

figura central, a alargar o quadro geral e a dar-lhe mais acabamento. As soluções de continuidade da sua narrativa, que passariam despercebidas e seriam naturaes em paiz onde a historia politica fosse de todos conhecida, impressionam o leitor brazileiro, por via de regra ignorante da sua propria historia. Sei que o Sr. Joaquim Nabuco não tinha o intento de nos contar por miudo a da época estudada no seu livro; si o reparo é justamente para lhe evitar a censura, e prevenil-o, infelizmente tarde, contra o seu methodo, que legitimo e praticado em paizes de mais cultura historica, esqueceu que ao leitor brazileiro era necessario tudo dizer, embora laconicamente.

Acaso um defeito da estructura do livro concorre para mais realçar essas deficiencias da continuidade da narração a que chamei hiatos. O Sr. Joaquim Nabuco adoptou o systema, muito prezado pelos Inglezes, de dividir os seus capitulos em paragraphos sujeitos a uma epigraphe. O processo, que para certo genero de obras é de grandes vantagens, tanto para o escriptor como para o leitor, tem a utilidade não desdenhavel de evitar a difficuldade das ligações. São justamente essas ligações que, ao meu ver, faltam frequentemente entre um paragrapho e outro do livro do Sr. Joaquim Nabuco, tornando mais salientes aquelles hiatos.

Na architectura, aliás excellente, do livro não é este talvez o unico senão. O Sr. Joaquim Nabuco, como todos os historiadores dignos deste nome, vê na historia — e já disse que o seu livro não é uma simples biographia, mas um livro de historia — uma obra d'arte. E trata o seu assumpto com preoccupações de artista, de escriptor convencido de que a arte de escrever é essencial a qualquer assumpto. Elle não confunde a nossa rhetorica, a que eu não chamarei latina porque della é preciso excluir a França, com a arte complexa da composição, da expressão do pensamento, do desenvolvimento da narração em uma fórma literaria pela estructura e pela correcção, elegante sem atavios, sobria sem obscuridade, eloquente sem emphase, simples e natural sem banalidade. N'este livro, feito certamente com amor, o escriptor de *Balmaceda* e do brilhante *Discurso* da inauguração da Academia Brazileira, mais se apura e aperfeiçôa. O seu estylo se faz mais sobrio, a sua frase menos ornada, a sua adjectivação mais parca. Com um mais cabal conhecimento da lingua, um mais copioso vocabulario, não sei de escriptor brazileiro que se pudesse avantajar ao Sr. Joaquim Nabuco. Mas, infelizmente, a sua syntaxe é nimiamente franceza, o seu vocabulario pobre. Não ignoro que a riqueza de vocabulario não é qualidade proc-

minente num escriptor; a arte de escrever depende consideravelmente mais da combinação dos vocabulos e das frases que da cópia delles. Possuir, porém, a lingua, para tirar della todos os effeitos e exprimir com ella todas as sensações e idéas, nas suas gradações e subtilezas, suppõe a sciencia do lexico, com um profundo e quasi innato sentimento da lingua e do seu genio. São rarissimos os grandes escriptores fóra da sua lingua nacional. Não estou longe de crer que a excassez relativa de grandes escriptores nos povos de segunda ordem provem desses povos viverem do pensamento alheio; não elaborando elles proprios o seu, não o formulam segundo o rithmo linguistico do falar materno, sinão conforme as formulas das linguagens estrangeiras onde se originou. Não se dá nelles a reacção do pensamento sobre a expressão, da idéa sobre a palavra, sinão em grau limitado, ou, e mais acertado será, essa reacção faz-se com sacrificio da lingua nacional, com violação ou menoscabo do seu genio.

O facto é muito apreciavel, parece-me, no Sr. Joaquim Nabuco. Elle está, justamente pela sua elevada cultura e copiosa leitura das linguas estrangeiras, ingleza e franceza principalmente, na situação commum a todos os Brazileiros cultos. Todos não achamos no patrimonio da lingua materna os germens de idéas

requeridos pela nossa actividade cerebral. Os nossos velhos classicos, em outros povos os mestres do pensamento nacional, os formadores do genio literario da raça, de parte o que nos podem ensinar da lingua, são fontes seccas para a nossa intelligencia. Os nossos educadores intellectuaes não são sómente os philosophos, os pensadores dos grandes povos directores do mundo, mas ainda os seus poetas. Sem falar nos da antiguidade greco-latina, os classicos de todas as civilizações daquella derivada, Dante, Shakespeare, Cervantes, Molière, Goethe, são tão nossos mestres como Camões. Quem opporiamos nós aos nomes dos Erasmos, dos Spinosas, dos Bacons, dos Descartes, dos Pascals, dos Kants? Ora, é na lingua destes, ou na dos seus interpretes, commentadores ou expositores, dos seus discipulos ou adversarios, modernos ou contemporaneos, que aprendemos a pensar.

O pensamento do Sr. Joaquim Nabuco, em certo sentido um dos mais originaes da nossa literatura, exprime-se por via de regra em uma lingua em que um purista teria a reparar. A estructura da sua frase, como a do seu periodo, é mais franceza que portugueza ou mesmo brazileira. Falta variedade ás suas modalidades syntacticas. O seu vocabulario é escasso. O seu estylo, sem ser peculiar — e o estylo pecu-

liar, a maneira, individual ou de escola, é a negação da grande arte de escrever — é, porém. pessoal. E, phenomeno curioso, mas que me parece incontestavel, apezar das falhas e senões notados, o Sr. Joaquim Nabuco é um escriptor do mais alto merito. Em primeiro lugar, o Sr. J. Nabuco sem absolutamente nenhuma preoccupação de classicismo, de purismo, mas apenas de elegancia e distincção, escreve com vigor a lingua commum, a lingua corrente. Dahi a clareza, quasi ia dizer a claridade, do seu estylo, si uma ou outra vez a finura rebuscada do pensamento não lhe puzesse alguma sombra. Este defeito, aliás, não se encontra neste seu livro. Depois, o que falta na sua lingua em variedade de fórmas e em abundancia de vocabulario, sobra em pensamento, em originalidade de expressão, em distincção de conceitos. Um escriptor que foi um dos mestres do pensamento do Sr. J. Nabuco e do seu estylo, E. Renan, diz que a regra fundamental do estylo é ter unicamente em vista o pensamento que se quer transmittir e por conseguinte ter um pensamento. O preceito, de um dos mais admiraveis mestres na arte de escrever, explica a superioridade do Sr. Nabuco como escriptor; é que elle tem um pensamento a persuadir-nos.

Daquelles conceitos, onde se acha tambem o imprevisto, mesmo a originalidade da idéa, está

salpicado este primeiro volume de *Um Estadista do Imperio* : — « Os estadistas bahianos possuiam em grau superior a todos os outros a adaptação prompta, a flexibilidade impessoal, que constitue o temperamento politico. » — « Em nossa politica, e em nossa sociedade pelo menos tem sido essa a regra, são os orphãos, os abandonados, que vencem a luta, sobem e governam. » — « No fundo a revolução de 7 de abril foi um desquite amigavel entre o imperador e a nação... » — « A igualdade que reina em nossa sociedade é um effeito da indolencia e não uma virtude que custe o menor sacrificio ou revele generosidade de sentimento. — A fatalidade das revoluções é que sem os exaltados não é possivel fazel-as e com elles é impossivel governar. »

Acrescente-se que a trivialidade, a banalidade de pensamento ou de expressão, repugna instintivamente, physicamente, ao seu temperamento, e ter-se-á o segredo do merecimento do Sr. Nabuco como escriptor. Si eu procurasse caracterizar o seu estylo com uma palavra, creio que o melhor seria chamar-lhe distincto. Nelle temos mais um frisantissimo exemplo dessa alliança intima do escriptor e do homem que se resume na frase proverbial tomada a um periodo de Buffon : o estylo é o homem. O seu estylo tem sem a minima declamação (não ha nas

quatrocentas paginas deste livro uma frase declamatoria), a eloquencia do orador e a distincção do cavalheiro. Este trecho dá, julgo eu, a medida desse estylo, e do mesmo passo justifica os meus louvores e reservas :

« Durante esse ministerio (Paraná) o Imperador então na flor da idade, tinha chegado á madureza do espirito politico. Já não era o espirito hesitante, timido e por isso mesmo ás vezes temerario, que fôra nos primeiros gabinetes do reinado, desconfiado de que se o pudesse acreditar pupillo dos seus ministros e darlhe um favorito. Segurava as redeas com a mão firme e tranquilla de antigo bolieiro. Tambem os maus caminhos estavam passados; o reinado entrava afinal na larga estrada real, não havia mais que olhar, nem á direita nem á esquerda, para os atoleiros e para os precipicios. O carro rodava sobre o mais suave e o mais liso empedrado parlamentar. Não dispunha pouco em favor do monarcha viver elle em perfeita harmonia com o presidente do Conselho, homem de vontade e deliberação, que não podia nunca ser instrumento.

« A verdade é que o Imperador nunca quiz fazer de seus ministros instrumentos; para isto seria preciso que elle quizesse governar per si, o que elle não podia fazer. Faltavam-lhe para quasi todos os ramos de administração as qua-

lidades do administrador. O Imperador exercia, sim, uma especie de censura e de superintendencia geral; era o critico do seu governo, mas para governar elle mesmo, ser-lhe-ia preciso a faculdade que não têm os criticos, de fazer obras como as que analysam. O que elle queria nos ministros, para ter esse direito de fiscalizar, de suggerir e de obstar, que livremente exercia, era docilidade em escutar e conformidade com a prerogativa que a Constituição lhe conferira. Não os queria soberbos, não os conservaria servis. Os presidentes do Conselho no seu reinado formam nos annos, sobretudo em que se lhe poderia imputar ambição de mando, a mais perfeita lista de homens incapazes de adulação e servilismo que se possa compôr. O que havia nelles todos era a deferencia razoavel do ministro de Estado para com a Corôa, o modo de ouvir respeitoso, a diligencia de attender, dentro dos interesses publicos e das conveniencias e compromissos do partido, ás observações do Imperador. Isto, de certo, o Imperador exigia dos seus ministros, mas isso não era reduzil-os ao papel de instrumentos. Em certos pontos o Imperador sentia, por vezes, de modo imperioso e inflexivel; mais de um teve que deixar o poder por ver que lhe faltava a confiança da corôa, por motivo de desacordo com ella. De algum modo, póde-se dizer que foi elle, inspirando-se na opinião, quem

traçou a linha geral do reinado, isto é, da historia politica e em parte social do Brazil durante quasi meio seculo; mas essa direcção continua, si supunha ás vezes mudança de homens seguindo o espirito do tempo, por isso mesmo repelia a idéa de subserviencia e automatismo por parte dos estadistas chamados. O governo era delles em todos os seus detalhes, limitando-se o Imperador a observações e indicações que elles acceitavam na medida que lhes parecia conveniente, porque nunca tinham o caracter de imposições. O que se dava é que perante o governo era elle o procurador da opposição no que tinham de legitimo e de fundado as queixas e censuras desta; que elle não se identificava com o partido dominante e revestia-se sempre da imparcialidade e frieza do poder que a Constituição mesma chamara de moderador. Bastava isto para traçar em Conselho uma linha divisoria sensivel entre elle e os ministros. Em virtude desse caracter arbitral supremo, de que não se despia nunca, o Imperador tornava-se o fiscal severo e exigente do pacto, para assim dizer, que fazia com cada ministerio; todos elles subiam ao poder com um certo compromisso ou tacito ou expresso com elle, com o parlamento ou com o paiz e desse compromisso elle não deixava nenhum escapar. Era assim uma especie de guarda, ao mesmo tempo, de uma certa

tradição de governo superior aos partidos e protector das opposições da qual fazia uma Monita constitucional não escripta e do programma politico a que dera sua approvação. Durante o ministerio Paraná esse programma será a conciliação e a liberdade eleitoral. Uma vez que os gabinetes se conservassem fieis á idéa em nome da qual se tinham organizado, elle relevava-lhes todas as faltas e insufficiencias; a sua desconfiança começava no momento em que os via dispostos a quebrar a escada de que se serviram para chegar ao poder ».

O defeito, porém, na estructura do livro, a que eu me ia referir quando occorreu esta digressão, e que prejudica a narrativa no seu desenvolvimento e na pureza das suas linhas, é a intercalação de longos trechos de discursos, relatorios, projectos e até avisos acompanhados das competentes formulas de destinação e de cortezia official. Penso que o processo se não coaduna com as preoccupações literarias e artisticas que o livro revela. Melhor fôra sem duvida que, a exemplo de illustres modelos, o autor se limitasse no texto, ao menos na maioria dos casos, a resumir ou condensar doutrinas e palavras daquelles documentos, que achariam por ventura melhor lugar nas notas ou nas peças justificativas. Si casos ha onde a sua transcripção no corpo da narrativa

é uma necessidade, a reforça e até a embelleza, mais frequentes são aquelles em que, si não me engano, a prejudicam e entorpecem.

II

A primitiva fase do Sr. Joaquim Nabuco foi, creio, literaria. Na primeira mocidade, e por assim dizer de passagem, foi poeta. Depois critico com *Camões* e *os Lusiadas*, com as chronicas literarias *As segundas* do antigo *Globo*, com as conferencias sobre arte, do salão da Gloria, com um ephemero e brilhante jornal literario a *Época*, si não lhe erro o titulo. Ha em *Camões e os Lusiadas* mais de uma vista certa da literatura brazileira e mais de um conceito corre na critica indigena, cuja prioridade o autor deste livro teria o direito de reivindicar. Os seus folhetins criticos mereceriam acaso reedição.

Cedo, porém, devia amanhecer no Sr. Joaquim Nabuco o gosto pela politica; esse gosto o encontrava elle nas suas tradições de familia e no meio social em que vivia e o achava demais no seu temperamento. O literato foi simultaneamente jornalista politico. As questões

sociaes, ou da politica a parte mais elevada, atrairam sempre mais a attenção do Sr. Nabuco que os mesquinhos interesses de partido e as lutas miseraveis das competencias pessoaes e das intrigas de bairro. O problema da escravidão no Brazil o occupou cedo, e o jornalista politico se fez o publicista da abolição, e dará a essa causa o melhor de si mesmo. Eloquencia das mais perfeitas que hajamos tido, estylo brilhante, nome historico, reputação mundana, força, mocidade, belleza, tudo poz ao serviço da causa da abolição, com um não vulgar desinteresse politico.

Mas na Camara, como na polemica ou na propaganda escripta do abolicionismo, elle é sempre um homem de letras, um artista, um pensador. Advinha-se que não será nunca, nem um politico material, sem cultura e sem pensamento, como a maior parte desses cujos retratos devia desenhar mais tarde na vida de seu pai (1), nem um literato da literatura ligeira —

(1) « Senhores, o homem que trabalha, que estuda no nosso paiz, não póde viver muito bem com os dominadores da época... porque os nossos velhos que estudaram de 1826 a 1832 contentam-se com o que então estudavam, entendem que depois disso nada ha melhor... elles não estudam. Vae-se á casa da maior parte dos nossos estadistas, com excepção de alguns que capricham em andar a par da sciencia, e no seu gabinete se vê apenas uma estante deserta, ás vezes

a negação da literatura — de letras amenas e futeis. O seu temperamento é politico e politicas todas as suas preoccupações. Qualquer que seja a directriz do seu espirito, se orientará sempre para as questões politicas e sociaes. Contrariamente, porém, á maneira brazileira, elle é, á maneira ingleza principalmente, um politico forrado de um « escolar », de um homem de cultura, de um literato. Especie rara entre nós, não julga a politica, a propaganda de uma idéa, as lutas partidarias, as occupações de deputado, incompativeis com a devoção e a pratica das letras. Seu ideal, seus modelos não serão os homens que nos descreve hoje, mas os Thiers, os Disraelis, os Gladstones, os Morleys, os Guizots, politicos militantes e escriptores de profissão ao mesmo tempo.

Mas é difficil dizer si vencida a campanha da abolição, cessada a especie de quarentena em que por motivo della o poz o seu proprio partido, a politica, com as suas tentações de Messalina — a alcunha é de Octaviano — dando

dois guarda louças pequenos com algumas brochuras, talvez esses relatorios que aqui se distribuem... homens que não estudam, que não lèem nada... » — Discurso de Ferraz na sessão de 1855, *in Um Estadista do Imperio*, pag. 203 — A este respeito, não sei si as coisas terão mudado. Creio piamente que não, apenas os « guarda-louças » terão sido substituidos por alguma estante de ferro.

todas as satisfações ás suas justas ambições, não acabaria por fazer delle, como deste atheniense da rua do Ouvidor, apenas mais um senador ou um chefe de partido. Não o concebo, aliás, muito bem nesta ultima posição, para a qual creio não o talhou o seu temperamento aristocratico. Tambem não creio que o geito do seu espirito e do seu caracter lhe propiciasse facil caminho na politica partidaria do paiz. Pendo antes a crer que a insubmissão que sempre revelou lhe seria estorvo ao accesso aos altos postos. A sua maneira politica era evidentemente antipathica ao meio. Precioso alliado na opposição, era um amigo inquietador no governo. Tinha ideias, e gostava de manifestal-as, e então, como hoje, era isso um defeito grave aos olhos dos partidos. É o caso de José de Alencar, de Ruy Barbosa, de Taunay, e de outros. Taes sujeitos têm sempre sido mal encarados pela nossa myopia politica. Os intellectuaes são vistos com desconfiança por ella. A vida do Sr. J. Nabuco, como nos descreve a de seu pai, seria, sinão toda interior — a campanha abolicionista mostro-o capaz de exteriorizar-se — « cerebral », e a sua intelligencia, sempre em trabalho, o tornaria improprio, como diz áquelle aconteceu, « para tudo que em politica é competição pessoal, luta ephemera pelo poder, conflicto de interesses secundarios ». Formulando este con-

ceito sobre seu pai, o Sr. Joaquim Nabuco julgou-se talvez melhor a si mesmo.

Mudado o regimen, o Sr. Joaquim Nabuco, que com honrosa clarividencia ao seu criterio politico lhe annunciára a mudança nos derradeiros dias da sessão da Camara de 88, achou-se sem emprego da sua actividade.

É a esta inactividade forçada, já que não quiz arrolar-se entre os « adhesistas » ao novo regimen, que devemos a nova fase da sua actividade intellectual, esta toda consagrada ás letras. Mas não ás letras puras, á critica, á historia literaria, campos que arroteou em moço, á philosophia, desprendidas de preoccupações praticas e tendo apenas as necessarias relações com a sociedade e as questões que a agitam. Não, o seu temperamento politico lh'o não permittia. Os seus primeiros opusculos logo após o advento da republica, os seus artigos de jornaes diziam que si elle se resignava á derrota da sua causa, não se conformava com a victoria e mantinha com a fé e a esperança, a preoccupação viva e curiosa da coisa publica. O tempo, porém, fez a sua obra, e sem injuriar a seu caracter, nem duvidar das suas convicções, eu creio que o Sr. Joaquim Nabuco é apenas hoje um « sebastianista », no sentido historico do epitheto. O politico desappareceu nelle na medida em que póde desaparecer num individuo qualquer

das manifestações do seu temperamento, e o escriptor prevaleceu. Este escriptor, porém, será um escriptor politico, mas politico no mais alto sentido da palavra. A sua literatura será literatura politica. E como de todos os generos literarios, o que mais de perto toca á politica é a historia, elle se fará historiador. *Balmaceda*, *A Intervenção Estrangeira* e agora *Um Estadista do Imperio* são a resultante dessa direcção do seu espirito.

Referiu algures o Sr. Joaquim Nabuco, que em uma das suas visitas a Renan, o admiravel escriptor lhe aconselhara dedicar-se á historia. Presentira o penetrante historiador das *Origens do Christianismo* no seu joven interlocutor disposições para esse genero literario ou apenas lh'o aconselhara por considerar a historia a mais alta e a mais digna occupação de um homem votado aos labores intellectuaes? O proprio senhor Nabuco se não equivocou sobre a razão do conselho, e percebeu que este ultimo motivo era o de Renan. Quando, porém, as circumstancias orientaram o seu espirito para a historia, certo lhe terá lembrado o aviso do sabio e encantador critico dos Evangelhos. Renan não se enganava de todo julgando dar ao seu exotico admirador um bom aviso.

Ha no Sr. Joaquim Nabuco qualidades de historiador, mas, infelizmente nem todas, nem

completas. Um historiador precisa reunir as qualidades de philosopho, de escriptor, de erudito. A historia, obra de erudição, é eminentemente tambem obra d'arte e de philosophia. Não são as capacidades de artista e de pensador que faltam ao Sr. Joaquim Nabuco. Mas não sei si possue no mesmo grau as de erudito.

O seu trabalho historico, por ora, é apenas de critica e de generalização. *Balmaceda* é feito sobre o livro com o mesmo titulo de Bañados Spinosa; a *Intervenção Estrangeira*, que é menos um estudo de direito internacional que de historia politica e diplomatica, com os documentos publicados pelo ministerio das relações exteriores, pelas nações que aqui tiveram esquadras no periodo da revolta, a obra do commandante Castilho e, sobre tudo, com as recordações do autor, testemunha presencial dos factos; o seu estudo sobre Anchieta, de tão alevantada concepção e distincta forma, como o da rainha Victoria, são tambem generalizações sobre factos e documentos conhecidos. *Um Estadista do Imperio*, a sua obra mais consideravel até hoje, é igualmente, como o declarou elle mesmo, feita quasi exclusivamente do material accumulado por seu pai.

Em nenhum desses trabalhos, todos aliás de merito, não ha lavor propriamente de erudição: a pesquiza, indagação e critica das fontes, a

rebusca de documentos, o exame e comparação delles, a sua escolha e classificação. Contestar, só porque o senhor Nabuco não fez ainda esse trabalho, que seria incapaz de fazel-o, fòra temerario. Quer me parecer, entretanto, que amando os estudos historicos, na medida ao menos em que elles servem aos estudos politicos, o pendor do seu espirito não é para taes labores.

A historia para elle não é mais que a politica em theoria, della o que lhe interessa é a parte contemporanea, cujos actores ainda conheceu e de cujos actos sente ainda os contrachoques. A desenterrar a historia do pó dos archivos como, para não sairmos da nossa lingua, Herculano, elle preferira animal-a com o seu pensamento, com a sua critica, com a sua generalização, como Oliveira Martins. Este, a critica daquella parte da historia que realmente o preoccupa e as generalizações historicas, será na historia o seu campo de acção predilecto. E, pelo que de sua obra principal conhecemos, podemos estar certos que os frutos da sua actividade ahi serão dos mais bellos e sazonados.

A tarefa que nesta obra se impoz o Sr. Joaquim Nabuco não era por modo algum facil. Elle tinha de agrupar em roda da figura central. a do senador Nabuco de Araujo, todos os homens e acontecimentos da época em que este viveu, sem emprestar-lhe a elle a preeminencia sobre

os homens ou a direcção dos successos. Já disse como da empreza se saíu; com a mesma arte com que desenhou e collocou, cada um no seu lugar, os acontecimentos, tal que ao espirito não acode suspeitar-lhe a imparcialidade.

A menos que não queiramos transformar a nossa apreciação em polemica, temos de aceitar o ponto de vista donde o Sr. Nabuco julga os homens e as coisas do segundo reinado. O Sr. Nabuco é um monarchista constitucional, que começa por admittir em principio a excellencia theorica do regimen e da sua pratica entre nós. Mas é tambem, por indole e educação, consubstanciando nesta palavra todas as influencias que sobre elle actuaram, sinão um livre espirito, um liberal, « organicamente liberal, » como diz de seu pai.

Dentro do principio politico por elle aceito, não tem pequices de partidario nem intransigencias de sectario; move-se nelle a vontade e, sem duvidar jamais da sua excellencia, não lhe custa muito descobrir-lhe imperfeições e revelal-as. Igualmente se não julga obrigado pelo seu patriotismo a esconder os defeitos de sua patria e dissimular os erros do seu governo. Não hesitará em reconhecer os serviços da Inglaterra na abolição do trafico, embora nos houvessem custado algumas humilhações. Os revolucionarios das épocas agitadas que se seguiram á inde-

pendencia, si encontram nelle reprovação, não acham na sua penna a mais leve injuria ou siquer menospreso. Não se recusa a fazer ouvir ambas as partes, como no julgamento de Tosta, (Muritiba) o presidente nomeado para debellar a revolta praieira.

Esta revolta elle a julga, como o senador Nabuco já a julgara no tempo, como um movimento mais social que politico. O conceito parece verdadeiro, e mostraria quão errados vão os que negam a possibilidade da questão social entre nós. Ella existiu com a revolta que victimou Nunes Machado, existiu com a escravidão e existe com o proletariado que o nosso regimen burguez está imprevidentemente criando. Não seria difficil mostral-a em acontecimentos bem recentes.

Para o Sr. Joaquim Nabuco a regencia de 1831 a 1840 equivale a uma experiencia « nas condições mais favoraveis em que podia ser feita » da republica em nosso paiz. Tal experiencia foi ao seu parecer falha e demonstrativa contra esse regimen. O desastre dessa republica de facto foi, diz elle, completo. Sem lhe aceitarmos o juizo, não se póde negar a originalidade e, até certo ponto, a justeza do conceito. Não menos justa é a sua opinião da Regencia, que « apparece como uma grande época nacional, animada, inspirada por um patriotismo

que tem alguma coisa de sopro puritano. » A Regencia sempre se me afigurou a grande época da nossa historia moderna, como o Romantismo a grande época da nossa literatura, e este conceito se confirma com a leitura do livro do Sr. Nabuco.

O Sr. Joaquim Nabuco, sabem-no todos os que têm lido os seus escriptos politicos depois da republica, é um militarista convicto, neste sentido que na sua opinião sómente o exercito, substituindo desta arte a monarchia na sua funcção historica, garante a unidade brazileira. O seu militarismo tornava interessante conhecer-lhe a opinião sobre o papel do exercito no *Sete de Abril* e successos subsequentes. É de ler todo o paragrapho do *Sete de Abril*, onde ella vem exposta. Ha nelle mais de um asserto verdadeiro; não quero, para exemplo, sinão este : « Basea-se sempre em alguma equivocação, e por isso é ephemero o pacto politico do exercito com partidos extremos e elementos revolucionarios. » A razão fundamental é, a meu ver, que o exercito, por mais liberal que se supponha, é uma sobrevivencia do passado ; sobre elle pesa, mesmo mau grado seu, toda a tradição de força e violencia de que nasceu e que por longos seculos tem servido O exercito republicano de 93 foi o mesmo de Bonaparte e de Napoleão.

Raros são os espiritos que as decepções politicas, as derrotas do seu idéal, não fazem retrogradar, a ponto de, si eram liberaes, tornarem-se conservadores e atingirem quasi ao reaccionarismo. A mudança do nosso regimen politico, e os acontecimentos por elle creados, fornecem grande numero de exemplos disso. O conservantismo do Sr. Ruy Barbosa, a sua recente conversão á religiosidade politica anglo-saxonia, são os productos da decepção causada pelo illiberalismo da republica, que elle — singular engano em um sociologo! — imaginara o regimen de todas as liberdades praticas. O liberalismo organico do Sr. J. Nabuco impede-o de ser um reaccionario, mas não de se tornar um conservador, e, sobretudo, um *laudator temporis acti*. Falando da Regencia diz elle que « os homens tinham nesse tempo outro caracter, outra solidez, outra tempera, os principios conservavam-se em toda a sua fé e pureza ; os ligamentos moraes que seguram e apertam a communhão estavam ainda fortes e intactos. » Mais adiante, apresentando-nos a « figura quasi inedita, como bem lhe chama, de *sebastianista* saudoso do tempo colonial » de Gomes de Campos, Barão de Campo Grande, procurador da corôa, repete o Sr. Nabuco o seu encomio ao passado. « Quem não sentirá, reflecte elle, que realmente os costumes têm

outra seriedade, a vida outra dignidade, a sociedade outros vinculos, o caracter outra tempera, á medida que se remonta ao passado. »

Si todos sentissem isto, como parece imaginar o Sr. J. Nabuco, o progresso seria uma mentira. Não é aliás raro, ao contrario, esse panegyrico do passado, e nem só os espiritos conservadores, reaccionarios ou decepcionados se voltam para elle e lhe entoam lôas. Parece-me que, em primeiro lugar, ha nesses espiritos uma confusão entre o apreço do passado, como o factor do presente e do futuro, e a saudade delle; depois um desconhecimento da evolução humana. Nenhuma escola philosophica, de parte os sophismas de Rousseau e seus discipulos, e a concepção theologica do paraiso, logo aliás emendada pela do Messias e do Reino de Deus, nenhuma das escolas que governam o pensamento occidental ao menos, poz a perfeição da humanidade no passado, mas no futuro. A historia não é sinão a demonstração, não me arreceio de dizer mathematica, disto. Quaesquer que sejam as restricções que os pensadores façam á idéa de progresso, nenhum, nem mesmo os religiosos, o contesta ou nega. Essa idéa é hoje um principio adquirido para a sciencia como o da circulação do sangue. Não poderiamos comprehender o mundo sem elle, e sem elle a actividade humana ficaria sem

objecto. É em summa, em toda a força da expressão, uma noção positiva. Como, pois, conciliar esta noção com a negação que implicam taes panegyricos? Nem valem os subterfugios e sophismas com que se pretende separar differentes fórmas de progresso. Essas fórmas : progresso intellectual, progresso material, progresso moral, não se desenvolvem, é certo, simultanea e symetricamente, mas seria impossivel contestar a sua correlação. E si não é maior essa correlação é porque factores sociaes consideraveis estorvam a normalidade da sua relação. É evidente, porém, que, por exemplo, uma certa moralidade corresponde a uma certa cultura.

No passado brazileiro, a que com tanto elogio se refere o Sr. Nabuco, sendo as condições sociaes inteiramente outras que as actuaes, faceis, como elle mesmo as descreve no começo do seu livro, menos aspera era a concurrencia e menos ardente o conflicto de interesses. O capitalismo não havia ainda creado as profundas differenças sociaes que, sem embargo da democracia, fazem a desigualdade de hoje. O unico proletario era de facto o escravo. O regimen industrial apenas se esboçava modestamente. Era muito menos sensivel a distancia entre o rico e o pobre; e á vida mediocre de uma sociedade patriarchal, apenas agitada

por um generoso ideal politico, correspondiam as virtudes proprias de taes condições sociaes.

Mas, infelizmente para os encomiastas do passado, as sociedades não podem parar nesses paraisos, sensivelmente parecidos como um tumulo, si foram taes quaes a nossa imaginação os idealiza. Nos escravos nasce o desejo, que me parece legitimo, de serem como os senhores; nos que estão debaixo a ambição, não menos fundada a meu ver, de irem tambem para cima, e essa luta pela liberdade e pela igualdade, que forma todo o longo drama humano, e anima toda a historia, destróe o equilibrio, sempre momentaneo e instavel, daquellas sociedades, em verdade mais idealizadas pela idéa biblica de que a perfeição está no passado, que reaes. É a propria gestação do progresso, a mesma evolução humana, que rompe « os ligamentos moraes que seguram e apertam a communhão » a que se refere o Sr. Nabuco.

Mas são no fim de contas os politicos que elle admira, os padres em que elle crê, os principios que elle respeita, as opiniões que elle segue, que fizeram esta sociedade que se lhe afigura carece de tudo quanto elle ama no passado. A creação de uma sociedade, e não só á nossa sinão á de todo o Occidente me refiro, onde de facto só ha justiça para o poderoso e uma pequenissima parte da humanidade

explora a enorme maioria della, é obra daquelles factores. Foram elles que crearam os premios para as victorias que suppõem a rotura daquelles « ligamentos moraes ».

Não desconheçamos o passado e seus serviços, mas tenhamos fé no futuro. Ha dois pessimismos : um que maldiz do presente por amor do passado, outro que o maldiz, por amor do futuro. A este ao menos alenta-o a esperança; ao envés do descspero, póde ser fecundo. O pessimismo — é uma das lições do livro do Sr. Nabuco, não o pessimismo philosophico mas o desalento politico, é um sentimento velho no Brazil. Não serei eu quem o lastime; mas considerando o pessimismo um principio fecundo de progresso, penso que fóra da politica — que os seus proprios hieorophantes têm por coisa indigna e miseravel — ha para um homem do valor do Sr. Joaquim Nabuco campo vasto e mais são para o exercicio da sua actividade. As letras abrem um seio carinhoso a quem as sabe amar com sinceridade e respeito, e as letras severas como a historia têm nos seus carinhos afagos maternaes. A nossa tão descurada historia, principalmente a da independencia para cá, está a reclamar devoções esclarecidas e cultores capazes. Ha nella aspectos quasi desconhecidos, feições ignotas. O autor de *Um Estadista do Imperio* tem porventura

quanto é preciso para nos dizer uns e nos revelar outras. O seu livro, julgando-o apenas pelo primeiro volume e sem embargo dos reparos feitos e outros que mais competentes poderiam acaso ainda fazer, é um livro capital para a historia do segundo reinado.

VII

MARTINS PENNA

E O THEATRO BRAZILEIRO

THEATRO BRAZILEIRO MARTINS PENNA (comedias) com um estudo critico sobre o theatro no Rio de Janeiro e sobre o autor por Mello Moraes Filho e Sylvio Roméro, Rio de Janeiro, H. Garnier, editor, s. d. (1898) LXI — 286 pags.

Os que, illudidos pela fama, procurassem nas obras do autor dramatico fluminense o regalo espiritual das comedias literarias contemporaneas ou anteriores á época em que elle floresceu, teriam certamente um desengano. Não sei si respeito a estes, os editores e publicadores desta nova edição das comedias de Martins Penna, não terão feito ao renome do comedista um desserviço. A nossa historia literaria, pessi-

mamente sabida, e feita em geral num espirito de cuja excellencia me atrevo a duvidar, está cheia de lendas que a nossa preguiça de investigar vae aceitando sem reflexão nem critica. Uma dessas é a de Martins Penna, cuja fama a republicação da sua obra, reunida agora pela primeira vez em um bom volume ao alcance de todos, póde bem ser contribua, sinão para diminuir, ao menos para limitar. E ainda assim, digo-o já, não será pequeno o seu merecimento.

I

Os dois literatos a cujos cuidados parece devida esta edição, precederam-na de estudos, um sobre o « theatro no Rio de Janeiro », outro sobre o comedista.

O nosso theatro, e custa-me resistir a não pôr aqui uma interrogação entre parentheses — não teve ainda um historiador e de facto pouquissimo e mal sabemos delle. A noticia do Sr. Mello Moraes Filho sobre o theatro no Rio de Janeiro é, sobre deficiente, escripta em estylo turgido pouco adequado a similhantes locubrações. Tem o grande defeito ainda de não nos dizer o autor de onde se informa, garantindo com autoridades as suas asserções. Fazendo um trabalho de erudição, corria-lhe esse ele-

mentarissimo dever. Sente-se aliás por todo o seu estudo a incerteza e a imprecisão, naturaes, entretanto, si considerarmos que poucos, raros e escassos são os elementos que para elle parece ter tido. Esse trabalho precisa, porém, ser feito, mas feito com o criterio dos methodos mais conceituados de investigação critica, com estudo acurado e improbo labor. Nesse campo não se póde inventar ou imaginar. É dos velhos chronistas, das velhas historias, ineditas ou não, dos viajantes, e, para a época mais chegada a nós, dos jornaes e publicações periodicas, dos proprios monumentos dramaticos, pesquizados, esquadrinhados e diligentemente estudados nas collecções publicas e particulares daqui ou de Portugal, ou onde se achem, que tal historia póde sair direita e boa. Tentativas como esta do Sr. Mello Moraes Filho não são inteiramente inuteis como noticia, embora imperfeita e falhissima, mas de facto pouco adiantam e sobretudo não trazem nenhuma luz á historia literaria.

O Sr. Mello Moraes Filho assenta o nascimento do nosso theatro nas representações de uma peça *Prégação Universal*, do padre José de Anchieta, em portuguez e tupi, pelos indios cathecumenos, em São Vicente, no anno de 1565. A isso chama o senhor Mello Moraes Filho « repercussão dos *mysterios* da idade

média », a meu ver sem maior razão. Bastava chamar-lhe *auto*, que é o nome que lhes daria o proprio autor, e a denominação peninsular, castelhana e portugueza, dessa fórma primitiva inicial da moderna literatura dramatica. A derivação do auto do *mysterio* é mais historica, mesmo em França, que literaria, e a pretendida continuidade da evolução dramatica da idade média é duvidosa para criticos eminentes e sabedores como o Sr. Brunetière. O *mysterio*, importa notar, é um phenomeno literario mais peculiar á França. A Italia os teve tambem com o mesmo nome e caracteristicas, mas a peninsula iberica, sem embargo da confusão de Tiknor, não os conheceu sob a mesma fórma, ou os denominou logo *autos* e lhes imprimiu o caracter proprio ás suas raças. Não ha nenhuma necessidade, e é quasi certo que haja erro, em suppôr que os pobres arremedos dramaticos do padre Anchieta são uma repercussão dos *mysterios* medievaes, já quasi extinctos naquella época. O que elle conhecia ha muito, pois estava na tradição da sua raça e nos seus costumes, eram os *autos* pastoris, religiosos ou de devoção, ou os ainda inteiramente leigos, como diriamos hoje. Anchieta era contemporaneo de Gil Vicente, então em toda a sua fama e os autos deste, os de « devação » ao menos, ser-lhe-iam talvez conhecidos, de renome siquer. Os autos

de Anchieta não se distanciam no mecanismo, no « arranjo », como se diz em linguagem theatral, do geral de analogas composições do seu tempo. São ainda mais ingenuos, mais rudimentares, si posso dizer assim, consoante os actores que os deviam representar e os espectadores que os deviam ouvir. E são demais insuportaveis de semsaboria, de estylo e de lingua.

Contando-nos com muita fantasia a representação em Nyteroi do *Mysterio da Paixão* (e aqui o nome não importa nada á qualificação literaria), o Sr. Mello Moraes Filho conclue : « O theatro brazileiro estava fundado ». — Não estava tal. Nem a devota peça era propriamente theatro — e theatro brazileiro, nem que o fosse bastaria para fundal-o e a prova é o Sr. Mello Moraes Filho quem nol-a dá logo tres linhas abaixo. « Depois dos *mysterios* de Anchieta — diz elle ateimando na sua qualificação — a tradição do theatro no Brazil deixou de existir, reapparecendo a arte scenica no Rio de Janeiro em 1767 com a creação da Casa da Opera... » No estudo da historia literaria do Brazil têm-se esquecido completamente duas noções importantissimas : a da continuidade historica e a da influencia das obras e dos escriptores. A isso devemos ver figurar na historia da nossa literatura, integrados nella para assim dizer, sujeitos como Bento Teixeira, Ga-

briel Soares, Antonio José e outros, uns que lhe não pertencem de todo, outros que só lhe pertencem sob um aspecto, estreitamente chronologico. Uma das primeiras noções a assentar na historia da literatura brazileira é a da communicabilidade e penetrabilidade dos seus escriptores, em outras palavras, da influencia que sobre a propria evolução literaria exerceram autores e obras. O apparecimento isolado, esporadico, solitario de um escriptor e de um livro, que ninguem conheceu nem leu, é um facto de historia literaria que deve ser notada, mas cuja influencia è forçosamente nulla, o que lhe diminue tambem singularmente a importancia. A representação de um ingenuo auto devoto aos e pelos indios da aldêa de São Lourenço no seculo XVI não funda por maneira alguma o theatro brazileiro, que só se manifesta de novo duzentos annos mais tarde e que de facto só se veiu a fundar tresentos annos depois com o proprio Martins Penna e os romanticos, como procurarei mostrar.

Ha mais contra similhante criterio uma razão theorica. Um povo que aceita de uma civilização mais adiantada quaesquer das suas manifestações, recebe-as no estagio em que se acham e não precisa romontar ás suas origens historicas. Para crearmos o nosso theatro não precisavamos retroceder até os « mysterios » da idade media, passar delles aos « milagres » e ás fór-

mas intermediarias que vieram ter ao drama moderno, dado que deixassemos de parte as que precederam aquellas, as « moralidades », as « farças » e as « soties ».

Si por occasião do descobrimento e da primitiva colonização tivessemos tido um theatro ou o pudessemos ter tido, seria, qual mostra o proprio exemplo de Anchieta, com os « autos », á maneira de Gil Vicente, como, e é nova comprovação daquella regra, quando elle se estabeleceu dois seculos e meio depois da descoberta foi com o genero que então dominava na metropole, e que se chamava a « opera ». Isto é elementar. Si não ha meio de remontar mais longe, o theatro no Brazil e não brazileiro, e menos a literatura dramatica brazileira, que poderia ter começado antes ou depois — nasceu com a Casa da Opera em 1767, sinão com aquella Opera dos Vivos de que o Sr. Mello Moraes Filho tem apenas « apagadissima noticia ».

II

O senhor Sylvio Roméro não poz neste livro todo o interessante estudo que escreveu a proposito desta reunião das comedias de Martins Penna. (1) Deu delle apenas uma diminuta parte,

(1) *Revista Brazileira*. Tomo X.

no que, releve-me dizer-lh'o, não andou talvez bem. O que publicou não dá nem idéa de Martins Penna — a idéa que o senhor Sylvio Roméro faz delle — nem do estudo animado que delle escreveu.

Sinto estar em mais de um ponto em desaccordo com o Sr. Sylvio Roméro, menos talvez no juizo que no fundo elle faz de Martins Penna, que em algumas das idéas do seu estudo. Tenho em compensação o prazer de me achar accorde com elle em mais de um ponto, mesmo quando os vejo á outra luz.

O Sr. Sylvio Roméro, que é um temperamento critico, é, sabem-no todos os leitores da sua obra consideravel, um pessimista. Mas um pessimista com relances de enthusiasmo lyrico, que lhe ficaram da sua mocidade academica e que nunca perdeu e já agora não perderá de certo. Toda a sua obra, no que tem de distincto, é uma obra de negação, como de resto é pela sua historia e pela sua indole a propria critica. A obra positiva da critica foi até pouco tempo, e o é na maxima parte ainda, indirecta; a selecção que ella tenta fazer ou acaba por fazer se opera por exclusão de partes. Apenas começa para ella a idade positiva, mas nessa mesma as fatalidades da sua má origem lhe hão de pesar. Escrevendo o seu estudo sobre Martins Penna, o Sr. Sylvio Roméro teve

ao começar o que eu chamarei um accesso de optimismo, mas para ao diante — e agora me refiro ao estudo completo — seu ensaio lhe saíu, a despeito da tirada final, um *factum* pessimista, dos mais desalentados que tem escripto. Não lh'o censuro, porque o comprehendo e porque estou com elle.

Começa o seu estudo por uma contradicção, filha da transacção entre o que fórma o intimo da sua natureza critica e a vontade de louvar, de dizer melhor do que realmente sente. « Uma das banalidades mais impertinentes da critica brazileira — escreve elle —, *infelizmente em grande parte exacta* — o grypho é meu — é a da não existencia entre nós de uma verdadeira literatura dramatica. » Creio não precisar notar que si é « em grande parte exacta » a affirmativa de que não existe entre nós uma verdadeira literatura dramatica, tal asserção, si é uma banalidade — a verdade é banal — não é impertinente.

Estudando a literatura brazileira precisamos fazel-o com a mesma despreoccupação com que estudariamos outra qualquer. Todo o sentimento preconcebido de patriotismo só serviria para obscurecer, sinão perverter, o nosso juizo. Não serão as nossas asserções que nos darão uma literatura, mas as nossas obras. E uma literatura dramatica principalmente não é ape-

nas o producto da vontade, si não do meio e de uma feição social peculiar que póde faltar aos povos mais bem dotados. O anno passado um escriptor francez, conhecedor profundo da Inglaterra, onde motivos politicos o forçaram a residir muitos annos, e que a estudou cuidadosamente, o Sr. Augustin Fillon, mostrava em um livro minucioso e documentado como a Inglaterra — uma das nações que vão á frente da civilização, a patria de Shakespeare, — não tem hoje literatura dramatica. Quaes são as nações que a têm tal que ultrapasse as fronteiras e chegue ao conhecimento do estrangeiro? Não são muitas; o que não quer dizer que em cada uma dellas não haja alguns escriptores dramaticos, de mais ou menos valor. Isto mesmo reconhece, aliás, o Sr. Sylvio Roméro, mas protestando sempre contra aquella asserção que, em que peze ao illustre critico, é apenas verdadeira e, portanto, banal. E o Sr. Sylvio Roméro, que em mais de um ponto da sua *Historia da Litteratura* se revolta contra as listas de nomes sem significação nem valia, amontoa nomes sobre nomes para provar a existencia de uma coisa em que elle mesmo não crê, pois que acha acertado negal-a, e affirma que « não possuimos obras de romancistas que, em seu genero, sejam superiores » ás dramaticas que cita entre as que são com effeito reputadas as melhores do

nosso mofino theatro. Peza-me não lhe poder aceitar o juizo, porque não conheço na literatura dramatica brazileira nenhuma producção digna dos quatro ou seis melhores romances nossos.

Sou dos que pensam que temos obras dramaticas, que no interesse de uma classificação de historia literaria poderiamos mesmo falar num « theatro brazileiro », sem dar á expressão sinão um valor bibliographico, mas que não seria verdadeiro falar de uma « litteratura dramatica » brazileira. E ha, nem o Sr. Sylvio Roméro as desconhece, muitas causas a impedir-nos de ter uma literatura dramatica, sendo uma das principaes, além das puramente sociaes, que o drama vive da idéa e da creação e até hoje, salvo uma ou outra rara excepção, que não prejudica a regra, a nossa litteratura de ficção em prosa ou verso é uma literatura puramente emotiva ou descriptiva.

III

Qual seria, porém, em a nossa « literatura dramatica » ou em o nosso « theatro » o lugar de Martins Penna?

Assentemos primeiramente esta noção que me parece incontestavel : Martins Penna é um escriptor de theatro e sómente isso; quero dizer que as suas capacidades não vão além do ne-

cessario para fazer uma peça representavel e que elle, sem nenhuma distincção especial de talento, possue apenas essas capacidades. Uma tal aptidão não indica por fórma alguma qualidades artisticas e literarias, nem basta para dar ao que a possue fóros de escriptor e um lugar na literatura. São que farte os exemplos citaveis em abono do meu asserto, e para lhe demonstrar a exactidão bastaria recordar não só o nosso propro meio, mas os povos que como nós possuem autores dramaticos sem terem todavia uma literatura dramatica. Os Francezes distinguem naturalmente as duas coisas com a sua expressão « escriptor de theatro », que elles têm por centenas, quando os que realmente se incorporam á sua literatura são pouquissimos. O theatro é uma arte especial, com a sua technica e a sua esthetica proprias, oriundas das mesmas exigencias scenicas e da natureza peculiar do seu destino e do modo por que o realiza. Vive talvez do seu proprio fundo, como uma arte independente, e a sua historia apenas accidentalmente coincide com a da literatura. Esta observação, que é do citado critico francez, e me parece justa, explicaria porque a existencia de escriptores de theatro, e do que se chama collectivamente « theatro », não implica a existencia de uma literatura dramatica como um escriptor de theatro, um autor dramatico, segundo a

fórma portugueza, mesmo bom, póde não ser um escriptor literariamente consideravel. E disso o mais eloquente exemplo é Scribe.

Martins Penna é sómente um escriptor de theatro. Do autor dramatico possue elle as qualidades essenciaes; sabe arranjar uma peça, combinar as scenas, dispor os seus effeitos, travar o dialogo, e tem essa especie de observação facil, rudimentar, trivial, que é um dos talentos do genero. Mirando o concurso do grande numero, dirigindo-se á multidão, que se não compõe de entendedores delicados e de bom gosto, toda a distincção, todo o requinte, todo o apuro de pensamento seria sem alcance no theatro. A observação, sob pena de perder-se na inconsciencia do publico, precisa não exceder a sua propria capacidade de observar. Dahi talvez a difficuldade que encontram as jovens escolas dramaticas em vencerem a resistencia do publico, não querendo fazer como os Dumas, os Augiers, os Sardous, que tornaram possiveis as suas novidades de pensamento e originalidades de observação, não se insurgindo contra os habitos theatraes do publico e sujeitando-se á esthetica especial do genero. Não sei si o que hoje encanta os espiritos literarios nos dramas de Shakespeare será o que divertiu os espectadores contemporaneos; pendo a crer que antes os recreiou o elemento propriamente theatral

das suas peças, quasi todas ellas de « grande espectaculo ».

Não ha peça de theatro, comedia principalmente, e comedia de costumes como são as de Martins Penna, sem a observação corriqueira e facil que admiram nelle. Nem póde haver; essa observação é inherente ao genero, é parte delle, é ella propria que o constitue, sem ella a mais reles dessas comedias não poderia existir. Desçamos mais abaixo, vamos encontral-a na propria « revista de anno », especie de caricatura, de *charge* theatral, feita como toda a *charge* de observação e de observação trivial dos costumes. Martins Penna, escrevendo comedias de costumes, fel-as, nem lhe era dado deixar de fazel-as, com essa observação, que não é mais que a transposição para a scena do que elle via na vida. E fel-o, e esta é que é a verdade — sem nenhuma distincção, direi mais, sem nenhum talento, isto é, sem ser capaz de descobrir aspectos novos num facto por todos visto e observado. E a superficialidade da sua pretendida observação é tal que elle não tira jamais della nenhum effeito dramatico. Ella lhe serve sómente para o dialogo, nunca para a acção. Uma vez pelo menos elle costeou o seu assumpto por este lado, foi no *Diletante*, mas sem o assenhorear, e o final, de uma desesperadora pobreza de invenção, destróe o effeito que elle quereria produzir, por exageral-o.

A sua comedia descae frequentemente, si não sempre, para a farça, e o seu theatro, de parte a sua feição nacionalista, não differe sensivelmente, si alguma coisa differe, do que por ahi representam como comedias, vaudevilles, revistas de anno e quejandos monumentos da nossa « arte dramatica ». Elle não tem uma só peça em que se conserve dentro da comedia, mesmo da baixa comedia. São as idéas, os arranjos, as tramoias da farça que dominam a sua obra, e que sem duvida a fizeram prezada dos nossos pais e lhe crearam a lenda. O *Noviço*, a mais afamada das suas obras, é uma farça, uma pura farça.

Penna, porém, tem graça; mas a graça nelle, e no genero em geral, corre parelhas com a observação: é tambem a graça facil e trivial. Ha uma especie de graça que resulta da falta de graça, e é commum na comedia que faz em toda a parte as delicias do publico. Mas Penna tem graça espontanea, facil, natural, communicativa. Elle possue o sentimento comico, superficial, benigno, sem misanthropia e, portanto, incapaz de profundar. Não tem por igual a arte de tirar delle sinão os effeitos mais grosseiros, materiaes por assim dizer. Nenhuma palavra, nenhuma reflexão synthetiza uma situação, um pensamento, uma observação. Mais de uma peça, como o *Juiz de paz da Roça*, a *Familia e a festa da Roça* não

têm enredo nem desenlace, são successões de scenas comicas, situações burlescas arranjadas para fazerem rir. Um constante recurso de Penna para provocar o riso, um dos principaes elementos do seu comico, é o meio grosseiro e antiquado da pancadaria em scena. Rara é a sua comedia em que o não empregue, e os « arranjadores » theatraes sabem que o processo é infallivel. A sua lingua, o seu estylo, têm o desleixo e o abandono de uma producção copiosa, apressada e evidentemente despreoccupada de literatura ou de arte. Aliás ignoro até que ponto a presente edição é escorreita e lidimamente authentica e que confiança merecem as que lhe serviram de autographo. Não sei mesmo si os editores se deram a um trabalho de revisão critica do texto que reimprimiram. Faz suppor que não a falta de uniformidade nas indicações e dizeres scenographicos e incorrecções de linguagem que não sabemos si devem ser imputadas ao autor ou aos seus primeiros editores. Como quer que seja, nada ha caracteristico e distincto no seu estylo, que é trivial como a sua observação e a sua graça. Quando ás vezes se quer elevar numa fala mais grave ou mais conceituosa, descamba a ridiculo e prudhomesco — acaciano, já que a literatura da nossa lingua incorporou, sob o disfarce do conselheiro Acacio, o heróe de Henrique Monnier. Veja-se para exemplo a scena V

de *Quem casa quer casa*, e taes quasi são todas quando o comedista se faz grave. Estudo de caracter, creação de um typo, não ha em nenhuma destas comedias. Na sua vulgaridade, todas as suas personagens são caricaturas, bonifrates sem vida nem feição, mas comicos todos.

IV

Na « literatura brazileira », pois, não haveria talvez lugar para Martins Penna; na « historia da literatura brazileira » o seu logar seria o de um escriptor de theatro com muita veia comica e nenhumas superiores qualidades dramaticas; mas na « historia do theatro brazileiro » o seu lugar é consideravel.

Elle é na comedia quasi um precursor, porque Antonio José, sem embargo do accidente do nascimento, é portuguez, pelas mesmas razões porque Gonzaga é brazileiro. O theatro é de facto modernissimo no Brazil, contemporaneo podemos dizer. Como méra curiosidade historica, uma historia exaustiva do theatro brazileiro podia, acaso devia, recordar as primeiras representações dramaticas, os primeiros espectaculos aqui havidos. Nessa relação caberiam os autos de Anchieta e outras scenas dialogadas, representadas nos Collegios da Companhia e em solemnidades pu-

blicas, nos primeiros dois seculos da colonia. Desde a primeira metade do seculo passado que em festas publicas, celebradas por occasião da exaltação ao throno de reis portuguezes ou de desposorios principescos, se davam representações theatraes, em geral de peças hespanholas e, em 1761, na Bahia, por motivo dos esponsaes da futura D. Maria I, foi representado um *Amphitrião*, porventura o mesmo do desgraçado Antonio José (Varnhagen). Destas representações, ainda em antes da fundação da Casa da Opera no Rio de Janeiro em 1767, se encontrarão noticias em outras partes do Brazil. No começo deste seculo mais frequentes serão porventura taes espectaculos. No Pará, por exemplo, já em 1809 havia theatro. Das festas que ahi se celebraram para festejar a victoria dos paraenses em Cayenna fez parte uma representação theatral, um « espectaculo de gala », como mais tarde se havia de dizer. Na mesma cidade, oito annos depois, o governador Conde de Villa Flor mandava « construir um novo theatro no mesmo lugar do antigo, em que ha tempo pelo seu estado de ruina já não havia jogos scenicos », e emquanto o levantavam mandou armar « na grande sala da Casa da Aula do Corpo de Artilheria na proximidade do palacio do governo um theatrinho provisorio para entretenimento de algumas familias ».

Não nos diz infelizmente o chronista paraense qual o repertorio ali representado. O proprio chronista Baena mais tarde concorreria para elle com um drama sobre a descoberta e conquista do Grão-Pará por Francisco Caldeira Castello Branco.

Naquelle theatro do seculo XVIII, intermittente e esporadico, eram principalmente peças hespanholas e em hespanhol que se representavam e talvez alguma italiana traduzida naquella ou na nossa lingua. Quando elle começou já se não representava, mesmo em Portugal, Gil Vicente. Mais tarde viriam as operas e os entremezes portuguezes e entre aquellas as do Judeu, cuja popularidade foi grande e que, sem o nome do seu desditoso autor, se representavam nas principaes terras do reino. Este theatro, pois, de brazileiro só tem a circumstancia de estar no Brazil. O theatro brazileiro propriamente dito, de autores, peças e actores brazileiros, que fosse já um producto do nosso genio e do nosso meio, é por assim dizer de hontem. Ainda haverá gente que o viu nascer.

Martins Penna é sem duvida um dos seus creadores, e si devemos crer em seus biographos, a sua primeira obra, *o Juiz de paz da Roça*, foi representada em outubro de 1838. Em março do mesmo anno, a 13, Domingos de Magalhães, « o poeta Magalhães » como lhe cha-

mavam os seus contemperaneos, fazia representar a sua tragedia *Antonio José ou o Poeta e a Inquisição*. Agora sim, poder-se-ia dizer com alguma razão que o theatro brazileiro estava, sinão fundado, começado. Nascia ao menos, e deste seu nascimento Martins Penna foi um dos principaes fautores, com Magalhães, com Norberto Silva, com Luiz Burgain, e mais tarde, com Macedo, Pinheiro Guimarães, Alencar e outros, para não falar sinão nos que foram representados. E da comedia era elle rigorosamente o creador. A figura de João Caetano dominando a nascente scena brazileira estimulava de preferencia as vocações theatraes para o drama e a tragedia. Deve-se suppor em Martins Penna uma forte individualidade para ter resistido desde o principio ao prestigio do afamado tragico e das tragedias e dramalhões que constituiam o seu principal repertorio. A espontaneidade da sua veia comica salvou-o de dar-se a um genero certamente contrario ás suas disposições nativas. É certo que escreveu tambem dramas ainda ineditos, mas que, póde-se affirmar sem conhecel-os, não lhe teriam jamais dado na historia do nosso theatro o lugar que lhe compete nella. Esse lugar, porém, para o podermos assentar com toda a exacção, precisariamos saber de fundamento que influencias agiram sobre Martins Penna e seu theatro e qual verdadeiramente a

sua no seu tempo. Este trabalho ainda não foi feito.

Elle não é, de certo, um imitador ou um mero arranjador de peças estrangeiras. Mas forçosamente procede de alguem, e um estudo mais acurado do assumpto mostraria como elle e a sua obra derivam de opera portugueza á maneira do Judeu e mais proximamente dos entremezes em voga na época mais chegada á sua. O que, qualquer que tenha sido a sua educação literaria, elle conhecia em materia de theatro comico, o que elle ouviria representar, o que lhe aprazia e agradava ao publico, era a farça, e de accordo com o seu proprio genio e com o gosto que sentia no publico, elle escreverá não comedias propriamente, mas farças como elle mesmo as denominou. É esta a qualificação que leva, segundo o seu biographo Luiz Francisco da Veiga (*Rev. do Inst. hist. tom. XL*), o primeiro annuncio da representação do *Juiz de paz da Roça*, e esta é a qualificação que todas ellas merecem e que o proprio autor repetiu em quasi todas. O autor dramatico é, mais que nenhum outro escriptor, dependente do publico. É este quem lhe traça, por assim dizer, a róta, quem lhe dirige a inspiração, e lhe afeiçôa o talento á imagem dos seus gostos e predilecções. Naufragaram em todos os tempos e em todos os paizes as tentativas dos escriptores dramaticos que ousaram

contrariar o sentimento das suas platéas. Dahi naturalmente decorre para o genero uma evidente inferioridade, a juntar-se ás mais inherentes á sua propria esthetica. Si as disposições nativas de Martins Penna o livraram de ceder á influencia de João Caetano e dos dramas em favor então, por outro lado o entregaram irresistente e antes de boamente ao sabor das plateias educadas por essa precursora do *vaudeville*, que é a opera do Judeu e dos seus discipulos, pelas farças e entremezes e a baixa comedia que infestavam o palco portuguez antes da tentativa reformadora de Garrett e dos romanticos portuguezes.

E grande parece haver sido a reputação adquirida no publico pelas peças de Martins Penna. Ao mesmo tempo, informa o seu citado biographo, os jornaes do tempo annunciavam a proxima representação de tres differentes comedias suas em tres diversos theatros, e mais de uma vez duas disputavam em theatros distinctos a concurrencia publica. O povo as estimava e applaudia grandemente e as preferia talvez a todas, o que explica que elle tenha escripto e feito representar em sete ou oito annos dezesete peças, sem falar nas nunca representadas. Ganhou fama, que se irá estendendo da capital ás provincias e que durará rodeando o seu nome de uma lenda de gloria.

O momento, aliás, era propicio. O Brazil de-

pois da agitação dos primeiros vinte annos da independencia e da reacção monarchica de 1837, entrava num periodo de tranquilidade e esperanças, que uns restos daquella agitação não conseguiam perturbar ou desvanecer. O sentimento nacional surgia forte e vivaz. Os progonos do romantismo procuravam dar da joven nacionalidade uma representação espiritual em uma literatura que fosse sua. Era-se Brazileiro pela primeira e acaso ultima vez. Depois, salvo esse forçosamente passageiro estagio de civilização nacional, a cultura e a civilização geral nos penetraria modificando as feições nacionaes e abrindo os espiritos a uma mais larga e mais alta existencia. Houve progresso, em summa. Mas o escriptor que tivera a inspiração feliz de pôr em scena perante aquellas platéas, todas voltadas para a vida nacional, os typos, os costumes, os ridiculos, em resumo, a vida brazileira, esse escriptor achou-se em inteira e intima, e cordial direi, correspondencia com o seu meio e com o seu publico. Nada agrada mais aos primitivos, aos simples, que a representação ingenua daquillo que elles conhecem, que elles sabem, que elles vivem. Ha tambem queixas, ha tambem difficuldades e vexames, ha tambem percalços, ha tambem soffrimentos, lamentações, descontentamentos nesse mundosinho que nós, a meio seculo de distancia, idealizamos delicioso. De tudo isso

se fará éco, tudo isso reproduzirá em scena o comedista, ganhando ainda mais as boas graças do seu publico, de quem se constituia o vingador contra as miserias inherentes á vida. Rindo-se dellas, da carestia dos generos, da corrupção dos magistrados, da carolice hypocrita, da cupidez do reinol, dos amigos do exotico, do estrangeiro, do falso devoto, o povo alliviava as proprias queixas, e a sua mesma caricatura creará entre elle e o escriptor uma corrente de sympathia. Não tendo preoccupações estheticas, nem discernimento literario, sinão uma capacidade ingenua de commover-se e divertir-se, o seu nascente sentimento nacional se sentirá lisonjeado de um « patricio », que tambem faz peças como aquellas ou melhores que aquellas, que elle estava acostumado a applaudir de estrangeiros. Reconheceu-se no escriptor e nas suas obras e adoptou-o.

Martins Penna tinha com ellas ajudado a Magalhães e outros a começarem o theatro brazileiro, e iniciado a comedia nacional. Certamente a iniciou numa fórma inferior; mas a espontaneidade e o ingenuo realismo da sua obra a salvarão, fazendo della o primeiro passo de um movimento que aliás não devia proseguir sinão cheio de intermittencias e desfalecimentos, e um documento ethnographico para o conhecimento da época.

VIII

O Sr JOAO RIBEIRO

E LUIZ GUIMARAES JUNIOR

Discurso de recepção do primeiro na Academia Brazileira.

Senhor João Ribeiro.

Elegendo-vos, não cuidou a Academia fazer-vos favor tão grande que por elle se apagasse em vós o pessimisimo. E si não o houvesseis definido como « aquella parte da alma, que é a substancia dolorosa e covarde do nosso ser », talvez eu lastimasse a vossa eleição. No sentido commum o pessimismo é porventura a fonte de todo o progresso, sinão de todo o bem. E, si fosse como dizeis, a Academia teria o pezar de vos haver privado de um dos encantos do vosso espirito.

Mas, por bem nosso, essa feição conservaes inteira. O vosso bello discurso o mostra, e nós esperamos que o nosso commercio não ha de alteral-a. No que chamastes o vosso pessimismo ha uma porção de coisas que a Academia Brazileira — sem embargo do nome malsinado — aprecia e espera apreciar sempre. Com o espirito de paradoxo e de opposição, que realça o vosso talento e lhe dá um feitio especial e vosso, casa-se bem em vós, não sei si não diga a amargura, o anhelo, o desejo esthetico de civilizações de arte, de commodidade e de gozo, que só ephemeramente pudestes contemplar, sem talvez haverdes podido penetral-as e vivel-as. É esta mesma descorrelação — que, ai de nós! não é um privilegio vosso — entre as vossas ambições, os vossos sentimentos e o nosso meio, que affeiçoou o vosso espirito, dando-lhe os traços que nos seduziram em vós.

Deixando a vossa terra natal por esta Meca dos nortistas, já acaso os trazieis. Ella não fez sinão accentual-as. Com o desejo de aprender e a ambição de gloria literaria que só esta capital, lá imaginamos, póde dar, trazieis tambem a illusão de uma grande cidade, culta, civilizada e bella. A fallacia da illusão augmentou o contraste, e serviu admiravelmente ao desenvolvimento das qualidades originaes de vosso espirito. A « Côrte » não vos deslumbrou suf-

ficientemente, a vós, pobre matuto de uma provincia ignorada, para absorver-vos e accommodar-vos a seu geito. Do agreste rebelde dos vossos sertões ficou-vos alguma coisa com que defendestes até hoje a vossa originalidade. E essa, crêde-o bem, a Academia não quizera contribuir para tirar-vos ou siquer diminuil-a.

Na vossa bagagem de estudante pobre, como é aliás commum na dos peregrinos como vós, vinham tambem alguns versos, que pretendieis intitular *Idyllios Modernos*. Não é vulgar que os titulos dos livros de versos signifiquem alguma coisa. O do vosso, aliás com elle nunca publicado, desmentia essa regra. Havia de facto nelles, com o lyrismo proprio das conversas de amor, uma nota da nova poesia, com a sua exagerada, e, permitti-me dizer, viciosa preoccupação dominadora da forma, e os seus ideaes, humanos, scientificos, sociaes, historicos. São bem indicativos dos dois sentimentos os versos do *Esboço* e da *Creação*.

Apresentou-vos ao Rio de Janeiro um vosso comprovinciano já illustre e nosso confrade estimado. Não sois vós sem duvida o unico que lhe deve esta benevolencia, comvosco de todo o ponto merecida. Os vossos versos de *Dias de Sol* e de *Avena e Cythara,* puzeram-vos em contacto com os poetas vossos emulos e com o mundo literario fluminense. Isto acontecia por 1883 e 1884; vós haveis aqui aportado em 1881,

na bella idade de vinte annos. Dez annos antes surgira um movimento literario que tendo talvez origem no Norte, aqui se concentrou e desenvolveu, produzindo uma nova geração de poetas, de escriptores, de scientistas, como outra se não vira desde o nosso Romantismo. Estava-se já no fim delle, á vossa chegada. Uma grande preoccupação social, a emancipação dos escravos, dominava com justo motivo todos os espiritos. As letras e a poesia, por honra sua, puzeram-se ao serviço de uma causa da qual se póde falar com prazer na Academia. Alguns dos que a venceram são nossos confrades.

Não devieis voltar á poesia — e, ainda mal! para, ao que parece, abandonal-a sem motivo e ingratamente — sinão em 1889, com o vosso pequeno livro de *Versos,* no qual fizestes, com ciosa escolha, a recolta da vossa producção poetica de dez annos. Esses versos não se parecem com nenhuns da época. Não direi si são superiores ou inferiores aos outros. São differentes, é o que verifico. Mais de um poema delles revelava preoccupações philosophicas, o gosto das idealizações historicas, o sentimento da natureza no seu aspecto, por assim dizer, psychologico. Essa poesia não tinha os arrebatamentos, os enthusiasmos, os excessos então em moda, Era medida e fria. Não vos tinheis ainda então posto em contacto com a Germa-

nia; mas, salvo o sensualismo que é porventura a mesma alma da arte, nada talvez traía nellas o tropical, o latino-americano. Tiro ao *Museon*, como intitulastes uma serie de sonetos — que vieram alguns annos antes dos de Heredia — esta amostra :

Do mar e das espumas tu nasceste,
Ó forma ideal de todas as bellezas,
Inda teu corpo, mal vestindo-o, veste
Um collar de maritimas turquezas.

Milhares d'annos ha que appareceste,
Outros milhares d'almas sempre accezas
No teu amor, lá vão seguindo prezas
Da tua garra olympica e celeste.

Beijo-te a boca e sigo embevecido
Ondas sobre ondas, pelo mar afóra,
Louco, arrastado qual os mais têm sido,

Ora te vendo as formas núas, ora
Toda núa a sentir-te em meu ouvido
Do eterno som dos beijos meus sonora.

A vossa vida fôra como a de outros que iguaes ambições desenraizam do torrão natal e que devem tirar da propria seiva a vida que precisam viver : o ensino, o jornalismo mais ou menos literario, até que viesse o emprego publico como o ideal da existencia garantida. O ensino vos levou ao estudo grammatical da nossa lingua e este á philologia, porque vós sois, ou

fostes ao menos, um dos nossos philologos.

Por essa época, meiados do decennio de oitenta, os estudos da grammatica portugueza aqui entraram a revelar a influencia da applicação do darwinismo á linguistica, feita na Allemanha muitos annos antes. Os nossos filhos viram assustados derrubada como infame uma nomenclatura grammatical inteira á qual, mesmo antes de estudarem grammatica, já se haviam habituado. Nós achamo-nos ignorando por completo aquella disciplina, que cheia de dominações biologicas e termos gregos de ardua pronuncia, se nos afigurava coisa absolutamente nova, difficil e impenetravel. Os programmas officiaes sanccionaram essa sciencia de palavras, e os grammaticos, para não falharem ao proverbio, discutiram com tanto mais convicção e prazer que se não entendiam, nem eram entendidos. Não creio que a lingua haja lucrado com essa moda. Ella, felizmente, como todas as modas, passou, ou pelo menos fez-se modesta e obscura. Ninguem mais crê que a lingua seja um organismo e que a nomenclatura biologica e philologica concorra para a gente falar e escrever bem, que é no fim de contas o objecto da grammatica.

Vós tivestes a vossa parte nesse movimento, cuja utilidade não pretendo de todo negar, apezar do que teve de inconsiderado e irreflexivo. De to-

dos nós sois talvez o nome mais popular no Brazil. Oh eu sei que a popularidade vos repugna, e conheço o vosso pensamento sobre ella. Mas não há furtar-vos a ella. Um milhão de brazileiros conhecem o vosso nome, tanto o levaram a todos os recantos do paiz, ao caboclinho do Amazonas, como ao teuto-brazileiro do Rio Grande, ao caipira de Mato-Grosso, como ao tabaréo de Pernambuco, as vossas grammaticas. Nós invejamos a vossa gloria. Partilhae-a comnosco pondo nas novas edições dellas — pois continuam sempre a ter novas — a menção : da Academia Brazileira.

Eu não sei avaliar o merecimento, a perfeição das vossas grammaticas, mas seria impossivel desconhecer nellas uma qualidade pedagogica relevante : a clareza. Vós sois o mais claro talvez dos nossos grammaticos, porque achastes o meio de escrever bem e elegantemente fazendo grammaticas.

Puzestes assim á prova uma das vossas qualidades, a clareza, qualidade que é, o sabeis, « a probidade do escriptor ». Qualquer que seja o nosso juizo do vosso espirito, do vosso pensamento, das vossas idéas, do vosso temperamento literario não póde haver duvida sobre esta qualidade do vosso estylo. Ella se revela em todos os vossos escriptos, *Estudos philologicos*, *Memoria sobre a instrucção publica*,

These de concurso, Historia antiga, Grammaticas, *Diccionario Grammatical*, contos, folhetins, chronicas, artigos de jornaes ou de revistas, criticas de arte, impressões de viagem.

Si a nossa eleição vos satisfez, como aprouve á vossa cortezia dizer-nos, a Academia não quer outro premio que o de não a deixardes sem emprego em obras numerosas e boas, como ella e a nossa literatura esperam de vós. Ha em vós como artista um insatisfeito. E não me arreceio tambem de dizer, um inconstante — por tal fórma é este defeito, e por causas sabidas — vulgar no nosso mundosinho literario. Eu creio que o poeta dos *Versos* e o contador de *S. Bohemundo,* que como um homem da Renascença, é tambem um erudito e um pintor, deve á literatura brazileira as creações que me parecem em programma na feição artistica do seu espirito. Quem nos dera que a nossa companhia vos fosse effectivamente uma animação para tental-as!

A poesia, que tão cedo abandonastes, não a deixou jámais o escriptor a quem succedeis. Não sei si este não é o signal dos verdadeiros poetas, a impossibilidade de repudiar a poesia. Luiz Guimarães Junior foi neste sentido um verdadeiro poeta. Elle poderia, talvez, dividir a sua vida em annos de prosa e annos de poesia. Estes, os ultimos tambem da sua existencia, foram porém mais numerosos, mais illustres e,

pela qualidade da producção ao menos, mais fecundos. A sua prosa, mesmo, inspirou-a a musa ligeira do folhetim alado, leve, literario, artistico, a poesia graciosa do conto alegre, brincalhão, ingenuo. Quando elle publicou, no periodo literario referido, a sua lyrica com o titulo de *Sonetos e Rimas*, já dera a lume quatro volumes de historietas e contos, mas são os seus versos, de uma tão fina e voluptuosa sensibilidade, que o fizeram admirado e querido. E foi certamente o poeta, acabrunhado pelo maximo infortunio que possa sobrevir a um escriptor, que os formadores da Academia quizeram glorificar nelle quando o foram, longe da patria, chamar para o seu seio. Não é, porém, esse unico livro de versos toda a sua producção poetica. E o que elle deixou publicado dispersamente em periodicos diversos ou ineditos, daria, parece, outros volumes. Não ha muitos dias um dos seus ultimos poemas publicado num jornal desta cidade nos commovia a todos.

Luiz Guimarães Junior é da geração illustre de Ferreira de Menezes, Joaquim Nabuco, Visconde de Taunay, Joaquim Serra, Franklin Tavora, Castro Alves, Sylvio Roméro, Rozendo Muniz. Elle teria talvez um lugar assignalado na *Vida da Bohemia* de Mürger, si S. Paulo e o Recife fossem o *quartier latin*. Estava-se ainda então nos restos do romantismo e do romanesco

literario. Apezar do exemplo formidavel de Hugo em contrario, não se comprehendia que um poeta fosse um individuo sobrio e reportado. Ainda os haverá que assim pensem. Mas passam breve esses bellos annos. A vida, mesmo para os poetas, têm exigencias duras. A formatura põe um ponto final ás jovialidades da mocidade, dispersa os companheiros, separa os amigos. Ella abriu para Luiz Guimarães, primeiro o jornalismo literario, depois a diplomacia; elle encontrava ahi antecessores illustres, Magalhães, Porto Alegre, José Maria do Amaral. A sua vida diplomatica não foi, certo, muito fecunda em notas, mas os seus versos sobram-nos como compensação. Luiz Guimarães Junior alliou excellentemente a correcção um pouco arida dos parnasianos com o nosso exuberante e voluptuoso lyrismo. Foi, como a maior parte dos nossos poetas, um amoroso sentimental, com as finuras e as delicadezas que o cultivo dos salões diplomaticos haveriam imposto ao seu temperamento. É um subjectivo, como todo o verdadeiro lyrico. Possue muito em relevo as qualidades á nossa poesia inherentes, herdadas da portugueza umas, affeiçoadas por nós outras: a saudade, a nostalgia, a volupia, a blandicia, o carinho na lubricidade do amor. E, com isto, uma sensibilidade morbida, mas talvez de superficie, de manifestações intensas, mas fugaces.

Perdoae-me, senhores, a distracção; ia esquecendo que não devo sinão dizer todo o bem que pensamos do nosso illustre e querido confrade. Volto a lembral-o na sua gloria, pedindo-vos recordeis este soneto, que é um dos mais bellos do seu livro e testemunho dos meus conceitos; intitula-se *Paulo e Virginia* :

Fomos um dia alegres, estouvados,
Ao clarão matinal do sol nascente
Colher as flores do vergel ridente
E as primeiras amoras dos cercados.

Venturosos, risonhos namorados,
Cada qual mais feliz e mais contente,
Esquecemos a terra inteiramente :
Doidos de amor, de gozo embriagados.

Seus cabellos — emquanto ella corria,
Voavam, loiros como a luz, dispersos!
Eu a chamava e ella me fugia.

Por fim voltamos em prazer immersos :
E das venturas todas desse dia...
Resta a saudade que inspirou meus versos.

Para entender estes versos, para comprehender as sensações que delles resumbram, os sentimentos que dellas ficaram, as impressões que deixaram na alma do poeta, nao ha mister, creio ingenuamente ao menos, termos, como dizeis, senhor, a constituição original desses seres chamados poetas. Basta sermos homens e ser-

mos humanos. E esta nossa capacidade geral de comprehensão, podemos estendel-a a todos os versos de Luiz Guimarães Junior. A sua poesia, como toda a grande poesia, desde Homéro até Tennysson, é clara, simples, natural.

A poesia — como toda a fórma da Arte — não é o que della quer fazer um pensamento subtil, tentador, mas — e sinto estar em desaccordo comvosco — falso. A arte não é uma invenção pessoal. É o producto de uma emoção individual sim, mas social e humana. É tão espontanea e natural como a linguagem; uma fórma de expressão tão legitima e tão clara como esta. O fim social da linguagem é a expressão, a transmissão, a communicação de sentimentos. Não é outro o fim da Arte. Ora, ella não realizaria este fim si não fosse entendida sinão por uma escolha de espiritos. E, vêde a fallacia e o perigo de similhante criterio, considerando nisso a sua superioridade, a Arte, o artista, procuraria propositalmente que menor fosse o numero dos que o comprehendessem, rebuscando nesse afan doentio com a obscuridade da ideia a obscuridade da sua expressão. E já alguns vão, por mal delles e nosso, nessa direcção enganosa e errada.

Façamos, pois, — e não podendo fazel-a admiremol-a — sómente a Arte humana, a Arte de homens para homens, não a Arte de

artistas para artistas, de esthetas para esthetas, arte egoista e má, mas a Arte do mesmo profano vulgo comprehendida. A Arte não é, não póde ser, um brinco e um divertimento, um simples passatempo de desoccupados. Ella mereceria o desprezo dos que taes artistas chamam o burguez, si não fosse sinão isso. Producto das faculdades emotivas da humanidade, é um orgão dos seus sentimentos, uma expressão da sua vida. O mais individual dos artistas ainda é um resultado das reacções sociaes. Toda a historia da Arte, toda a historia do espirito humano, o sabeis melhor que eu, vós que sois mestre de historia, contesta e desmente essa theoria tão contraria ao vosso claro espirito. Os grandes artistas de todos os tempos, os grandes poetas da humanidade, só são obscuros para os commentadores. Nós, o vulgo, os comprehendemos á primeira leitura, apezar das differenças dos tempos e dos meios. É que elles souberam, a muitos seculos de nós, sentir as emoções que ainda hoje experimentamos e, — o que nós não sabemos fazer — souberam exprimil-as excellentemente, dando-nos a nós a funda consciencia dos nossos proprios sentimentos, e emprestando-nos a sua lingua divina para exprimil-os. Elles são, sem nenhuma amphibologia de oraculos, os interpretes de nós mesmos, os idealizadores do passado, os mestres do sentimento, os vati-

cinadores do futuro. E não me arreceio de dizer, uma arte que só os iniciados penetrassem, seria como uma industria secreta só por uma minoria de iniciados exercivel. O seu desapparecimento não prejudicaria o mundo. Imaginaes vós um mundo sem Arte, um mundo sem poesia? Si não, ella é mais alguma coisa que a occupação de versejadores inuteis. Mas vós sabeis e entendeis como eu que ella faz parte da nossa atmosphera espiritual e que sem ella soffocariamos. Acabaes de dizel-o, a literatura tem uma grande significação humana e civil. Della excluireis, por acaso, a poesia? Não; por isso pudestes falar tão bem de Luiz Guimarães Junior, poeta simples, natural e facil, que forneceu á nossa nostalgia, á nossa saudade, ao nosso amor paterno, á nossa affeição conjugal, ao nosso amor da mulher e da vida a traducção intelligente e sentida dos seus versos.

Tendes talvez razão em dizer que, como elle, tão cedo não teremos outro. Os que lhe são comparaveis, são seus contemporaneos e aprenderam a dizer as mesmas coisas que elle e pela mesma fórma. São o producto da mesma sociedade, que hoje vos parece conturbada pela invasão de novas gentes. Reconhecendo-o, previnovos, não estaes inteiramente naquella theoria de uma especie de arte hieratica e mysteriosa, só dos iniciados comprehensivel, que parecieis

aceitar. Não cuideis que eu vá chamar-vos incoherente. Penso comprehender todas as gradações da vossa idéa e procuro concilial-as. As theorias estheticas são por sua mesma natureza sinão vagas, cheias de matizes.

É certo, e não o lastimo, a nossa sociedade entra em um novo periodo, ou, como dizeis, em um novo clima incapaz de recompor a flora antiga. Fará outra, consolemo-nos; e nas palmeiras dessa cantará de novo o sabiá do poeta. Será talvez outra canção; mas, quem nos diz que não será tão melodiosa como a primeira? Haverá tambem quem a ouça e quem a repita. É possivel mesmo que ella seja mais bella ou que a achem mais bella. Outras gentes terão ajuntado á nossa melodia nativa, a sua harmonia racional; ás nossas emoções inconsideradas, a sua reflexão ponderada; á nossa voluptuosidade desenvolta, a sua sensualidade composta; ao nosso sentimento, a sua razão. O perigo, si perigo é, seria que então não nos pudessem ler mais a nós. Quem nos diz que em um paiz ameaçado — e ainda bem — dessa invasão pacifica e proveitosa — as academias não poderiam recuperar essa razão de ser que muitos lhe negam? Caberia então á Academia Brazileira, que com tanta satisfacção vos recebe hoje — salvaguardar a lingua em que cantou Luiz Guimarães Junior. Vós, grammatico e artista, nos

ajudarieis nisso. E então veriamos si ha numa nacionalidade algum orgão mais essencial que a literatura, que é a expressão, superior ás contingencias da politica e da historia, da propria nacionalidade.

IX

ALGUNS LIVROS DE 1895 A 1898

I

Os quatro annos de 1895 a 1898 não foram de todo estereis para as letras nacionaes. A producção de livros pelo menos foi grande, talvez mais copiosa que no quatriennio anterior. A secção bibliographica da *Revista brazileira* registra, nesse periodo, cerca de 300 obras propriamente literarias. Quantas durarão dez annos na memoria dos homens! Certo não é tanto o numero de livros como a sua qualidade e valor que constituem uma literatura; mas neste caso o numero teve tambem uma significação que se não póde negar. A literatura brazileira, no sentido simplesmente lexicographico da expressão, avulta e se enriquece em obras, e é na-

tural que a esse acrescimo na producção corresponda um augmento de valor dos productos.

Não têm razão os que se queixam — e não são outros que os proprios literatos — da escassez da nossa producção literaria. Ella, penso eu, excede seguramente ás necessidades do nosso diminuto publico ledor, ás parcas exigencias espirituaes de um povo quasi por inteiro (80 0/0) analphabeto. E excede ainda ás capacidades de producção de uma minguadissima minoria culta ou, mais verdadeiramente, semiculta. O gosto literario, quero dizer o gosto das letras, e sobretudo da poesia, que ao menos os nossos literatos revelam (porque realmente esse gosto é infinitamente mais delles que do publico, que o não tem) mostra, de um lado, a herança, a persistencia da tradição portugueza: uma nação literaria apezar da incultura geral do povo; de outro, e é apenas outra feição do mesmo facto, una dilecção individual prevalecendo ao desgosto geral. É ainda superabundante a nossa producção, porque não tem a procura que a sua cópia inculcaria e menos ainda o premio, siquer moral, correspondente. E tal excesso concorre ainda para fazel-a pela maxima parte desvaliosa. Não tendo de facto a nossa cultura augmentado sensivelmente nos ultimos annos, não se poderia tambem esperar augmentasse o merecimento do que era o

seu producto. Mas mesmo para nós se alargaram os horizontes intellectuaes; a nossa cultura, perdendo talvez em profundeza e intensidade, ganhou em extensão e variedade, um novo espirito penetrou-a, novas idéas invadiram-na, como que circulou nelle mais ar e mais luz e o resultado é que no fim de contas, principalmente em prosa, na novellistica, na critica, nas generalizações literarias e historicas, ha evidente progresso e lucro. Nem tudo — e se quizermos ser sinceros diremos quasi nada — é nosso; somos dos povos discipulos, dos que recebem sem dar, alumnos ainda mal aproveitados de mestres que nem sempre comprehendemos e que frequentemente imitamos desageitadamente. Mas em summa alguma coisa nos fica, nos ha de ficar, e como até o povo menos original tem sempre a sua originalidade, seja embora uma originalidade falha e manca, nós iremos pouco a pouco misturando a nossa á alheia, e dando a essa mistura alguma coisa da nossa indole e do nosso genio. Já o obervador desinteressado da nossa vida espiritual, o que estudar a nossa producção literaria sem nenhum preconceito patriotico, com inteira indifferença dos resultados — e é o que tenho procurado fazer — notará que ha nella coisas que nos são proprias, si bem não sejam exactamente essas as mais estimaveis da nossa obra. Como quer que seja,

porém, ha progresso, embora lento e minguado, na nossa vida literaria. Sem sair da estricta verdade, verifica-se que a literatura aqui se fórma e se avigora. O proprio augmento da producção consente descobrir, senão tirar della, em porção maior e mais sensivel, as virtudes essenciaes que possa acaso conter. É claro que o meu juizo é relativo ás proprias condições da nossa obra literaria, sem nenhuma idéa de comparação, que seria impertinente e petulante, com as literaturas, de que apenas podemos dizer-nos, sem affectação de modestia, mofinos e obscuros discipulos. Baste-nos, como consolação e estimulo, verificar que em summa se fórma aqui o orgão indispensavel de uma nacionalidade — uma literatura que a defina e que contribua para a vida espiritual da humanidade.

No periodo de que se occupa este primeiro volume dos *Estudos de literatura brazileira*, publicaram-se, além dos nelle estudados, outros livros que comprovam este juizo, e cuja noticia, portanto, não será de todo impertinente reproduzir. Nellas é a critica mais miuda e analytica; mas além de ser a conveniente a semelhantes noticias bibliographicas, me parece tem todo o cabimento e utilidade em uma literatura que a cada periodo da sua evolução parece recomeçar, que se não apoia em nenhuma

solida cultura, feita, em geral, por escriptores precoces, de escassa instrucção, sem a madureza que só um raro genio póde supprir, e que sómente póde dar ás nossas impressões pessoaes ou livrescas as virtudes de originalidade, de conceito e de força que fazem a grande e boa producção literaria. É bom que nos corrijamos uns aos outros — pois que a mesma critica não escapa a estes reparos. O escriptor brazileiro, na grande maioria dos casos, não aprende a escrever, aprende escrevendo; e é indubitavelmente util a elle a ás nossas letras que o critico faça algumas vezes ainda de pedagogo. A falta de um publico interessado pela vida litteraria, e capaz de uma escolha intelligente entre obras e escriptores, ainda torna mais necessaria e prestadia esta funcção, acaso secundaria, da critica, num paiz em que todo o sujeito que publica um livro julga-se com direito a ella e onde o noticiarismo incompetente toma o seu lugar, para opinar conforme as inspirações de uma indigna camaradagem ou segundo sentimentos ainda somenos.

II

Os que « não vivem só de pão », muitas vezes lastimam e lamentam o prosaismo bronco em que vae caindo a nossa vida nacional que já

hoje, principalmente na orla maritima onde se concentra a nossa civilização, não tem nenhum dos ingenuos costumes com que aliás povos muitissimo mais velhos que nós ainda embellecem a vida e descançam em certos dias ou épocas do anno da aspera luta da vida. Os que têm mais de trinta annos, relembram ainda saudosos, festas e tradições hoje quasi apagadas, do Natal, dos Reis, do Anno Bom, de S. João com os seus folguedos em que o nosso povo misturava num mesmo prazer as notas diversas dos varios elementos da sua mestiçagem, produzindo assim alguma coisa que, sem embargo das suas origens exoticas, era nossa, bem nossa. Para esses o livro do Sr. Mello Moraes Filho, *Festas e tradições populares do Brazil* (Fauchon, & C.ª) será um livro precioso, que fará recordar aos velhos as coisas do seu tempo, aformoseadas pela saudade, e dirá aos moços como nossos pais, que no fim de contas trabalharam tambem e tambem lutaram, punham na sua vida alguns bons momentos de alegria, a san, a saudavel, a moralizadora alegria, que no mesmo lar congregava familias, na mesma aldeia irmanava concidadãos, e na mesma terra, sem obstaculo das variantes locaes, estabelecia como que uma mesma corrente nacional de crenças, de prazeres, de tradições poeticas algumas, mais ou menos pitorescas todas, que contribuiam

tambem para a unidade moral da patria. — O grosso volume do Sr. Mello Moraes Filho é, independentemente desse merito a que chamarei moral, uma preciosa contribuição para o *folk-lore* brazileiro, ainda tão mal estudado e agora tão descurado. Divide-se em *Festas populares*, *Festas religiosas*, *Tradições* e *Typos de rua*. Na primeira descreve-nos o autor costumes como o « casamento na roça », o « entrudo », o « Anno Bom », o « Natal », etc., além do « 2 de Julho na Bahia », o « 7 de Setembro », e outras solemnidades e cerimonias, em que o povo imprimia o seu caracter e deixava a sua nota original. As festas religiosas, as « Santas missões », a da « Gloria », o « Dia de finados » e outras fazem objecto da segunda parte, na qual devemos notar a lastimavel omissão das duas festas religiosas talvez mais caracteristicas do Brazil, em que mais fortemente se sente a alma popular, as de Nazareth do Pará, dos Remedios no Maranhão, decantada por João Lisboa, e do Bomfim da Bahia. Não creio mesmo que nenhuma supére áquella em pitoresco, em novidade de enscenação e de cerimonias, em popularidade, fazendo significar esta palavra tudo o que ella comporta. — Nos « Typos da rua » procura o autor fazer reviver esses individuos curiosos que em todas as grandes cidades se encontram, naufragos da vida, perante os quaes o observa-

dor para muitas vezes, a procurar lobrigar-lhes, através das vestimentas andrajosas ou fantasistas e da mascara grotesca que lhes poz a miseria, o vicio ou a loucura, os segredos de uma alma. O defeito do livro do Sr. Mello Moraes Filho é que não é nem uma obra de sciencia, si não é demasiado pretenciosa a expressão, nem perfeitamente uma obra d'arte. E procurando, talvez, alliar as duas, não as soube o autor completamente fundir. A filiação historica, a evolução, porque digamos assim, de certas festas e tradições que do occidente europeu passaram para nós, bem como as modificações que aqui soffreram sob a influencia do mestiçamento indio-luso-africano, não são indicadas, sinão perfunctoriamente, muito de passagem. Em mais de um ponto sente-se a informação mal segura e soluções de continuidade, que investigações mais acuradas poderiam acaso supprir. Convem não aceitar o livro como inteiramente exacto, e seria preciso verificar-lhe as noticias conferindo-o com as dos nossos romances de costumes e dos viajantes do Brazil. Abundam nelle amplificações rhetoricas, que se repetem, tirando ao livro um pouco da sua unidade, e dando a impressão de que o autor teve, mais de uma vez, a falta de dados positivos, necessidade de alongar por esse modo os seus capitulos. — Afóra estas, não farei a este

livro, em todo o caso estimavel, não duvido repetil-o, outras observações. Não quero apontar coisas que me parecem menos exactas, menos correctas, e exageradas. Esse exagero mesmo é natural em quem, como o autor, se interessa demasiado pelo seu assumpto. Em mais de uma particularidade, de um detalhe, de uma impressão póde haver e ha falsidade — e não dou a este termo sinão um sentido restricto — mas no seu conjuncto, no seu total, este livro diz-nos bem o que foram as festas e tradições do nosso passado, hoje quasi mortas e apagadas, coisa curiosa, pela invasão do estrangeirismo — que aliás lá, nas terras donde vem, conserva piedosamente as suas. Isto põe o autor mais de uma vez em relevo e com justeza. — Prouvera que este livro concorresse para despertar em nós o sentimento adormecido dessas tradições e desses costumes, com que, com o autor repito, os outros povos, o Inglez, o Francez, o Allemão, o Americano, o Portuguez, todos em summa, douram de uns tons menos praticos, menos prosaicos e menos tristes, as duras exigencias da vida moderna. — O Sr. Sylvio Roméro poz ao livro das *Festas e tradições* um prefacio que, de parte a sua costumada falta de proporção na apreciação critica de certos vultos, é uma das suas melhores paginas.

Na mesma ordem de estudos brazileiros, pu-

blicou o Sr. Araripe Junior dois livros, *Gregorio de Mattos* (1894) e *Literatura brazileira. Movimento de 1893* (1896).

Aquelle « ensaio », como lhe chama o autor, não é ainda o « Gregorio de Mattos » de que a historia de nossa literatura está precisando para fixar, sinão de vez, ao menos inteira e completa a physionomia, em todo o rigor do termo interessante, do satyrico bahiano. E este para nós é o seu principal defeito, resgatado não só pelo talento com que está escripto como pela confissão do autor de que não o considera definitivo, promettendo-nos completal-o um dia. Esta promessa urge o autor cumpril-a por bem da historia critica da nossa literatura. Este seu estudo é seguramente uma obra d'arte, feita com intelligencia e coração, mas não é ainda a monographia que nos deve dar da personalidade daquelle que não hesita qualificar de « o satyrico mais acabado que já produziu a natureza » (p. 2) e cujo livro capitula de « o mais curioso que saiu de penna humana » (id.). Qualquer que seja o valor, e é grande, do novo trabalho do Sr. Araripe Junior, não queremos esconder que não ha nelle para os que conhecem os que o precederam na apreciação do famoso satyrico, o licenciado Rebello que o biographou, Varnhagen, Valle Cabral, Sylvio Roméro e outros, novidades que mereçam pos-

tas em relevo. Elle teve, todavia, a habilidade, mais que habilidade, o talento de renovar o seu heróe e o seu assumpto, pela maneira e pela mestria com que os tratou. « Adestrado », como elle proprio confessa, nas applicações de Taine, sujeitou aos processos do celebre historiador da literatura ingleza o curioso typo de Gregorio de Mattos, com a felicidade de se prestar esse typo como nenhum aos artificios desse methodo. Producto hybrido de um meio semi-selvagem onde nasceu e cresceu, — meio singular da formação de um povo, de uma nacionalidade nova, em uma região tambem nova — e de uma civilização superior, em que se educou, temperamento, caracter, indole excepcionaes, tudo concorre para fazer de Gregorio de Mattos, assumpto escolhido pelo Sr. Araripe Junior, um dos que melhor se prestam ás applicações dos processos de Taine. Esses processos, porém, têm os seus inconvenientes, e direi, têm o immenso inconveniente da sua subjectividade, que lhes tirou grande parte do valor que ao sabor de novidade ao principio deveram. Todos sabem a que incongruencias e disparates levaram elles o proprio Taine, não só no estudo de certos typos da literatura ingleza, Swift e o mesmo Shakespeare, por exemplo, como no de alguns da Revolução, Robespierre, Danton, Napoleão. O abuso das generalizações, cuja commodidade as torna que-

ridas de muitos criticos, não é dos somenos defeitos deste methodo e dos que modernamente delle derivaram, e veremos como esse abuso prejudica ás vezes o livro do Sr. Araripe Junior. Não queremos, entretanto, insistir sobre o methodo em que principalmente se inspirou. Como quer que seja, a elle deve o escriptor ter dotado a nossa literatura com um livro que nada absolutamente tem de banal. O principal reparo que lhe queriamos fazer, menos pelo que nos deu do que pelo que nos deixou de dar, é que o seu livro podia e devia ter sido um estudo completo de Gregorio de Mattos. Não sómente um estudo de artista, mas de erudito, não só um estudo da feição mais conhecida e estudada de Gregorio de Mattos, a satyrica, e a sua vida correlata de capadocio desabusado, mas a parte obscura, quasi desconhecida mesmo dos estudiosos da nossa literatura, da sua obra poetica, a séria, não publicada infelizmente pelo sempre chorado Valle Cabral, e que o autor aliás leu e compulsou nos manuscriptos da Bibliotheca Nacional. Dessa parte, não conhecida nem tratada, não nos dá o Sr. Araripe Junior sinão uma noticia rapida, de passagem, que nos deixa na mesma ignorancia da outra face do seu « fauno ». Será essa parte tão inferior que em nada modifique a opinião corrente sobre Gregorio de Mattos, posta de novo em relevo com raro ta-

lento pelo Sr. Araripe Junior? Si assim é, cumpria ao distincto critico dizel-o e proval-o, estudando as poesias não satyricas do poeta, e deixando definitivamente desenhada, sinão fixada, a figura realmente curiosa do seu heróe. Porque é como heróe e heróe querido que o trata o Sr. Araripe Junior, como já deixam indicar os dois conceitos atraz transcriptos. Estes reparos, porém, enfraquece-os a confissão e a promessa do autor, já citadas, que não é definitivo o seu livro, e um estudo mais completo virá mais tarde. Nacionalista, porém mais nativista que nacionalista, como si o nativismo pudesse ser um facto nas condições sociaes do nosso tempo, o Sr. Araripe Junior faz de Gregorio de Mattos aquillo a que os inglezes chamariam um homem representativo dos seus proprios preconceitos — desculpe-nos o autor a expressão — politicos. E como que quizera resuscitar o genial capadocio para que fosse elle o patrono da idéa. Infelizmente, a obra de Gregorio de Mattos é uma obra estreitamente subjectiva, pessoal, local, podemos dizer, impossivel de ser vivificada mesmo por um espirito do vigor do Sr. Araripe Junior. Os moldes em que a vasou, são os seus versos de uma chateza inverosimil, de uma metrificação detestavel, de uma factura incorrectissima, isto em tempo em que a lingua portuguza contava já os grandes

mestres da fórma poetica, Ferreira, Sá de Miranda, Camões e muitos outros. Nada ha de verdadeiramente humano nessa obra e, diremos mais, nada ha nella de profunda e sentidamente nacional. Ha o nativismo estreito e desintelligente do vadio contra o forasteiro laboricso. Entretanto, a acção de Gregorio de Mattos, embora, como nota o proprio Sr. Araripe Junior, inconsciente, teve uma funcção util e boa. Sendo a satyra a systematisação do espirito destruidor, como diz Comte e repete o Sr. Araripe Junior, a sua satyra é realmente a primeira manifestação de rebellião da colonia contra a metropole. Somente por isto, Gregorio de Mattos é o typo curioso e benemerito que é da nossa literatura, sem precisarmos exagerar-lhe a acção e as qualidades. Na literatura essa influencia durou pouco, si é que alguma vez existiu. Não ha um só poeta nacional que proxima ou remotamente revele tel-a experimentado. Mas, como diz o Sr. Araripe Junior, a sua rebeldia de bohemio indisciplinado ficou e penetrou no povo que lhe repetia os versos. O facto de elle ser um typo indigno, como é, e não o esconde o Sr. Araripe Junior, não tira á sua obra este valor historico. Porém é só como tal, no seu tempo e no seu meio, que nos póde ella interessar, por não ser dessas, pelas razões já ditas, que são por assim dizer sempre contem-

poraneas. — Nem sempre o entendeu assim o Sr. Araripe Junior, e fazendo um livro que bem se póde chamar um livro de these, cae em contradicções. Não vae, certo, como o Sr. Sylvio Roméro, até nos apresentar Gregorio de Mattos como uma especie de Catão satyrico, um austero, mas escapam-lhe apreciaciões em que nol-o mostra em « luta ingloria e desastrada da virtude feroz de um genio satyrico contra o conluio da bandalheira social, politica e domestica » (p. 47) ou como um sujeito « seriamente preoccupado com a causa publica » (p. 75). É difficil aceitar taes apreciações acerca de quem o proprio critico qualifica de « alma maligna, caracter rancoroso, relaxado por temperamento e por costumes » (p. 2), « bohemio, descuidado, bilontra » (p. 25) e « quasi louco » (p. 42), « parasita, asseyandijado » (p. 96) e *j'en passe*, e do qual nos affirma, e com inteira razão, que « nunca chegou a ter a comprehensão nitida das cousas » (p. 72), desinteressado « dos aspectos exteriores » (p. 41). Tudo isto é verdade e vae de encontro á these do livro de Sr. Araripe Junior. Entretanto, em todo elle o escriptor costeia, por assim dizer, a verdade, sem, infelizmente, jamais tocal-a. Traços com que nos pinta Gregorio de Mattos, são por vezes de uma psychologia subtil, penetrante e, o que mais vale, verdadeira. Desgraçadamente, o Sr. Ara

ripe Junior teve um preconceito, uma these a provar, e o « fauno », o « satyrico », o bohemio infamado por uma porção de baixesas, entre as quaes a mesma rasteira adulação aos poderosos, o parasita desbriado, surge como um precursor cujas « virtudes » se apregôam e recommendam. São os cochillos de Homero, mas importam flagrante contradicção, tanto mais lastimavel quanto o Sr. Araripe Junior teve talvez a impressão verdadeira de Gregorio de Mattos, e a dá em mais de um trecho, notavelmente no § 2, da pagina 108, dizendo-nos que não ha comparal-o com nenhum dos grandes espiritos que fizeram da satyra a expressão de uma philosophia, a traducção de uma politica. Isto depois de lhe ter antes chamado, como lhe chamou, o « satyrico mais acabado que já produziu a natureza », é uma rara incongruencia. A literatura de Gregorio de Mattos, diz muito bem o Sr. Araripe Junior, era a « literatura da chalaça ».

Muita coisa fica ainda para discutir neste livro, o que é o seu melhor elogio, entre outras algumas generalizações que, apezar do talento com que estão estabelecidas, não nos convenceram. O Sr. Araripe Junior é seguramente hoje um dos nossos escriptores de mais justa reputação; por isto mesmo não quero deixar sem reparo o uso que, a despeito do seu bom

gosto e espirito, faz de expressões menos condignas de um escriptor da sua autoridade — e que tambem é um artista. Releve-nos dizer-lhe que « a solemnidade acroceraunia das montanhas do Guanabara », « a angra de Todos os Santos... um enorme bioterio », « Gregorio de Mattos a agglutinar-se e resumir em fórma culta tudo quanto de doce e suave existia nessa esthesia demotica »; e que taes, não são precisamente bellezas.

Quando o Sr. Araripe Junior publicava na *Semana* os artigos sobre a nossa literatura em 1893, tive eu occasião de notar que « toda a sua boa vontade, toda a sua excessiva benevolencia, todo o seu talento, não chegaram para dar-nos sinão uma impressão de vazio, contraria justamente aos seus intuitos ». Relendo-os agora após tres annos, mais se confirma o meu conceito e mais admiro que o Sr. Araripe Junior, sem cair na banalidade — mesmo quando avança juizos que ninguem lhe aceitará — com tão pobres elementos tenha feito um livro interessante.

O anno de 93 é com effeito pauperrimo sob o aspecto literario; o que não admira, porque foi um anno não só de aguda agitação politica, mas de revolução. Taes periodos são sempre estereis literariamente, espiritualmente poderia eu dizer. É facto sobre o qual a historia literaria de

todos os povos não deixa duvida, e o mais frisante exemplo disso é o quasi, sinão total, desapparecimento de literatura durante a Revolução franceza. A escassa producção dessa época é insignificante no fundo e na fórma. Por uma necessidade do seu metaphysicismo critico, o Sr. Araripe Junior procura ligar os factos politicos dos ultimos tempos, o advento da Republica e a revolta do setêmbro, ao movimento literario. Ora, com a melhor vontade, não ha descobrir propriamente « movimento »; ha apenas continuação, e devemos dar-nos por muito felizes que a época revolucionaria, que ainda não acabamos de atravessar, não a tenha de todo interrompido. Os generos literarios mais proprios a essas épocas, os estudos sociaes e politicos, quer sob a fórma de historia, quer de exposição doutrinaria ou de questões praticas, esses mesmos são entre nós pouco florescentes. Alem de outras causas, o jornalismo diario substituiu-se ao livro como agente dessas manifestações de opinião. Mas o Sr. Araripe Junior, com o seu optimismo systematico, fez obra de todo o pau. Tres annos, porem, mal passados sobre a fórma primitiva do seu trabalho bastarão, espero, para tel-o convencido da completa insignificancia da maior parte dos livros e até folhetos a que fez a honra de dar um lugar na sua resenha critica. C. Castello Branco — em preço

ao nativismo do Sr. Araripe Junior que me perdôe a citação — escreveu com verdade e graça que « todo o homem tem uma porção de inepcia que ha de sair em prosa e verso, em palavras ou obras, como o carnegão de um furunculo ». Não estejamos a dar importancia que não tem, á conta de auxiliar o desenvolvimento das letras, a toda essa inepcia em ruptura de postema. A critica é tão incapaz de favorecer uma literatura com a benevolencia, quanto é incapaz de a prejudicar com o vituperio. As literaturas só as fazem as obras excellentes. A nossa já tem uma duzia dessas. Ellas servem para mostrar que somos capazes de as fazer, e portanto devem servir á critica como termos de comparação, como pontos de referencia. Tudo o que estiver abaixo daquelle estalão não deve merecer para ella. Só assim, penso eu, poderá o critico desempenhar-se no nosso meio da sua funcção modesta, mas util.

O Sr. Araripe Junior tem por todas as producções, não certamente a mesma estima ou o mesmo apreço, que lh'o não consentem nem a sua educação literaria, nem o seu bom gosto, nem as suas capacidades criticas, mas a mesma condescendencia como que paternal e bonacheirona, e, si me não engano, no fundo sceptica. E como um livro é principalmente para elle um pretexto para expôr idéas e fazer paradoxos,

aproveita-o mesmo ruim, e sobre pessima talagarça borda fantasias por vezes admiraveis. Disto neste volume ha mais de um exemplo. Eu estou certo que alguns dos mofinos autores considerados nelle, terão surprezas com as coisas que o illustre critico lhes descobriu nos livros.

O Sr. Araripe Junior, todavia, fez bem em escrever este livro, que vale por si mesmo, independentemente da maxima parte daquelles de que se occupa, algumas vezes com benevolencia tão excessiva que chega a parecer ironica. Resenhas como essa, principalmente realçadas por theorias tão brilhantemente expostas, são utilissimas, e é de lastimar que o Sr. Araripe Junior, não as faça annualmente. Outro acharia porventura a tarefa difficil, porque de facto « jamais se viu fertilidade mais esteril », para dizer como o autor das celebradas *Exequias de la lengua castellana*. Mas o Sr. Araripe Junior mostrou que sabe fazer brotar agua dos rochedos. Não foram, porém, dois ou tres dos livros por elle analysados no *Movimento de 1893*, este seu seria o unico que esse periodo houvesse produzido credor de menção, e honrosa.

É o Sr. Oliveira Lima neste momento um dos mais intelligentes, preparados e laboriosos escriptores brazileiros. Em 1896 publicou elle o seu segundo livro, *Aspectos da literatura colonial brazileira*.

Este estudo sobre a nossa literatura nos tempos da colonia é, informa-nos o autor no prefacio «, uma introducção a um trabalho sobre o Romantismo no Brazil », o que nos promette novos labores. Tão desacostumados andamos de verdadeiros « livros », que este, sómente por ser um, merece calorosas boas vindas. Realmente, poucos são na nossa mesquinha producção literaria os livros, isto é, as producções que formem um conjunto de doutrina, tratando systematica e methodicamente um assumpto com uma philosophia e um methodo. O Sr. Oliveira Lima confessa com honrada franqueza o que deve, quanto á inspiração geral do seu trabalho, ao Sr. Sylvio Roméro, « buscando entretanto na medida do possivel e sem preoccupações de excentricidade, fazer obra pessoal quanto á apreciação peculiar de cada escriptor, insistindo especialmente no caracter successivamente differenciado de suas locubrações ». Esta declaração a critica lhe deve reconhecer justa, e si o autor da *Historia da literatura brazileira* lhe leva vantagem em certas generalizações, nós preferimos o Sr. Oliveira Lima no modo de apreciar os escriptores, geralmente mais comprehensivo e penetrante que o daquelle.

O livro do Sr. Oliveira Lima tem para mim um grave defeito, que aliás apenas lhe prejudica a estructura, sem damno real do que é

o seu mesmo fundo. Penso que ha nelle partes escusadas e alongamentos inuteis; teria sido preferivel que o autor tratasse com mais desenvolvimento e individuação o que fórma o objecto principal do livro, dando como conhecidas e sabidas as idéas geraes em que lhe assentou a philosophia e o methodo ou expondo-as brevemente e de passagem. Assim, todo o longo capitulo primeiro, que toma 40 paginas neste livro de 301, é, sinão inutil, escusadamente prolixo, e não creio que traga grande luz á questão das caracteristicas da nossa literatura. Demais, são nelle aceitas noções e estudos de valor muito discutivel, como certas opiniões do Sr. Ladislau Netto sobre a nossa ethnologia. Ha em todos os estudos ethnographicos e ethnologicos feitos no Brazil e sobre o Brazil, uma fartissima somma de dilettantismo e incompetencia, sinão de charlatanismo, que nos devem tornar prudentes no aceitar-lhes os resultados e aproveitarmo-nos delles.

A historia da literatura brazileira reclama ainda, para ser feita, não direi scientificamente, por fugir ao abuso das expressões pretenciosas, mas racional e methodicamente, uma theoria philosophica. Precisamos em primeiro lugar de saber o que se entende por literatura e depois por literatura brazileira, e, sobretudo o que, no periodo colonial, se deve entender por esta denominação. Não acompanho certos theoristas

allemães que cousideram literatura tudo quanto representa manifestação intellectual, revelando-se pela escripta, nos mais variados generos, sem attenção á fórma literaria, ás preoccupações ou intenções dos autores, nem siquer á influencia que as suas obras possam directa ou indirectamente ter tido no desenvolvimento da cultura e da producção, propriamente literarias. Assim, a *Historia da literatura brazileira* do Sr. Sylvio Roméro, que adoptou o criterio allemão, e na qual entram economistas, oradores politicos e sagrados, chronistas da primitiva historia nacional, scientistas, é mais uma historia ou um capitulo da historia da nossa cultura que da nossa litteratura no sentido classico dessa denominação, que, a meu ver, é o bom, e ainda em o nosso tempo consagrado por obras do valor da de Taine sobre a literatura ingleza. Firmado o sentido preciso do que se deve entender por literatura, cumpre assentar o que se comprehende por literatura brazileira e, portanto, quaes são os escriptores que lhe pertencem.

O Sr. Oliveira Lima, que do Sr. Sylvio Roméro adoptou, conforme vimos, muitas idéas geraes e o methodo, mette na literatura brazileira individuos que ao meu parecer lhe não pertencem. Tal é o celebre Judeu Antonio José da Silva, que de brazileiro só tem o accidente do

nascimento, sendo, por todos os outros caracteristicos, portuguez. Seria como si os portuguezes considerassem como seu a Thomaz Gonzaga, o autor da *Marilia*. E, aliás, sob certo aspecto, o fariam com melhor razão, pois, incontestavelmente, apezar de todas as differenças e distincções possiveis, a literatura brazileira é um ramo da portugueza. O erro do Sr. Oliveira Lima valeu-nos, entretanto, um dos melhores estudos que conhecemos sobre aquella singular e sympathica figura, tão cruelmente sacrificada á intolerancia religiosa.

Não sei igualmente até que ponto é licito incluir na literatura o *Roteiro do Brazil* e o seu autor Gabriel Soares. Esse livro, estimabilissimo e preciosissimo como repertorio de informações do Brazil do seculo XVI, foi escripto sem nenhuma intenção literaria, como reconhece o Sr. Oliveira Lima, com o fim de propiciar o governo da metropole ás suas pretenções a « concessões de minas ou melhor, facilidades para sua descoberta, além dos privilegios e honras eventuaes dependentes da felicidade da empreza ». É, pois, como se diria hoje, uma especie de « memorial de concessão », e razão teve o Sr. Sylvio Roméro em rejeitar Gabriel Soares como escriptor brazileiro. É certo que adoptou outros nas mesmas condições. Ha, porém, ainda outro motivo e forte para re-

fugal-o da nossa literatura, é que esse livro, si livro é permittido chamar-lhe, escripto em 1587, só foi editado em 1825. Permaneceu, portanto, desconhecido, ignorado, não precisando acrescentar que sem nenhuma influencia, mesmo indirecta, na cultura geral da colonia.

Verdadeiro escriptor e o primero que mereça entrar na nossa historia literaria, é Bento Teixeira Pinto, a quem o Sr. Oliveira Lima, decidindo sem fundamento seguro uma questão controvertida, attribue os *Dialogos das Grandezas do Brazil*. Creio que a critica lhe não aceitará a opinião. O que dá a Bento Teixeira aquella qualidade é o poema *Prosopopéa*, authenticamente seu.

O capitulo que á Escola Mineira consagra o Sr. Oliveira Lima é bom e ha nelle mais de uma observação intelligente e nova, sendo em geral com arte e gosto postas em relevo as caracteristicas de cada um dos poetas que constituiram essa formosa pleiade. O autor, entretanto, não esgotou o assumpto, nem estava no seu plano esgotal-o, e o digo só por lembrar de passagem que eis ahi um thema tentador para um bello e util estudo critico e historico.

É tambem o melhor capitulo do livro do Sr. Oliveira Lima; aquelle em que elle se chega mais de perto ao seu assumpto, e que trata com menos abuso de digressões e generalizações es-

cusadas. Porque é este o defeito capital do excellente estudo que estamos noticiando; que o autor se deixou ir ao prazer de digressões e generalizações, que ou podiam ser resumidas em poucas linhas ou mesmo pouca relação têm com elle. Assim, além do primeiro capitulo, sobre o qual já disse, ha nelle um estudo completo sobre Beckford e a sociedade portugueza no seculo XVIII, e mais sobre a Renascença italiana, sobre a India portugueza, e sobre outras coisas, que acabam por reduzir a parte que propriamente cabe sob o titulo do livro, talvez a um terço deste. Isto é um defeito de composição, que, como creio ter dito já, não lhe tira o seu valor real, mas que deve ser evitado na futura *Historia do Romantismo*, que o autor nos promette e que nós todos que cultivamos e amamos as letras nacionaes, esperamos se não demore. Ha incontestavelmente no Sr. Olivera Lima tudo o que é preciso para fazer delle um dos mestres das nossas letras. Os seus dois livros publicados sobejamente o provam.

III

A nossa mais copiosa producção, como aliás succede hoje em todas as literaturas, é a da ficção em prosa, romances, novellas, contos.

Não affirmarei, entretanto, que a poesia não lhe leve aqui a primazia.

Os acontecimentos que mudaram a nossa fórma de governo, restituiram ás letras o Sr. Affonso Celso que se tendo nella estreado, ha mais de tres lustros, rodeado de merecidas sympathias, as abandonara pela politica. Honradamente fiel a convicções feitas após uma rapida passagem pelo republicanismo theorico, elle é daquelles poucos que pela sua attitude de abstenção e amúo protestam contra o novo regimen. No Sr. Affonso Celso este protesto tomou a fórma literaria, menos platonica, mas em todo o caso anodina. Em tres annos deu elle uns cinco ou seis livros que, não é muito dizer, obedecem todos á mesma inspiração, aos mesmos intuitos. Toda essa literatura pudera levar o epitheto de « literatura sebastianista ». Ninguem, e menos que ninguem o autor do *Invejado*, me fará a injuria de suppor a minima intenção de menos preço, ou de ironia siquer, nesta qualificação. A falta de outras qualidades, desvaneço-me de uma sufficiente largueza e liberdade espiritual para achar tão natural e legitimo e honesto que se faça literatura monarchica como literatura republicana, si taes qualificativos não são completamente incongruentes, e como quer que seja, ridiculos. E si precedo destas observações esta rapida e ligeira noticia do ultimo livro do Sr.

Affonso Celso, é porque toda a sua obra literaria, que no futuro será talvez um curioso documento do estado de certos espiritos, não póde ser estudada e comprehendida independentemente das condições em que foi concebida e executada e, quiçá, dos motivos que a inspiraram. Romancista, contador ou chronista, o Sr. Affonso Celso não é um artista imparcial e indifferente, mas em todo o rigor do termo um sectario, um apaixonado. Elle absolutamente não faz a arte pela arte, nem ao menos busca, sem outra preoccupação que da sua propria arte, dar aos seus contemporaneos ou fixar para o futuro a impressão do meio em que muito a contra gosto seu é obrigado a viver. E isto prejudica grandemente toda a sua obra, na qual não soube, e esse é o seu principal defeito e origem dos senões que a maculam, occultar a sua personalidade de politico, sob a sua personalidade de artista. Ora, o politico é forçosamente um apaixonado e, neste caso, a paixão perturba a visão, sinão o entendimento. A critica, pois, que faço ao Sr. Affonso Celso não é delle ter feito dos homens e coisas da nova situação uma pintura desagradavel e desprezivel, é de havel-a feito mal feita. E fel-a assim, não porque lhe faltassem os dons para fazel-a bem, que de sobejo os possue, mas porque, repito e insisto, a preoccupação politica — e de politico fundamente ferido nas suas affei-

ções e nos seus orgulhos, viciou a sua inspiração artistica.

O romance, como a poesia e o drama, tem sido, em todos os tempos e em todos os paizes, um elemento de critica, de propaganda ou de ataque social ou politico. Nenhum, porém, que não fosse sobretudo uma obra d'arte, jamais se incorporou a uma literatura. Não precisamos rebuscar na historia literaria os exemplos, que os temos na mais conhecida nossa das literaturas de hontem e numerosos. Vejam-se *Educação sentimental* de Flaubert, a serie dos *Rougon-Macquart* de Zola e mais frisantemente *Numa Roumestan* e os *Reis no exilio* de Daudet. São todos, não ha negar, romances que pintam e descrevem homens, factos, coisas de uma época, num momento dado, mas o fazem sem nenhum intuito perceptivel de apologia ou detracção — e por isto mesmo conseguindo effeitos que os livros do Sr. Affonso Celso, sem embargo das suas numerosas edições, não logram conseguir. Monarchistas ou republicanos, comtanto que espiritos capazes de apreciar com liberdade, aquelles livros francezes nos dão sobretudo uma impressão d'arte e uma emoção correspondente. Acabando de lel-os, não sabemos si seus autores, pertencem a este ou áquelle partido, inclinam-se por esta ou por aquella fórma com que as classes dirigentes exploram, qualquer que seja

o rotulo, as dirigidas. Ora, isso não acontece, e todos os leitores estarão commigo, nos livros do Sr. Affonso Celso e muito menos no ultimo, *Um invejado*, apezar do autor protestar em a sua advertencia « contra quem enxergar em seu trabalho coisa diversa de modesta tentativa de um romance nacional contemporaneo ». — Não, nós todos que lemos, não podemos justamente ver nelle sinão essa coisa, tão clara e manifesta nol-a poz o autor diante dos olhos. Pela composição e pelo estylo o livro do Sr. Affonso Celso é ao mesmo tempo um pamphleto politico, com as suas inevitaveis partes parallelas de panegyrico e de vituperio, e uma novella. Estas duas porções, porém, e é sómente este o motivo do meu desgosto, se não ligam, se não combinam em uma obra homogenea e logica. — Não tenho nada a dizer contra a idéa mãi do romance: um rapaz rico, criado na opulencia e mal educado em um meio familiar detestavel, com os defeitos da propria indole peiorados por estas circumstancias, que esgotado de recursos, por odio á abolição que lh'os tirara os ultimos, se faz republicano; tolo, enfatuado, ridiculo, supinamente bobo, como dizemos nós brazileiros, vem de desillusão em desillusão, da opulencia á miseria, depois de ter aspirado ás mais altas posições na nova republica até a um suicidio tragico e original, sendo, entretanto, sempre inve-

jado por um cunhado, cujo nascimento, educação e vida fôra o inverso da sua, outra especie de papalvo, ás vezes quasi pathologicamente idiota, que tem inveja do cunhado, quando sómente um mentecapto não veria que nelle já nada havia a invejar. — Nao só nada tenho contra esta idéa, como a reconheço feliz : estudar a genesis de um republicanismo que certo é dos mais despreziveis, acompanhar as evoluções de uma ambição illegitima, como em épocas revoltas apparecem tantas, descrever a feição dos homens e das coisas da época e dar como que a impressão della. — A paixão estudada, ou antes apenas indicada no livro, a inveja, é um accessorio e não o principal, não tem a minima e a mais remota influencia nem sobre o personagem principal, nem sobre o desenvolvimento da acção. Si o autor indica algures que o objecto della, Juquinha « o invejado », desconfiava e que o era chegava mesmo a percebel-o, nós o cremos sob palavra, mas não logramos jamais lobrigal-o no romance. Dir-se-ia que o autor esqueceu o seu titulo para apenas fazer a biographia, desde o nascimento até á morte, deste triste parvo que era a Juquinha. Ha porém na psychologia do Sr. Affonso Celso partes evidentemente fracas. O typo do seu protogonista foi mal escolhido ou é de um desenho pouco seguro, de traços molles ; *flou*, como se diz em linguagem photographica. — No des-

envolvimento desse caracter ha precipitações, si assim posso dizer, que nos acham incredulos. Assim, José Apollinario, criado na opulencia, gastador, dissipador, torna-se de repente sordido, avarento quasi, e esse elegante, que levara a vida de redeas soltas, como um estroina de grande marca, faz-se de subito um burguez mediocre, economico, mesquinho, para de repente apparecer, elle o sujeito criado na indifferença egoista do vadio rico, quasi como um fanatico politico, agitado pela ambição e agitando-se para realizar aspirações que só um tresloucado, mesmo dado o momento, creria possiveis. Como typo representativo do sujeito que se fez republicano por se sentir ferido nos seus interesses de proprietario de escravos, foi mal escolhido o desse estroina, para quem a propriedade não podia ter grande valor. Os que por esse motivo se fizeram republicanos, e certamente por desgraça da idéa republicana foram muitos, era gente de outra casta : sujeitos praticos, positivos, que sabiam explorar a sua propriedade escrava e fazel-a valer, fazendeiros em geral. Neste meio, para ser mais verdadeiro, devia o autor procurar o seu heróe e o acharia facilmente nos muitos bachareis paulistas, mineiros ou fluminenses por exemplo, para os ques os diplomas eram apenas um titulo de nobreza ou um cartão de ingresso ás posições politicas ou administrativas,

ficando elles principalmente fazendeiros, com todos os preconceitos da sua classe e todas as exigencias dos seus interesses. O typo buscado pelo Sr. Affonso Celso é pelo menos pouco verosimil.

Não creio na logica geometrica dos caracteres, nem mesmo na igualdade dos temperamentos; sei que o homem é um ser complexo e eminentemente mobil; entretanto nos mesmos desvios e alternativas de um caracter ou de um temperamento ha sempre uma logica, uma razão, um motivo e uma evolução que o autor de um romance ou de um drama precisa explicar-nos. A essa obrigação furta-se em geral o Sr. Affonso Celso com grave prejuizo da psychologia dos seus personagens. José Apollinario, o seu « invejado », póde ser um typo real, verdadeiro; confesso que é mesmo veridico, mas, sem contar as restricções feitas, o leitor nota demasiadas soluções de continuidade no que peço licença para chamar a estructura do seu caracter. — Enedina, sua mulher, que na sua vulgaridade é, talvez, a melhor craçào desta obra, educada no serviço domestico, affeita, e o que é mais, affeiçoada a elle, mostra-se depois de casada, caseira incapaz, desidiosa, negligente. Antenor, o invejoso, intelligente, « homem formado » como entre nós se diz, tem por vezes, segundo já notei, a inveja sandia de um verdadeiro parvo,

quando ao contrario, dada justamente a sua inveja, os successivos desastres do cunhado deviam fazel-o exultar. Sei bem que é ainda isso uma manifestação daquelle ruim sentimento, mas não é assim que é elle apreciado no romance, Ha em todos estes personagens falhas que o real talento do autor poderia ter facilmente evitado. Não o importunarei mais do que convem — mesmo porque já acima fiz os reparos necessarios sobre a concepção geral do seu romance, origem primordial dos graves defeitos que nelle se notam. Ella chega a affectar até o estylo do autor que em vez de ser artistico é neste livro simplesmente, si posso dizer assim, politico. Quem faz nelle a critica das novas instituições e dos seus homens, não é o romancista, o poeta, é o ex-deputado do antigo regimen, é o politico cuja alma trava ainda de decepções, legitimas e respeitaveis, mas decepções. Já disse e repito : não me escandalizam a idéas e opiniões do autor, acho-as tão legitimas como outras quaesquer e como outras quaesquer respeitaveis e dignas; o que nellas me desapraz é transparecerem numa fórma que se me afigura impropria de uma obra d'arte e, francamente, inferior. Peço-lhes que releiam o cap. XI, *O anno da abolição*, no primeiro volume; estou certo concordarao commigo que todo elle tem simplesmente o estylo trivial, descolorido e

corriqueiro de uma gazetilha do jornal. Dahi tambem o uso immoderado das frases feitas, copiosas nesse capitulo e em todo o livro, como « herdeiro do nome honrado de um leal servidor da patria » (p. 167, 2º vol.) « Antenor corava até á raiz dos cabellos » (54), « O Brazil vogava em plena prosperidade. Affluiam para elle os braços e os capitaes estrangeiros ; reinava paz publica inalteravel ; o comercio, a industria, a iniciativa particular de uteis emprehendimentos expandiam-se de modo extraordinario » (229, I), de envolta com a preoccupação, nem sempre feliz, de fazer novo, dando um estylo pouco seguro e effeitos pouco artisticos. Assim : « a fortaleza de Santa Cruz dealbava o fundo » (p. 67, I), « ermam dest'arte vidas inteiras, insuladas no oceano do cosmopolitismo » (p. 90, I), « governo provisorio... legislando caudaloso » (244, I), « Joséphine... chorava copiosa » (58, II), « Intensaram-se cruelmente as antigas preoccupações do moço » (223, II), « Ceará e Amazonas tinham-se emancipado totalmente » (201, I), e muitas outras de duvidosa correcção ou de elegancia e belleza questionavel. — Dizendo talvez com demasiada minucia as minhas impressões do novo livro do Sr. Affonso Celso, julgo ter-lhe dado a prova mais cabal do apreço em que o tenho como escriptor de quem muito tem a esperar a nossa literatura, si a sua alma de artista

desafogar-se, não direi das suas preoccupações, mas dos seus preconceitos de politico. O defeito capital do seu livro, para resumir, está em que no autor se não combinaram, fazendo um só ente, o artista e o politico. Desse derivam os mais.

Miragem, romance do Sr. Coelho Netto, é um bom livro, e nas restricções que vou fazer ao meu juizo não se veja sinão a constante vontade de dizer lealmente todo o meu pensamento e o apreço que me merece o autor festejado de *Miragem*. O Sr. Coelho Netto é dos escriptores da nova geração, um dos que têm realmente valor, que têm feito manifestamente progressos e com quem poderão as letras brazileiras contar. E neste meu conceito não ha siquer o mais leve resabio de mal ou bemquerença. Apenas verifico um facto. Em literatura, como no reino de Deus, muitos são os chamados e poucos os escolhidos; sempre foi e sempre será assim. Cada geração vê surgir numerosos escriptores cujas obras e nomes pela maior parte se não incorporam ao cabedal literario do paiz. Ao cabo de uma geração, e ás vezes ainda em antes de ter ella desapparecido, não ha encontral-os sinão nos catalogos dos bibliographos. É a lei; e lembral-a a proposito do autor de *Miragem* não reçuma pessimismo respeito á nossa producção literaria ou má vontade aos que ultimamente entraram

a contribuir para ella. O mais obstinado optimista do nosso tempo, e ao mesmo tempo um dos primeiros, sinão o primeiro dos escriptores delle, E. Renan, duvidou que a posteridade conservasse cem paginas do seculo XIX. É uma *boutade*, sei; mas quem se atreverá a dizer que não encerra uma particula, minima embora, de verdade? Sei bem que a nossa vaidade feminina se rebella contra similhantes conceitos. Andamos todos ingenuamente convencidos que estamos a fazer obra admiravel e immortal. E bom é que assim seja; faltasse-nos essa convicção, embora as mais das vezes impertinente e presumpçosa, nada fariamos, nem divertiriamos siquer os nossos contemporaneos com as nossas lutas, com as nossas paixões e com as nossas obras e não deixariamos aos vindouros onde escolher. Em arte, em letras, como em tudo o mais, ha tambem luta pela vida e selecção natural. Singular prova de inconsideração e leviandade daria quem lhe quizesse desde já determinar o resultado. Não é vedado, porém, accentuada previamente esta restricção, futurar a sorte dos livros que hoje lemos, não esquecendo que os livros têm fados e que os fados só os conhecem os deuses. Creio, pois, não aventurar muito dizendo que o Sr. Coelho Netto será talvez dos novos escriptores um dos poucos com quem as nossas letras, no genero que elle cul-

tiva, poderão contar. Já vêem que o meu vaticinio não excede a competencia de um propheta minimo. Um dos fundamentos, sinão o principal fundamento, do meu juizo é que o Sr. Coelho Netto tem, como disse e o reconhecem todos os que o acompanham, feito progresso. Não creio que da sua já copiosa bagagem literaria se salve muita coisa e, para ser franco, direi que acho della inutil e dispensavel boa parte; mas tres ou quatro livros que desenvolvam, accentuem e aperfeiçoem as qualidades da *Capital federal*, da *Miragem*, do *Morto* e do *Serão*, serão uma contribuição bastante á sua reputação e ás nossas letras. Não quero dizer que o Sr. Coelho Netto não nos possa dar muitos mais e todos bons; apenas atendo-me áquelle numero resumido de livros houve em mim o proposito de lembrar que elle está escrevendo com uma fertilidade que não póde deixar de prejudicar-lhe a perfeição e qualidade. Não queira o Sr. Coelho Netto viver das letras em um paiz onde só as de cambio têm cotação. Lembre-se, na nossa lingua, de Pinheiro Chagas, o phenomenal trabalhador, e de outros que, como aquelle no dizer do velho Castilho, frigiram os miolos para comer. A sua producção, lhe direi com toda a sinceridade, ainda a melhor, denuncia pressa. Não creia demasiado na

gloriola do noticiario e da rua do Ouvidor; com o amor e o apreço que tem á sua arte, servidos ambos por um talento de primor, trabalhe para o futuro. O seu livro *Miragem* é na primeira e na quarta parte um livro admiravel, um livro bom e forte, a despeito do exagero da nota menos naturalista ou realista do que crúa, da degradação de Maria Augusta. A segunda parte é menos boa, mas vale-nos o idyllio de Thadeu e Maria Barbara. A terceira é um *remplissage* inutil, que apenas serve para alongar escusadamente o romance, sem nenhuma vantagem esthetica. Não o chicanarei sobre a exacta verdade dos seus typos; para mim me basta que concebendo-os taes quaes, elles vivam e eu os sinta viver. Isso realizou o autor superiormente e as duas figuras um pouco idealizadas de Thadeu e Nazario são das melhores do nosso romance. Falei em idealização. É verdadeiramente um idealista o Sr. Coelho Netto; mas um idealista que bebeu o leite forte e perigoso do naturalismo francez. Todas as suas creaturas, todos os seus dramas, cobre-os como que um véo, uma nevoa, diafana e brilhante, transparente e azulada, através da qual os vemos agir ou desenvolver-se. Mais frizante é o facto na paizagem. No Sr. Coelho Netto a paizagem é realmente um « estado d'alma ». A sua paizagem sobre ser arranjada, como algumas de Chateaubriand.

idealizada, animada pela alma do escriptor, é pintada como as dos paizagistas de certa escola, envolta em leve bruma, que não chega a occultal-a ou siquer a falsifical-a, mas lhe tira a selvageria e bruteza. Por isso mesmo que considero o Sr. Coelho Netto um idealizador, sinão um idealista, que vê a natureza através do seu temperamento de poeta creador, lhe não desculpo os toques de escusado realismo ou antes de zolismo, que põe aqui e ali na sua obra. Tenho-o por artista bastante respeitador de si mesmo e da sua arte para lhe suppor intenções de escandalo; parece-me simplesmente que sacrificou ao gosto do tempo, ao desejo de fazer tambem novo. E tanto é assim, que neste livro *Miragem* tal senão, commum ás suas primeiras obras, quasi não existe. Não é um livro para meninas de primeira comunhão, mas é um livro casto, no alto sentido desta palavra. Da nova corrente mystica, vinda dos Russos, Allemães e Scandinavos, ha influxos, nas ultimas producções do Sr. Coelho Netto, visiveis em *Miragem*, dando a este romance uma distincção na novelistica nacional onde, si me não engano, é o primeiro em que se sente essa tendencia esthetica. Ella casa-se admiravelmente com o feitio do espirito do Sr. Coelho Netto, espirito subjectivo, que vê a paizagem mais com a alma que com os olhos, que se incorpora ás figuras que a sua imaginação crêo.

Direi agora do estylo do Sr. Coelho Netto. É preciso dizer delle, não só pelo seu valor intrinseco como porque o estylo deste escriptor tem contribuido para desencaminhar muito joven literato. Um momento houve em que quasi todos os que mandavam aos jornaes um conto ou uma fantazia macaqueavam-no. Lembro-me que quando fiz parte de um jury literario da *Gazeta de Noticias*, ao qual concorreram 60 e tantos contos (leia bem o leitor : sessenta e tantos contos) dois terços pelo menos procuravam evidentemente imital-o. Uma desgraça. O autor de *Miragem*, penso eu, não se creou originalmente o seu modo de escrever: elle principalmente deriva de Eça de Queiroz, de Ramalho Ortigão, Fialho de Almeida e, em geral, dos portuguezes do mesmo grupo literario. Sente-se isto ainda hoje, apezar do progresso feito. Lendo-se a primeira parte de *Miragem*, a impressão é mais da vida campesina portugueza que da brazileira. Os modos de dizer são portuguezes, e a copia de palavras peculiares a Portugal que usa, denunciam a escola em que se formou o seu estylo : « Eram as chuvas fertilizadoras do estio que rolavam pela veiga abrazada » « os regatos assoberbados, etc. » « O morto, homem de labuta, nascido para moirejar », « galuchos », « cabana », « bácoros », « rusticos », « aguilhada », « cabazes »,

« mouts maninhas » e muitas outras frases e expressões eminentemente portugrezas e não só desusadas mas não sabidas no Brazil. Nós dizemos verão, campo, campina, corrego ou igarapé (no Norte) recruta (galucho é da giria portugueza dos quarteis), barraca, rancho, palhoça, de preferencia a cabana; leitão e não bácoro; matutos ou roceiros e não rusticos; terrão e não aguilhada; cesto e não cabaz, matagal, capoeira, cerrado, conforme a especie, e mesmo moita, e não mouta; esteril, ruim, agreste e não maninho. Não censuro o Sr. Coelho Netto por usar de taes expressões todas de bom cunho portuguez e todas excellentes; antes o louvo por isso. Si noto o facto é para comprovar o que disse da formação do seu estylo. Esse estylo não tenho a pretenção de o julgar com uma pennada e definitivamente. Não conheço em critica nada mais difficil do que apreciar um estylo. Requer, com qualidades essenciaes de intelligencia, gosto e penetração que me faltam, uma longa e repetida e acurada leitura de um autor, um estudo minucioso de sua maneira, dos seus processos, da sua linguagem. Esse estudo confesso me fallece relativamente ao Sr. Coelho Netto. Digo apenas a impressão da leitura rapida dos seus livros e de *Miragem* principalmente. A dominante do estylo do Sr. Coelho Netto é a nota épica, embora

temperada pelo fundo do lyrismo sentimental que ha no seu genio. Sente-se que elle trabalha por fazer a sua frase poetica, retumbante, sonora. Com as qualidades de personalidade, brilhantismo, colorido e animação que o distinguem, tem para mim dois defeitos graves, de que vejo com prazer elle proprio parece ter consciencia, pois esses defeitos vão diminuindo e, como disse, já menores são neste livro : a falta de sobriedade e de simplicidade. Mais sobrio, mais simples, mais natural, menos manifestamente trabalhado, o estylo do Sr. Coelho Netto seria de todo o ponto admiravel. O recurso de um vocabulario raro, em que tanto parece comprazer-se e que o leva a inventar palavras de cunho, necessidade e qualidade contestaveis, ou a desenterral-as dos lexicos, está longe de ser um elemento de perfeição do estylo. Os grandes mestres da arte de escrever, os Flauberts, os Renans, os Maupassants, os Herculanos, os Garretts, escreveram as suas melhores paginas com o vocabulario correntio da lingua ; o termo esquecido, o neologismo inutil ou o archaismo rejuvenescido jamais os tentaram. Entre nós podiamos citar o Sr. Machado de Assis. Não vejo que dêem vigor ou elegancia ás frases em que os poz estes vocabulos empregados em *Miragem* : *tatalar*, *raucisona*, *tremito*, que repete frequentemente, *fulcites*, *patas bel-*

luinas, *silencio aromal*, *claridade albente*, *chamarrear*, *espaço tacito*, *noite tacita*, *tudo alvadio e tacito*, *surribando os eitos*, *gazillar*, *lazeres vesperaes*, *lande*, mal formados uns, improprios outros, desnecesarios quasi todos e nenhum verdadeiramente bello e realçador da frase. Sinto carecer absolutamente de autoridade para convencer ao Sr. Coelho Netto de renunciar a esses recursos de que o seu talento não precisa mais, que antes o prejudicam. Quizera vel-o abandonar de todo essas farandulagens e enveredar de uma vez para sempre pelo caminho da grande arte verdadeira, simples, pura de todos os trucs e recursos de enscenação e arrebiques das literaturas de decadencia, O seu livro *Miragem* não sómente alenta a esperança de ver realizado este desejo, mas é já um começo auspiciosissimo da sua realização.

Á sua primeira collecção de contos chamou o Sr. Magalhães de Azevedo, *Alma primitiva*. É o Sr. Magalhães de Azevedo um joven escriptor que se estreiou neste quatriennio com este livro e que publicou depois um bom livro de versos, *Procelarias*, e um outro livro de prosa, *Balladas* e *Phantasias*, além de bons estudos criticos e outros ensaios em jornaes e revistas. São escriptos aquelles contos com carinhoso amor de artista, com elegancia e bom gosto. Nas suas paginas, traçadas com sinceridade

encontrarão os leitores a manifestação candida de uma inspiração, que não é talvez bastante rica nem bastante forte, mas commovida, sem maneirismo nem falsa sensibilidade, eloquente, sem rhetorica nem frases. No meio da nossa literatura natural ou artificialmente nevrotica, intencionalmente escandalosa, propositalmente « espanta burguez » — como si nós todos não fossemos uns desinteressantes burguezes — o livro do Sr. Magalhães Azevedo é uma boa excepção, um repouso consolador. É um moderno, sem duvida, o escriptor que se estréa nestes contos ; um admirador, sente-se lendo-os, de Bourget, um filho do movimento naturalista, mas temperado pelo seu proprio genio todo de simplicidade, de sympathia, de sinceridade. *Alma primitiva*, que é o titulo de um dos contos, o qual denomina o livro, é a applicação, feita com talento, da psychologia do autor do *Cosmopolis* ao nosso meio sertanejo. Este conto e a *Escrava* dão-nos a maneira do autor e os seus defeitos. O seu estylo cuidado, correcto, elegante, embora sem relevo, tem o defeito de ser diffuso. Com seus senões e qualidades esta collecção de contos é certamente esperançosa promessa de um escriptor que possue em alto grau estas duas eminentes qualidades : o amor honesto da sua arte e uma rara sensibilidade de impressões.

Com *Varias historias* (Laemmert e C.ª) publicou o Sr. Machado de Assis o decimo quinto volume da sua obra e a sua quinta collecção de contos. Não farei a analyse deste novo livro do escriptor feito e justamente consagrado e prezado que é o Sr. Machado de Assis. Dizer que na nossa literatura é uma figura á parte e distincta, que tem com sobeja razão o primado entre os nossos escriptores de ficção, que possúe uma rara faculdade de assimilação e de evolução, que faz delle, escriptor da segunda geração romantica, sempre um contemporaneo, um moderno, sem para isso ter sacrificado á ultima moda literaria ou macaqueado alguma esthetica novissima, antes conservando a sua personalidade propria, distincta, singular; que é mais um exemplo da reacção triumphante contra o que o meio possa ter de deprimente, hostil ou antipathico, é apenas repetir o que já foi mais de uma vez dito. Estes conceitos todos os confirma o seu ultimo livro, onde se notam a mesma impeccavel correcção de linguagem, a mesma segurança de fórma, a mesma abundancia, força e originalidade de pensamento que faz do autor o unico pensador em a nossa literatura de ficção, a mesma ironia dolorosa e amarga, talvez demasiado occulta e recatada, ás vezes mesmo rebuscada, numa especie de requinte de pensamento, que é, ao

meu ver, um dos seus raros senões e que não sei si não prejudicará um pouco a sua obra. Eu sou pela literatura humana, e o refinamento das sensações, como o da linguagem, só dos iniciados perceptivel, póde forçar a minha admiração de literato, mas não conquistam a minha estima de homem. É este o motivo desta minha restricção ao forte e justificado apreço que tenho ao Sr. Machado de Assis augmentado, si é possivel, pelo seu novo livro. Não quer isto dizer que elle não seja humano; ao contrario, para quem o sabe ler, é um dos que o é mais entre nós e nas modernas literaturas, mas é a sua maneira de o ser que motiva a minha reserva.

Depois deste saíu outro livro do Sr Machado de Assis, *Yayá Garcia* (H. Garnier). Não obstante ser apenas uma nova edição, podemos dizer delle porque a primeira, havia muito publicada, não anda mais na lembrança do publico. De mais, tem este livro delicioso e honesto o picante de ser da primeira maneira do autor.

Entendamo-nos, porém, quando falamos em primeira maneira do Sr. Machado de Assis. Neste escriptor justifica-se mais uma vez o conceito critico da unidade da obra dos grandes escriptores. Todo o Sr. Machado de Assis está effectivamente nas suas primeiras obras; de facto

elle não mudou, apenas evolveu. O mais individual, o mais pessoal, o mais « elle » dos nossos escriptores, todo o germen dessa individualidade que devia attingir em *Braz Cubas*, em *Quincas Borbas*, nos *Papeis Avulsos* e em *Varias Historias* o maximo de virtuosidade, acha-se nos seus primeiros poemas e nos seus primeiros contos. A sua segunda maneira, pois, de que estes livros são a melhor amostra, não é sinão o desenvolvimento logico, natural, espontaneo da primeira, ou antes não é sinão a primeira com o romanesco de menos e as tendencias criticas de mais. Digo expressamente « de mais » e não « a mais », porque receio que estas ultimas tendencias possam talvez ser um dos senões — e as mais perfeitas obras os têm — da obra do Sr. Machado de Assis. A caracteristica do Sr. Machado de Assis é que elle é, em a nossa literatura de ficção, um artista forrado de um philosopho. E até pouco tempo foi o unico nestas condições. Os que possam existir depois delle, procedem consciente ou inconscientemente delle, sendo alguns méros imitadores sem valia. E no genero, si não uso mal a expressão, elle ficou sem par. Acrescente-se que esse philosopho é um pessimista de temperamento e convicção, e ter-se-á a sua caracterização completa, quanto é possivel desenhar uma figura forte e com-

plexa como a sua em dois traços de penna.

Yayá Garcia, como *Resurreição* e *Helena*, é um romance romanesco, talvez o mais romanesco dos que escreveu o autor. Não só o mais romanesco, mas talvez o mais emotivo. Nos livros que se lhe seguiram, é facil notar como a emoção é, dirieis, systematicamente recalcada pela ironia dolorosa do sentimento realista de um desabusado. Em *Yayá Garcia*, sem ter a pieguice dos romanticos, as gracis sentimentalidades de Alencar, a emoção, sempre contida e sobria, conforme o temperamento do artista, corre e anima todo livro, e o romanesco alliando-se a ella faz desta novella, como disse começando, um delicioso livro, que Tolstoï, com um ou outro córte, poderia porventura arrolar entre as obras da sua literatura humana. Isto para a superficie. Porque no fundo, lá está a misanthropia do autor. Misanthropia social e amavel, curiosa de tudo, interessando-se por tudo — o que em ultima analyse ainda é uma maneira de amar os homens, sem estimal-os embora. Uma porção de conceitos penetrantes e finos como uma maxima de La Rochefoucauld, que é uma das superioridades do Sr. Machado de Assis, e nos quaes resume elle uma situação d'alma ou um caracter, diriam ao leitor attento que eu não me engano e que nas paginas emocionaes de

Yayà Garcia, como dos *Contos fluminenses*, da *Helena* e da *Resurreição*, e nos seus mesmos versos, se faz a gestação de Braz Cubas.

Pouco direi da fabulação do livro. É simples, bem urdida e natural. Não me animo a acrescentar, logica. Os dois caracteres femininos estudados, o são talvez com mais força que acerto. Mas são inteiros e bem desenhados. Um dos psychologos da moda não teria deixado de attribuir áquellas duas mulheres uma nevrose qualquer, e de pôr naquellas paginas de arte um nome arrevesado, apanhado de outiva no consultorio de um medico ou mal percebido de uma leitura indigesta. O Sr. Machado de Assis, com o seu apurado gosto e fino tacto, manteve-se no puro dominio da arte. Viu as duas formosas creaturas do seu romance apenas com os seus olhos de artista observador. Não quiz saber do estado dos seus orgãos e desprezou a pathologia da familia. Julgou-as e descreveu-as sem auscultal-as nem percutil-as, sem indigar das condições physicas dos seus antepassados, mas só pelo que dellas viu e assistiu. Si errou no descrevel-as, não houvera errado menos com aquellas precauções clinicas e ridiculas. Prova de uma superioridade artistica, pouco vulgar entre nós e alhures. Hystericas ou não, Estella e Yayá são dois interessantes perfis de mulher, para o meu prosaismo

feminino talvez algum tanto poetizadas, mas vivas, e como o escriptor não quer ser um « naturalista » ou um « realista », no sentido escolastico destas qualificações, aceito-as quaes me apresentou. Luiz Garcia, esse é uma figura completa, e tanto mais difficil porque é uma figura apagada, e Valeria, se não chega a ser um medalhão, é um forte esboço. O heróe de romance, e neste cabe-lhe bem o nome, Jorge, — até o nome é romanesco — é, ao meu ver, a figura menos perfeita, mais trivial delle. Quando se estudar minuciosamente, como merece, a obra do Sr. Machado de Assis, se verá que em toda ella ha uma porção de typos subalternos, admiravelmente descriptos com crueldade e amor, se posso juntar estes dois substantivos. Ha uma classe de individuos profundamente antipathicos ao Sr. Machado de Assis, para os quaes elle especialmente reserva toda a sua capacidade de malquerença : são primeiro os tolos e depois, longe, muito longe dos tolos, os velhacos sem talento, sem força, sem energia, abjectos, almas baixas e espiritos tambem sandios. A essa galeria, onde figuram o Vianna da *Resurreição*, o Freitas do *Quincas Borba* e outros muitos, pertence o Sr. Antunes de *Yayá Garcia*. O Sr. Machado de Assis não teria jamais dado o reino do céu aos pobres de espirito, ou então lhe parecerá, como a

Alvares de Azevedo, preferivel o inferno.

A excellencia com que o autor de *Yayá Garcia* escreve a nossa lingua é proverbial. A preeminencia com que a escreve não é talvez tanto, e essa me parece a mim util de verificar. Nos dois povos que a falam ha escriptores tão correctos, tão puros e, direi mesmo, tão elegantes; alguns haverá mesmo mais copiosos e energicos; nenhum, porém, conheço que a use com igual facilidade e propriedade, nas mãos de quem seja ella tão ductil, tão leve, tão expressiva, tão significativa, tão capaz, tão matizada e ao mesmo tempo tão sobria, galante e senhoril. A lingua portugueza me dava a impressão de não ser propria ao conceito, adequada ás finuras do aphorismo ou ás graças e agudezas das sentenças e bons ditos. Experimentem traduzir uma maxima de Larochefoucauld ou um pensamento de Amiel ou Renan e terão a minha impressão; leiam o Marquez de Maricá e que taes moralistas da nossa lingua e terão a confirmação dessa impressão. Unico talvez entre os seus escriptores, o Sr. Machado de Assis lhes dará impressão contraria. Não lhes falo de frases como estas, lidas em *Yaya Garcia*: « R. olhava para elle, bebendo a felicidade, que se lhe entornava dos olhos, como um jorro d'agua pura » ou: « Yayá derramava pela casa todas as sobras de vida: » ou « uma familiari-

dade enluvada, um ar de visita de pouco tempo; » ou « E. era o vivo contraste do pai, tinha a alma acima do destino; » ou « nunca abria porém a porta do coração á curiosidade transeunte » e mil outras, que são bellas, originaes, imprevistas, raras, que entram por muito no feitio do escriptor, mas que poderiam ser inquinadas de um abuso de metaphora, algumas de *mièvrerie* mesmo. Refiro-me ao que fórma propriamente o conceito, o residuo verbal do pensamento. Da obra do Sr. Machado de Assis se poderia extrair, como da dos verdadeiros pensadores, um livro de aphorismos. Em *Yaya Garcia* esta feição do genio do escriptor, reconhecivel desde os seus primeiros ensaios, que se desenvolverá no *Braz Cubas*, no *Quincas Borba* e nos contos da sua segunda maneira, já é mais manifesta que na *Resurreição* ou na *Helena*. Ao acaso colhemos estes: « A vida conjugal é tão sómente uma chronica; basta-lhe fidelidade e algum estylo. » — « Ha uns amores aliás verdadeiros, a que precedem muitas contrafacções; primeiro que a alma os sinta tem despendido a virgindade em sensações infimas ». O que realça esta capacidade do Sr. Machado de Assis é a sobriedade e a propriedade com que a usa, com o raro sentimento de bom gosto e tacto, que tanto o distinguem entre os nossos melhores escriptores.

É sabido que elle não é um vulgar pintor de costumes, não pretende, não quer sel-o. A arte descriptiva, fórma sem duvida inférior da arte, não o seduziu jamais, em um meio em que só ella tinha cultores. É mais uma prova de personalidade, que o faz, como já tive ocasião de dizer, um escriptor á parte na nossa literatura. Nunca elle escreveu por baixo de uma novella sua o habitual « romance brazileiro ». Nelle a moldura, a paizagem — pela qual não tem nenhum gosto — são quando muito accessorios secundarios. As *lacrimæ rerum* acaso o deixam indifferente, o que o preoccupa é o homem, as situações e os contrastes dos caracteres, como já o deixou perceber algures. O homem não, os homens. Como seu Luiz Garcia, o pai de *Yayá*, elle, talvez amando a especie, aborrece o individuo. Mas este, como parcella da especie, o interessa sobretudo, e o seu grande prazer de artista é observal-o, estudal-o, dissecal-o, fibra a fibra, musculo por musculo, com uma grande curiosidade das suas paixões, dos seus *tics*, das causas que o movem e agitam, nas suas relações sociaes e humanas. E o indivíduo toma a sua desforra pela propria intensa e completa maneira por que o preoccupa. Mas esse homem, essa mulher, Luiz ou Yayá Garcia, Jorge ou Estella — uma das figuras com mais carinho tratadas na obra do Sr. Machado

de Assis — não é especialmente brazileiro ou brazileira, mas universal. De brazileiro tem apenas as feições geraes para não destoarem do meio a que pertencem, não quebrarem a harmonia do ambiente da ficção, e não offenderem os sentimentos de realidade do leitor. E é esta a mais alta distincção do genio do Sr. Machado de Assis na literatura brazileira, que elle é o unico escriptor verdadeiramente geral que possuimos, sem deixar por isso de ser brazileiro. Mas a demonstração deste asserto, alongaria de mais estas observações.

Paulo minora canamus. Vamos a *Os Brilhantes* pelo Sr. Rodolpho Theophilo, escriptor cearense.

Entre as curiosas regiões do Brazil, seguramente uma das mais curiosas é o sertão que desde a margem do S. Francisco vae até á do Parnahyba, abrangendo o interior dos estados de Alagôas até Piauhy. Dessa região, os sertões do Ceará e do Rio-Grande do norte são talvez a porção mais caracteristica, pelo seu aspecto physico e, si posso dizer assim, pela sua physionomia moral. Os que do meio physico concluem para o homem, achariam acaso nesse trecho do territorio brazileiro mais uma justificativa e frizante para os seus conceitos. Aquella natureza aspera, dura e brava tornou por igual bravio e agreste o homem que nella

nasceu e se creou. A terra da secca, que é toda essa região, é tambem a terra do crime, da violencia e do morticinio, não do crime como elle apparece em toda a parte, mas do crime tomando uma feição especial de luta de raça, de casta, e produzindo criminosos que fazem lembrar os *outlaws*, os *bandidos* primitivos, ora prestigiados pelo terror que inspiram e vivendo na sociedade, ora verdadeiramente fóra de suas leis, della banidos e por ella acossados e perseguidos.

Este interessante phenomeno da vida brazileira naquella região quiz descrever e estudar no seu romance *Os Brilhantes* o Sr. Rodolpho Theophilo. O autor é já conhecido por varias obras, umas de imaginação, outras de estudo sobre o Ceará, seus costumes e aspectos naturaes. É um trabalhador, consciencioso e sincero, e por isso digno de estima. Infelizmente, porém, ao Sr. Rodolpho Theophilo faltam os requisitos para uma obra como a que tentou, e si ella não lhe saíu completamete falha, deve-o elle, não só ao esforço com que se sente trabalhou, como ao interesse proprio do assumpto, da paizagem, do meio em summa do seu livro. A epigraphe que lhe poz de « estudo de psychologia », é talvez ambiciosa, e força a critica a ser menos condescendente na apreciação delle. Sou dos que pensam que se está, á

conta de Stendhal, de Balzac e modernamente de certos naturalistas, abusando deste termo de psychologia e psychologos. O mais insignificante conto, a mais trivial historia novellesca, se pretendem condecorar com o qualificativo de « estudo psychologico », e a cada passo nos surdem Shakespeares a esgaravatar a alma humana e pol-a núa perante os nossos olhos. Deixemos em paz a psychologia. No livro do Sr. R. Theophilo não ha encontral-a. O caso de Jesuino Brilhante, o heróe, o protogonista do livro, é antes physiologico que psychologico. Mesmo o autor, e como mostrarei é um dos seus defeitos, abusa com muito mau gosto e contra a esthetica do genero, de informações physiologicas para nos descrever o seu typo. O crime, qual nos apparece em Jesuino Brilhante que é um typo real; e em muitos outros individuos celebres dos sertões nomeados, é menos um facto psychologico que um facto puramente physiologico, melhor talvez, climaterico, explicado pelo estadio atrazadissimo de civilização em que o homem se acha e pelo meio, qual é nas sociedades primitivas. Não nos illudamos; a civilização do Brazil é apenas superficial, e sertões como aquelles a que nos referimos, acham-se pouco mais adiantados que a Kabilia ou a Senegambia. Nem o homicidio, por amor da vingança, constitue em taes meios um

crime, e muitas vezes os que a pretexto de civilização perseguem ou condemnam o homicida, não fazem sinão procurar á sombra de apparencias juridicas satisfazer aquelle sentimento. Nos *Brilhantes* os que os perseguem com todo o aparelho policial da lei, são tambem como elles assassinos e, sob a capa do desforço social, apenas se querem vingar. Isto mesmo declara em seu livro o Sr. Theophilo, e é a verdade. O motivo que fez de Jesuino Brilhante um assassino — assistir á morte em uma tocaia de um parente e companheiro de jornada — não bastaria em outro meio para explicar que o rapaz honesto e laborioso, pai de familia, se transformasse no scelerado cujas façanhas nos descreve. É que em taes meios, onde o sentimento juridico não conseguiu dominar os impulsos da animalidade, a lei que impera é a de Talião, e, posta em pratica a primeira vez, mata-se para se não ser morto. Assim foi que na região em que se passam as scenas dos *Brilhantes*, familias inteiras desappareceram exterminando-se mutuamente, e membros dessas familias, conhecidamente conniventes nos assassinatos, sinão elles proprios assassinos, não deixaram por isso de merecer a consideração e a estima em que taes sociedades soem ter similhantes sujeitos, e alguns occuparam talvez nella e fóra della posições so-

ciaes salientes e estimadas. Não se houvessem os inimigos dos *Brilhantes* arregimentado com as autoridades contra estes, e se tivessem trocado os papeis, os *Brilhantes* seriam os representantes da sociedade com a sua lei e a sua moralidade e os outros os bandidos perseguidos e foragidos. Tal vae, apenas com differença de grau, a nossa sociedade, não só aqui como nas nações que por mais civilizadas se têm. Jesuino Brilhante é, pois, um producto do seu meio, nem peior nem melhor que os outros, apenas talvez mais bravo, mais forte, e com antecedentes criminosos na familia. Como é natural, em criminosos taes, que o não são sinão relativamente ao nosso conceito, podem conservar-se todos os bons sentimentos e todos os bons moveis que não implicam com as necessidades da defesa ou do ataque, ou não entram em conflicto com ella. É classico e muito explorado pelo drama e pelo romance, o bandido generoso, cavalheiro, bemfazejo. Brilhante é mais um a acrescentar á longa lista delles.

O livro do Sr. R. Theophilo é de uma leitura um pouco difficil e desprazivel, não só porque carece das qualidades de uma obra d'arte como pela multiplicidade enfadonha de factos e scenas, cuja repetição, sem interesse real para o estudo do typo, nos podia ser poupada. Como roman-

cista faltam ao Sr. R. Theophilo não só a fórma, pois a sua é inadequada ao genero, sem distincção, nem relevo, mas a imaginação e o poder sinão creador, evocador, que é apenas a imaginação. Os processos descriptivos do autor, principalmente quando quer referir estados d'alma, têm a seccura e o descolorido de um inventario ou de um corpo de delicto. Commettendo um erro grave de officio, o autor, como já notei, multiplica a terminologia da technica medica e physiologica. Assim dirá : « Brilhante se estirou á vontade e a onda de sangue embaraçada em diversos pontos seguiu seu caminho até os capillares das extremidades do corpo » ou « a folhagem verde gaio do matapasto... abrindo os foliolos ás ondas luminosas », ou « a bocca escancarada... deixava pender a lingua quasi negra, cuja cyanose indicava um estado mais ou menos congesto das entranhas » ou « as cellulas morbidas transmittidas ao seu organismo por um dos seus ascendentes », frases que a gente não espera encontrar em um romance. O livro do Sr. R. Theophilo não é, porém, de todo ruim, e a extensão desta noticia é prova sufficiente do meu apreço, desvalioso mas sincero. Ha nelle descripções de paizagens e de scenas, que sem embargo da impericia do artista, transudam verdade e vida, e a impressão que nos dá da singular região recon-

tada a gente a sente, através dos defeitos da pintura, palpitante de realidade. É um livro que o autor deve refazer em um volume, desbastando-o das repetições escusadas e da sua terminologia scientifica e reescrevendo-o com mais simplicidade. O livro abre com uma descripção de scenas horrorosas do ridiculo motim dos quebra-kilos que, infelizmente, provam que os execraveis factos do Paraná e Santa Catharina de ha dois annos não eram coisa inteiramente nova na nossa historia dos ultimos tempos... Taes scenas, não obstante virem em um romance, sabe-se que são verdadeiras.

O titulo de *Alma alheia* com o qual enfeixou o Sr. Pedro Rabello os oito contos que formam o seu livro só por si revela no autor a pretenção de ser o que, com fundamento ou não, se chama hoje um psychologo. Parece que o seu fim não é só divertir-nos contando casos mais ou menos interessantes. Quer tambem instruir-nos sobre « estados d'alma ». Não sei si elle tem tudo o que é preciso, ou que se suppõe preciso, para realizar esse empenho; apraz crer que sim e que o autor da *Barricada* e de *Obra completa* possue as faculdades de que se fazem os Stendhals ou os Bourgets. Por ora, o que se póde dizer com verdade é que a sua psychologia é elementar, e não sei si não diga de segunda mão. Não é só a sua maneira, o seu estylo, que

lhe não pertence de raiz, o seu pensamento, a sua concepção da vida — e não ha escriptor sem isto — não são ainda tambem propriamente seus. Não se pense que eu esteja a exigir de cada escriptor uma originalidade especial, não me julguem capaz de similhante tolice. Sei, como toda a gente, que o mundo vive com meia duzia de idéas, e que só o modo especial de tel-as, de concebel-as, de combinal-as e de exprimil-as varia, e ainda assim bem pouco. O que se poderia chamar a originalidade de um escriptor é antes a fórma especial por que elle concebe a vida e dá a sua impressão della, o que admitte infinitas variedades.

Casar, irmanar, unir a idéa á sua expressão é, no cabo, o que fórma, em qualquer genero de lettras, o escriptor, o que constitue o estylo. O Sr. Pedro Rabello ainda não possue um estylo, por isso que como elle proprio reconhece e confessa no prefacio do seu livro, ha neste « disparidade de estylos, dissimilhança de processos ». No sentido em que tomei estylo e que creio ser verdadeiro, não é licito confundil-o, com « processo », ou « maneira ». O estylo é o que de mais intimo e individual ha no escriptor, o que lhe fórma por assim dizer a essencia, o que o caracteriza e distingue; a « maneira » ou o « processo » são apenas os aspectos exteriores do estylo, a

technica, digamos assim, do artifice, que embora infinitamente variavel é o que, pela sua propria materialidade, ha mais facil de ser imitado e o que justamente mais se imita. É ainda frisante exemplo disto o livro do Sr. Pedro Rabello. As duas influencias, a que, inconscientemente ou não, obedeceu o seu espirito não puderam fundir-se, fazendo-lhe um pensamento distincto. Dahi dois estylos, ou antes duas maneiras nestes seus contos. Uma em que é patente a influencia do naturalismo zolista e, mais perto de nós, da maneira do Sr. Coelho Netto, outra em que o seu naturalismo é temperado pela imitação estreita dos processos do Sr. Machado de Assis. Esta imitação, que ás vezes chega a ser quasi uma *décalque* ou uma parodia, é por ora a feição proeminente do Sr. Pedro Rabello. Vejamos dois exemplos de cada uma das maneiras seguidas. Maneira Coelho Netto : « Sol a pino; esbrazeado, rútilo sol de Janeiro... Tangendo a tropa, de volta do mercado longinquo — o Rufino estacou, de subito, ao subito chamado da tia Rita. E á porta da casinha branca, d'entre os galhos asperos dos espinheiros, a figura encarquilhada da velha chamava-o de novo... » Maneira Machado de Assis : « A mão delle mergulhou na almofada; foi lá ao fundo, voltou contraida e tremula, menos tremula do que contraida, não affirmo

o que trouxe porque já se não conhecia bem. Eram papeis, num masso; oleosos, encorpados e humidos. A alguns mal se lhes distinguia um rosto de homem. Talvez nem fosse de homem. Numeros sei que tinham, diversos; pequenos e grandes. Letras tambem, palavras até, em arabescos, em circulo, mais escuras, num canto, mais claras noutro. »

Estes exemplos poderiam ser facilmente multiplicados, principalmente os da ultima especie, porque a influencia mais forte é a do Sr. Machado de Assis. É dever dos que acompanham com sympathia o novel escriptor da *Alma alheia* premunil-o contra esta direcção do seu espirito, e o proprio escriptor imitado, com a sua rara delicadeza de tom, já o fez. No Sr. Machado de Assis, como em todos os escriptores dignos deste nome — e só o são os que têm alguma coisa que dizer — o estylo é formado da combinação, da liga intima e cabal do pensamento com a fórma, de modo que um acaba por determinar a outra. Certas repetições, certas indecisões, certas hesitações de affirmativa, as meias tintas, os matizes, a ironia da frase do Sr. Machado de Assis são a representação exacta do seu pensamento, nascem de fundamento do seu modo de vêr as coisas ou de sentir as sensações. Facil é imital-as; mas como a imitação ficará sempre li-

mitada ás exterioridades do estylo, correrá o risco de ser apenas uma parodia, porque o pensamento, o motivo interior de onde nasceu aquelle estylo, esse pertence ao escriptor e não póde em outro, por mais que este se procure identificar com aquelle, traduzir-se do mesmo modo. Leiam-se ás pags. 37, 52, 73, os trechos que começam « Volto afinal », « Olhos que me lêdes, detende-vos » « Trinta annos ha que isto foi », leiam-se integralmente os contos em que estão estas frases e ter-se-á incontestavel a corroboração daquelle asserto : a imitação é toda externa, não é a maneira que resulta do pensamento, mas, ao contrario, a idéa que procura a custo sair da maneira. Fôra, porém, desconhecer um facto assentado já pela psychophysiologia, que as palavras tambem provocam e estimulan idéas. No caso literario que estudamos, o conto *Mana Minduca* é exemplo disso, mas o fundo, como a fórma que o produziu, não são nem um nem outro originaes. Em ambos é sensivel a mesma influencia.

Não é isso motivo para que condemnemos o Sr. Pedro Rabello e o seu livro. Todos os que escrevem mais ou menos procedem de alguem. O que é preciso é que se não inutilizem nessa especie de vassalagem literaria. A copia, em literatura como em pintura, póde ser um processo excellente para surprehendermos os se-

gredos da fórma ou do estylo, para penetrarmos no intimo de um pensamento ou de uma concepção esthetica — com a condição, porém, de não nos demorarmos nella e de não deixarmos suffocar por ella a nossa individualidade. O ultimo conto do livro do Sr. Pedro Rabello *Obra completa*, do qual aliás não gosto, já nol-o mostra mais independente e distincto, mais senhor de um estylo que começa a ser seu. Entretanto ainda nelle apparecem as brutalidades escusadas, as faceis ousadias do naturalismo — quando este já vae em plena decadencia, sinão completo desapparecimento. Aos que chegam entre nós para este trabalho de letras, principalmente aos que chegam com talento e boa fé como o Sr. Pedro Rabello, peço licença para dizer que a tendencia da literatura actual é voltar, renovando-a, á tradição da grande arte : alliar a simplicidade dos meios á preoccupação sincera e cordial das coisas humanas.

Foi uma auspiciosa estréa a do Sr. Affonso Arinos, com o seu livro *No Sertão* (Laemmert e C.ª) em 1898. É com effeito este o seu primeiro livro, feito de alguns contos admiraveis e de trechos, esboços e fragmentos de obras de maior vulto, das quaes a nossa literatura de ficção deve muito esperar, a julgar por estas amostras. A obra d'arte, boa, verdadeira e sincera traz

em si mesma a força de persuasão da verdade das scenas, dos typos, da vida, em summa, que nos descreve o artista. Não precisamos conhecer o sertão do Brazil Central, o de Minas especialmente, para avaliar da fidelidade dos quadros do Sr. Arinos. A vida circula nelles em toda a sua intensidade. Esses quadros, porém, e dahi a sua superioridade, não são meras photographias recobertas por um brilhante colorista. São pinturas em que o artista poz a alma mesma da paizagem, dos homens e das coisas. Trez delles, o *Assombramento*, *Joaquim Mironga*, *Pedro Barqueiro*, são no genero, seguramente das mais bellas paginas, das mais fortes, como hoje se diz, da nossa literatura. Acha-se em cada uma delles, conforme quer Tolstoï, como uma das condições necessarias á creação da obra d'arte, a sinceridade, isto é, « um real sentimento de amor ou de odio pelo que pinta o artista ». Nem lhe faltam tambem as duas outras das tres que o eminente russo tem por indispensaveis á creação artistica « uma relação normal, isto é, moral, entre o autor e o assumpto, a clareza da exposição ou o que dá no mesmo, a belleza da fórma ».

O Sr. Arinos não só conhece como ama aquellas coisas; não as « pinta de chic », nem como um thema para frases. Si, cedendo a certas influencias de que o seu talento o ha de

sem duvida emancipar, a vida do seu « sertão », sem nunca deixar de ser verdadeira, apparece principalmente no seu aspecto sombrio e tragico, isso não tira que o escriptor sinta por ella mais que um amor de artista, uma larga sympathia humana. Não conheço na novellistica brazileira — perdoem-me a antipathica expressão — nada mais commovente na sua simplicidade tragica que a morte do Juca, o bravo rapazinho, contada por Joaquim Mironga. E a mesma nota de calida sympathia, sem falsa sentimentalidade nem pieguice, anima todo o livro no *Assombramento*, esse quadro de Dostoiewski ou de Goya, onde, sem que se sinta o esforço nem a technica, a arte conseguiu reproduzir e interpretar com maravilhosa perfeição um phenomeno psychico dos mais complicados, em *Manuel Lucio*, na *Velhinha*, na *Fuga*, em *Pedro Barqueiro* e nas demais paginas do livro. E isto sem que a personalidade do escriptor intervenha, mas derivando apenas da alma, da arte rara com que escreveu daquellas coisas que conhece e ama.

Haveria, sei, uma ou outra restricção a fazer á minha admiração, mas não quero aguar com ellas o prazer que me deu este livro. Direi apenas que eu quizera a lingua mais simples, o estylo mais corrente e facil. Com pouco, muito pouco, o autor o porá no diapasão a meu

ver desejavel. Assim estude e trabalhe, e o jornalismo, que tantos esperançosos talentos tem roubado ás nossas letras para esterilizal-os, o jornalismo em que em má hora se metteu, não o inutilize para a literatura onde acaba de fazer uma das estréas mais auspiciosas dos ultimos annos.

Até ha pouco os « novos » brazileiros não tinham escripto livro de prosa de mais folego, como um romance. Cifrava-se a sua producção á poesia, a trechos de prosa sem nenhum fundo, fantasias chamam-lhes, como só aqui se escrevem, coisas sem classificação, nem valia, productos hybridos de intelligencias escassas com imaginações pêcas, e a contos. Dos seus mesmos contos apenas um livro appareceu em 1897, os *Signos* do Sr. Nestor Victor.

Não sei si o autor deste livro é um espirito original; da leitura do livro conclúo, porém, que pretende ser. Como sou dos que acreditam na vontade na literatura ou na arte, não lh'o increparei, e prefiro levar-lhe em conta o esforço que para isso faz, sentindo apenas que não tenha tido a arte de o disfarçar melhor. Não me enganarei tambem, porque ouvi a propria confissão do autor — dizendo que elle se tem por independente, por um individualista em arte, assim como que ha nelle o desejo, respeitavel porque me parece sincero, sinão de

um apostolado, de um sacerdocio laborioso e convencido. As paginas que sob o titulo pretencioso, ou ao menos precioso, de *Serenatas*, poz como prefacio ao seu livro, deixam bem perceber esse intuito. O Sr. Nestor Victor illude-se entretanto, suppondo-se fóra de qualquer grupo ou escola, independente de qualquer canon esthetico. E lhe direi francamente, só a ingenuidade da sua pretenção o desculpa de tel-a, mostrando que ainda ha na sua alma de artista uma candidez que, si não se desvairar, póde ser uma força. Por maior que seja a personalidade de um escriptor, mesmo de um creador, elle deriva de alguem e obedece ás imposições inconscientes do seu passado e do seu meio. O Sr. Nestor Victor é puramente, e, direi, estreitamente, um neophyto das novas correntes literarias conhecidas, em poesia ao menos, sob a denominação generica de symbolismo. É um « novo », a mais commum especie de gente que se conhece em artes e lettras, pois todo o escriptor, toda a tendencia artistica ou literaria, começam fatalmente por ser novos. Creio não ser suspeito a essas novas tendencias, cuja legitimidade procurei aqui explicar e reconhecer (V. acima *Um romance symbolista*), mas de reconhecel-a a lhe aceitar todos os productos, com a admiração que uma certa especie de snobismo consagra ás coisas

que nos vêm appelidadas de novas e originaes, vae uma grande distancia. Aceito-as todas, mas, como diria um jurista, a beneficio de inventario, e si ha entre os « novos » ou nas suas escolas, escriptores e obras que admiro e estimo, maior é ainda infelizmente o numero dos que não obedecem sinão a um capricho da moda e das que apenas servem para lançar sobre taes novidades estheticas o discredito e o ridiculo.

Não condemnemos *a priori* as novas fórmas da arte, certos de que o que possa haver nellas de legitimo e bom sobreviverá em obras e effeitos á voga de um dia, mas não nos deixemos illudir pelas suas pretendidas audacias, que as mais das vezes são meramente uma confissão de impotencia. Através do tempo e do espaço a arte é uma só, e as suas variações, por profundas que sejam, lhe não affectaram — podemos, portanto, concluir, nem lhe affectarão jamais — a essencia. Mas dentro da Arte, assim concebida, como a mesma sempre nos seus fins e nos seus meios, ha espaço bastante para que a individualidade do artista — si elle de facto a tem, se mova á vontade.

O Sr. Nestor Victor é um symbolista e symbolicos nos seus intuitos e na sua significação são estes contos que denominou *Signos*, titulo que deve tambem ser symbolico. Symbolos ou allegorias

— mais allegorias aliás que symbolos — pretendem evidentemente ser os seus contos; porém, como por mais pessoal, por mais « nós mesmos » que nos supponhamos, não podemos escapar á influencia do ambiente que nos cerca, ha em alguns delles, como no mal intitulado *Humour*, a impressão e quasi a technica do naturalismo. De parte a fabulação e certas exterioridades das novas escolas, é ainda a forte seiva naturalista que alenta a maior parte delles, o que não é aliás um defeito. O symbolismo constante da fabulação tem todavia um grave defeito, que arrisca, caindo numa especie de didacticismo, tornar-se monotono e enfadonho. A allegoria é cançativa e o symbolismo para não cair numa nova fórma de poesia didactica, precisa de uma rara faculdade de idealização e uma arte não menos rara no estabelecimento das correspondencias entre a idéa do poeta e a fórma por que a exprimiu. Essa arte, com a melhor vontade, não a logramos descobrir nos *Signos*.

Mas, creio já ter deixado perceber que não quero considerar este primeiro livro do Sr. Nestor Nictor, sinão com uma estréa, nem levar-lhe em conta outra coisa que a sua boa vontade e sinceridade de artista; não entrarei, pois, na sua analyse miuda, nem porei em relevo aquillo que nelle se me afigura imperfeito

e falho. Mas como o Sr. Nestor Victor principia, permittirá, sem me levar a mal, lembrar-lhe que ha na fórma, na redacção dos seus contos, erros graves e uma extrema liberdade com a lingua.

Concordará o moço autor commigo que escrever seria uma coisa facillima e ao alcance de toda a gente, si não tivesemos a attender á syntaxe e ás demais partes da grammatica e sobretudo á indole e ás tradições da lingua de que nos servimos. Não creia que Mallarmé consiga jamais uma reputação de escriptor em França, e siga antes Verlaine, que era um purista.

Está em moda entre certos escriptores de escasso lexico fabricarem verbos com um desembaraço surprehendente. O Sr. Nestor Victor, cuja ignorancia da lingua é grande, é prodigo de verbos novos : leveficar, esfumiar, silenciar, ironizar, despulmonar, e que taes. Não admira, um dos nossos *novos* creou *porcelanejar*. Abusa por igual do que os grammaticos chamam o pronome sujeito, cujo uso parcimonioso é uma das elegancias da nossa lingua. Vejam pag. 21 e *passim*. Emprega expressões escandalosas para um estheta, como «antes pelo contrario », (pag. 22) e, em estylo de prosa infima « o *modus vivendi* que entre ambos se estabelecera. » (pag. 89) « Escapou-se de casa... sem prehen-

cher nenhuma das tantas formalidades que o caso requeria. » (pag. 43)

Além deste grave defeito, grave principalmente em um livro que se pretende de pura arte e que evidentemente se filia ás novas correntes estheticas, ha no estylo falta de systema, difficuldadès de expressão de pensamento, impropriedades. As frases que vou citar são os documentos do meu asserto : « Seria tão facil si, para nos tornarmos felizes, não tivessemos mais que fazer a escolha com o coração ! » (pagina 46) « a vida é sempre um rochedo vivo de veios fecundos, desde que se tenha para recebel-a uma recta, serena e constante firmeza de espirito ! » (pag. 79) « Por estes precedentes, e por uma questão de temperamento, com especialidade, a atmosphera do commercio lhes era adversa aos dous. » (pag. 147) « Sua vida fôra elle sempre que dictara com uma rectidão instinctiva a si proprio. » (pag. 161) São frases que, como dizem os francezes, *ne se tiennent pas debout* e taes superabundam no livro.

Ha destes desfallecimentos na prosa dos *Signos*, contrastando com o esforço evidente do autor para fazel-a preciosa e rara. Um grammatico pechoso lhe notaria fazer de *curul* masculino, o emprego errado de « apanagio » (pag. 43), « viu Oliverio o quanto eram vãos... » (pag. 44) ; o uso defeituoso do participio pre-

sente « partindo » a pag. 46; « um amor de cada vez mais imperioso » (pag. 47); o « olhar-lhes de cima » (pag. 156), o emprego quasi sempre vicioso dos pronomes e das preposições que acompanham os verbos (subjugara ao Bruce (pag. 168), o verbo « acordar » como pronominal. « E ao mesmo tempo acordou-se nelles um instincto bestial » (pag. 13), e muitos outros descuidos que o estudo certamente corrigirá. Estes reparos não pretendem ser a condemnação — para a qual me falta aliás autoridade — de um escriptor que começa; são apenas uma advertencia cordial e amiga.

IV

Disse eu acima que os versos talvez sejam a porção mais consideravel em numero da nossa producção literaria. Realmente apparecem aqui por anno duzias de collecções de versos. Muito longe está infelizmente a qualidade delles de corresponder á quantidade. A nossa poesia ganhou certamente muito na fórma, mas não será talvez exagerado dizer que perdeu em sentimento, em intelligencia e em sinceridade sobretudo. É talvez nella que menos se manifesta de facto a nossa emoção e o nosso entendimento. E até este momento não sentimos que

a nova esthetica, impropria ou insignificativamente chamada symbolista, lhe tenha trazido qualquer contribuição que a realente.

Poeta espontaneo, mas de curta inspiração, talento medio, mas natural, impressionista e sincero, o Sr. B. Lopes está, de caso pensado, a despir-se de todas as suas qualidades proprias, a falsificar o seu genio, por amor de não sei que theorias de decadencia, que até agora em arte apenas nos deixaram a sensação do vazio. Mas como, *chassez le naturel, il revient au galop*, por mais que faça o Sr. B. Lopes, no fundo é apenas, e ainda bem para elle e para nós, um parnasiano ou antes um lyrico transviado pelo decadismo portuguez, principalmente pelo em todo o rigor do termo decadente Guerra Junqueiro. Como lyrico, apezar da sua intenção contraria, o Sr. B. Lopes é bem um nacional; a sua inspiração vem directamente das fontes mesmas do nosso lyrismo, da modinha e dos descantes populares, de Casimiro de Abreu e do que na mesma nota ha em Gonçalves Dias, em Alvares de Azevedo e nos romanticos. Mais tarde Gonçalves Crespo deve ter tido sobre o seu talento e inspiração consideravel influencia, sensivel, visivel, palpavel, por assim dizer, em toda a sua maneira actual, ainda na que erroneamente procura fazer distincta e conforme á nova poetica que, sem muito percebel-a, presume se-

guir. Tal preoccupação, toda artificial, leva-o a esta inconsequencia, que não ha no seu livro absolutamente nenhuma unidade nem de pensamento, nem de esthetica. Crendo ser raro e distincto, arreméda apenas desageitadamente Leconte de Lisle e Heredia, como em toda a porção de um preciosismo gongorista das tres primeiras partes do livro; julgando fazer symbolismo, não faz sinão imitar a simplicidade affectada e ôca de Guerra Junqueiro, como em « Val de Lyrios ». O resto, que é de muito o melhor do livro, sinão de grande folego, de legitima inspiração, é o parnasianismo remodelado de Gonçalves Crespo, ou o lyrismo de Heine, visto ainda através deste poeta. Da mistura, que não combinação, destes diversos elementos é este livro *Brazões*, O preconceito — que Nordau classificaria entre os seus symptomas de degenerescencia — de fazer exotico, exquisito, extraordinario, unica feição que distingue a escola, força o Sr. B. Lopes a torcer o seu engenho numa direcção que lhe é antipathica e onde não se lhe deparam sinão insuccessos. Por isso a artificialidade da maioria destes seus poemas salta aos olhos do leitor menos experiente em analyses. Os titulos em que os enfeixou, são a manifestação dessa fórma de preciosidade, de que a historia das decadencias literarias conhece fartos exemplos, no gongorismo luso-

hispano, no marinismo italiano ou no euphuismo inglez: *Domus aurea*, *Helianthos*, *Stellario*, *Vorandim*, *Val de Lyrios*. O livro é dedicado a uma « memoria estrellada ». — É contra a artificialidade, a *pose*, o preciosismo, o kantchatkismo, como diria Leão Daudet, de tudo isto que me revolto, principalmente porque o seu unico effeito é prejudicar um poeta de franca e ingenua inspiração.

Li outro dia — por ahi se escreve tanta coisa!... — que o Sr. B. Lopes como Heredia e Leconte de Lisle não era um poeta de reflexão, que medisse e pesasse os seus versos e pensamentos. Que crasso erro! Os dois eminentes poetas francezes são ambos consummados eruditos — sim, eruditos, no verdadeiro e, para o nephelibatismo, desprezivel sentido da palavra. Leconte de Lisle era um hellenista de primeira ordem e Heredia, exalumno da grande escola da erudição franceza, a *École des Chartes*, é um dos sujeitos mais profundamente versados na historia da conquista hespanhola da America. Os poemas de ambos são verdadeiramente a synthese do seu pensamento, feito no estudo das difficuldades dos classicos gregos ou das garatujas dos velhos manuscriptos latinos e hespanhóes. Longe de serem os sonetos de Heredia apenas um capricho de artista cinzelador do verso, são, como a critica

franceza demonstrou com provas de apoio, a resultante ás vezes de estudos que dariam volumes. Dahi o seu valor, extraordinariamente realçado pela forma impeccavel em que o poeta vasou o seu pensamento. O pensamento, é isso justamente o que falta nos que dos dois grandes poetas não sabem ou não podem imitar sinão as exterioridades vulgares dos seus poemas. Não ha, por exemplo, encontrar um só pensamento, um só conceito, uma unica idéa neste livro dos *Brazões*, principalmente na parte que constitue a maneira nova e especial do poeta. E a fórma? Si a poesia é por excellencia a arte da fórma, mais exigente devemos ser na poesia que pretende ter uma nova esthetica caracterizada principalmente pela perfeição rara da fórma, que chege a dar-nos todas as sensações proprias ás outras artes, a sonoridade da musica, a plastica da estatuaria, a côr da pintura. Vejamos a fórma da do Sr. B. Lopes É mais guindada, mais rebuscada, ou antes mais gongorica que distincta. A sua lingua é incorrecta, a syntaxe confusa e imprecisa, o vocabulario pobre; ha palavras e frases como jalde, lyrial e lyrio, ruflo d'azas, flavo, papoula, opala e sobre todas oiro e seus derivados, que se repetem enfadonhamente ás vezes empregadas sem cabimento.

Não se percebe o que á pag. 48 vem fazer a frase « alarmando-se um cheiro de lilazes ».

Entra ali por fazer rima com « rapazes » mas não faz absolutamente sentido. Aliás a *cheville*, como a este pobre recurso chamam os francezes ou o bordão, como lhe chamamos nós, abunda. E não ha como perdoal-a em poetas que tanto fallam da Fórma, da Arte, e da perfeição do verso. Raro é um soneto ou outro poema do Sr. B. Lopes sem uma *cheville* pelo menos. Ha versos, da peior maneira do autor da *Morte de D. João*, onde só ha bordões Assim estes, que lembram estrophes de certas poesias desconnexas em que se mettia, com muito boa metrificação, as coisas mais disparatadas do mundo. Trata-se de uma fidalga — são a preoccupação do Sr. B. Lopes, as fidalgas:

Que no trajo preto leva
Toda uma luz espontanea
Como o diamante de Urania
No estofo negro da treva.

Que essa titular esbelta,
Essa franzina fidalga,
Tem a elegancia da galga.
E todo o aprumo de um célta.

As liberdades que toma o poeta com a lingua são fóra de toda a regra. Quer dizer que uma amphora tem a boca aberta, chama-lhe a « abrifauce », o que não diz nada. Toda a gente está autorizada a formar palavras, mas desde que recorre ás linguas classicas para formal-as, tem

de sujeitar-se ás leis da formação dos vocabulos, que não são uma pequice dos grammaticos, mas uma resultante da propria vida dessa organização historica que é uma lingua. Os verbos que lhe faltam, fabrica-os desembaraçadamente, o que é, pelo menos, commodo, e assim tem estrellejar, porcellanejar, castanholar, melodiar opalinar e muitos outros. Com a mesma liberdade, por amor do verso e da rima, fez « esgalga », « asperezas nostalgicas de fragoa » « parlo », « do corpo excelle o empurpurado lyrio », « espiritos exaltos », « um agâpe », « carne alva e langue », « um alcyone, etc. — A sua rima para ser rica precisa ou do bordão como vimos ou de torcer e deturpar a lingua, cujos recursos desconhece. Assim faz de exaltados « exaltos » para rimar com altos; e de parlador « parlo » que não significa nada, para rimar com... Monte Carlo! Só ha verdadeiramente riqueza de rima quando para conseguil-a o poeta não sae fóra da lingua e do bom senso. Vestir a uma condessa uma « saia turca » para rimar com « mazurka » ou vestir « nove ou dez mulheres » de « dolman feito como o dos alferes », como si o dolman dos alferes fosse no côrte differente do dos tenentes ou capitães, e que taes, não é ter a tal e tão gabada rima rica. Não custa achal as ricas e raras quandos nos deixam invental-as a nosso talante. O verso do Sr. B. Lopes é me-

lhor que a sua lingua e que a sua rima. Entretanto os ha nos *Brazões* que são pura prosa, como « prevendo o caso de uma estada longa » ou o que citei « de dolman feito como o dos alferes ». Riqueza e propriedade de imagens, originalidade de pensamentos, dessas joias de estylo, de conceito ou de adjectivação que são a marca do grande poeta, uma sensação notada com profundeza ou arte, não ha nestes versos, cuja unica distincção é affectadamente rebuscada numa preoccupação como quer que seja ridicula, de alta vida, em « palacios heraldicos » « varados de tristeza singular », ou em parques senhoriaes onde o phaeton de alguma duqueza « scinde o fresco ».

Ha neste feitio de poeta, além talvez de uma imitação do poeta portuguez conde de Monsaraz, fidalgo e vivendo entre fidalgos, um snobismo artistico que absolutamente não é recommendavel. Nada augmenta, antes diminue, ao talento do Sr. B. Lopes; mas dá-lhe, mesmo como poeta, uma postura pretenciosa. Demais, repito, é tudo o que ha de mais contrario ao seu verdadeiro genio, que é um lyrismo simples, natural, espontaneo mas pobre.

As unicas partes boas deste livro são justamente aquellas em que venceu esse genio, *Impressionistas*, *Stellario* (na qual é manifesta a impressão do *Intermezzo* de Heine, por G.

Crespo), dois ou tres poemas da *Comedia elegante* e ainda *Val de Lyrios*. Nesta parte, o seu lyrismo nos dá notas de alguma belleza, infelizmente prejudicadas pela farandulagem metrica, que sobre não terem novidade (ha coisa similhante em Casimiro de Abreu e outros poetas nacionaes) não têm nenhuma graça. As estrophes de *Na poussada*, por exemplo, são estimaveis, mas o estribilho « cão, cão; cão, cão », que as acompanha, é de um espantoso grotesco. Ninguem poderá lel-as sem terminar em risada, tanto ao fim das tres primeiras a coisa se torna ridicula. O mesmo se póde dizer de *Meio dia, Hora do chá* e *Mauro*, essas tres estrophes tão simples, tão sentidas, tão bellas, a que o estribilho vem desastradamente dar um geito de *couplet* de opereta.

O Sr. B. Lopes é um impressionista, esta é a sua caracteristica poetica, mas um impressionista em que a impressão se não transforma em sensação, nem esta, quando chega a fazer-se, em idéa.

Em summa, este livro dos *Brazões* longe de firmar uma individualidade de poeta, como deviamos esperar e quizeramos ver, após uma esperançosa promessa de já lá vão quatorze annos, mostra-nos um artista que oscilla ainda entre estheticas e inspirações diversas, pouco seguro de si, sem personalidade. O pre-

conceito de seguir novas correntes artisticas, para as quaes não o talhavam nem a sua educação, nem o seu genio, deu este resultado. Taes correntes se têm até agora distinguido pelo insuccesso, Em França, donde as recebemos através do nephelibatismo portuguez, ha perto de quinze annos justamente, como recentemente notava um critico, que os novos poetas occupam a scena, parecendo apostados em cansar a paciencia e desesperar a expectação. Com bellas promessas e muita fiducia, despertaram a curiosidade, que deixam ainda insatisfeita. Nada mais seductor que as suas intenções, nem mais fallacioso que as suas obras. Estas legitimas considerações do Sr. Doumic applicam-se com maioria de razão a nós. Não ha na nossa nova escola poetica nenhuma obra de valor, nem ao menos alguma promessa. O Sr. B. Lopes é talvez o mais distincto dos poetas que, com razão ou sem ella, se agremiam sob a bandeira da nova esthetica, á qual, além de outras coisas, falta ainda nome designativo. Mas o Sr. B. Lopes sobre não ser chronologicamente um « novo », é um mixto de parnasianismo, de simples lyrismo congenito, sem qualificativo especial, e de decadismo, symbolismo, nephelibatismo ou como melhor se chame. O que ha nelle de bom é justamente o que não obedece ás inspirações da nova poetica. Esta, disse-o, julgo

tel-o provado e repetirei para terminar, só o tem prejudicado e diminuido. Ella é propriamente um becco sem saida. Não duvido que amanhã um verdadeiro genio poetico, como foram Byron, Hugo ou Gœthe para o romantismo, possa abrir á poesia novos horizontes, e substituir ao parnasianismo tambem estafado, alguma coisa de mais novo, de mais vivo, de mais humano. Toda a obra de Leconte de Lisle, de Sully Proudhomme, de Heredia concorre já para isso. Não creio na fixidez de uma fórma ou de uma inspiração artistica. Em arte, como em tudo o mais, póde-se adivinhar uma transformação proxima, sinão uma revolução. Que a nova poetica seja propicia ao seu advento admitto, que ella encerre em si os elementos dessa transformação ou revolução, julgo licito contestar. A caracteristica dos movimentos literarios como este é a intemperança, conforme fazia notar Seneca quanto á decadencia romana. Por esta palavra podemos significar a falta da proporção, a carencia do sentimento das gradações, o palavriado descomedido, a ausencia de idéas, a preoccupação do extravagante, a artificialidade dos sentimentos e da fórma.

Os artistas que servem esta obra de decadencia passam esquecidos ou menosprezados, deixando apenas de si um nome desesit-

mado, com que nas escolas se designa o trabalho ingrato que fizeram.

Publicou o Sr. Luiz Murat segundo volume de seus versos, com o mesmo titulo de *Ondas*.

Destes seus dois volumes de versos, nos affirma o autor no prefacio do que faz objecto desta noticia, que « elles condensam, na mais alta expressão do termo, a alma humana com todas as suas vacillações, com todas as suas duvidas ».

Esta generosa e confiada franqueza em julgar a sua propria obra só a conheço em dois poetas, que é verdade se chamaram Gœthe um, Garrett o outro; e este não o fez jamais sinão sob a mascara dos editores que fingiam ser autores dos prologos que elle escrevia. O proprio Victor Hugo, com toda a sua ás vezes insolente vaidade, era infinitamente mais modesto nos seus prologos, que aliás foram pela maior parte manifestos de chefe de escola e combatente literario. Demais, creio, seriam bem poucos talvez os poetas, um Shakespeare, um Gœthe, talvez um Byron e na prosa um Balzac — de quem se pudesse dizer, sem receio de exagerar; que a sua obra « condensa na mais alta expressão do termo, a alma humana com todas as suas vacillações, com todas as suas duvidas ».

Assim prevenido, o leitor ingenuo só tem a admirar ou passar por incapaz. É do que estou

arriscado, porque não obstante ter lido tres ou quatro vezes palavra por palavra, linha por linha, este volume, com o espirito de bemquerença e sympathia que sinto por quantos entre nós tratam coisas de literatura e d'arte, não consegui descobrir vislumbres siquer de tal condensação « da alma humana com todas as suas vacillações, com todas as suas duvidas ». É que naturalmente ella está sómente no primeiro, que me não sobrou agora tempo para reler.

Duvido muito que este volume das *Ondas* concorra para acrescer o renome que, legitimamente ou não, tem o Sr. Luiz Murat, e si houvesse de dizer a minha desautorizada opinião, declararia chanmente que não o acho digno da reputação do poeta. Os symbolistas ou decadistas deveriam recebel-o com gaudio, como prova do esfalfamento do parnasianismo, do beaudelerismo, do naturalismo em poesia. Não tem nem idéas, nem propriamente emoção poetica, e das cinco ou seis duzias de poemas que o compõem, não ha ficar no nosso espirito por mais que o leiamos (e eu o li, repito, tres ou quatro vezes) uma frase, um pensamento, um conceito, uma idéa, uma sensação.

Como similes, comparações ou aproximações, ha affirmativas destas :

A rosa é a mais candida das flores ; (p. 5)

o que é uma opinião singularmente paradoxal.

Teu coração, Cordelia, é um pé de baunilha (p. 8)

e á pag. 59 apparece a comparação verdadeiramente assombrosa e rara de dois *seios* com um *aquario* para rimar com *canario*. Os exemplos aliás se podiam multiplicar. Ha descuidos de construcção que pelo menos merecem reparo em um poeta do nome do Sr. Luiz Murat. Assim nesta estrophe

Magestade infeliz ! Cordelia já não sente.
A morte o frio véu pelos seus olhos corre...
Aperta-a contra o seio, abraça-a loucamente,
Atrôa os écos, morde o solo, beija-a e... morre (p. 9)

não sabe a gente quem verdadeiramente é o sujeito daquelles verbos atrôa, morde, beija e morre, si a morte, si a Cordelia, ou si se revesam nessa funcção grammatical. Quer nos metros, que nos generos ou variedades de estrophes, é este livro de uma rara monotonia, que um vocabulario exiguo e uma versificação sem grande relevo ou colorido não contribuem para diminuir. Não são pouco os versos improprios de um poeta estimavel, taes como :

O poeta deve ver por dois prismas a vida ;
Pois si assim a não vir, a poesia profana. (p. 118)

Amei — qu'importa a mim que esse amor seja um
[crime,
E que esse crime tres vezes punido seja? (p. 146)

Não havia fugir. A Biblia estava escripta. (p. 271)

e outros que o leitor verá no decurso destas citações documentarias ou respigará no livro e que são pura prosa. O Sr. Luiz Murat me parece o primeiro poeta que tenha cantado o suor. Descreve-nos uma mulher dansando e informa-nos

Subito pára... Um lacteo suor se estende
Pelo seu corpo que rescende tanto, etc.
A aragem matinal,..... . .....
....
... . as suas pomas lubrifica
Ao mesmo tempo que lhe enxuga o suor... (p. 230)

o que, sobre ser de gosto duvidoso, é, na primeira estrophe, contra as lições conhecidas da physiologia, pois não ha suor lacteo, e no segunda contra as da physica, porque a aragem enxuga, mas não lubrifica e, sobretudo, não póde enxugar e lubrificar ao mesmo tempo. Aos que me arguirem de estar a reparar nestas imperfeições, e a pol-as de manifesto, responderei que é do conjunto de perfeições que se fazem as obras primas, que essas não encontrei neste volume de *Ondas*, que um poeta do re-

nome do Sr. Luiz Murat, penso eu, não tinha o direito de publicar.

Este livro, com effeito, não corresponde por fórma alguma ao que muitos, eu entre esses, delle esperavam. A impressão geral que me deixou é que o autor é um poeta que estacionou, si não retrogradou, um poeta que não poderia talvez dizer com Stendhal que « elle é um homem para quem o mundo visivel existe ». A emoção deste livro é apenas literaria, procurada, sem espontaneidade, e quasi direi sem sinceridade. A cada passo apparece não o homem mas o poeta, ou antes o literato, preoccupado do seu officio :

Eu não posso ser teu, tu não pódes ser minha,
Este *verso* contém toda a nossa existencia, (p. 24)

O como não amar quem *versos* tece ! (p. 121)

Farei surgir bramindo os *leões de meus versos*
Sobre o circo pagão das tuas carnes núas !...

A *poesia* me exalta. . . . . (p. 204)

Como gostam do *verso* e gostam da pintura
Esses pequenos seres ! (as mulheres) (p. 234)

Si encho de flores o sopé do monte,
E o teu caminho de *immortaes poemas*, (p. 250)

Julgas-me um *poeta* ou não ? Si o sou não minto,
Pois a poesia é filha da verdade. (p. 251)

E em meu plectro cavaste o teu jazigo, (p. 252)

Sente-se que a galeria, como dizem os francezes, preoccupa o poeta mais do que convinha. Por outro lado, a unica nota, a unica paixão deste livro é o amor, mas o amor apenas como uma superexcitação dos sentidos, produzindo uma ou outra vez um como accorde violento, mas sem intensidade. As notas soam desordenadas, fortes, mas a vibração se não demora. De Baudelaire, que foi certamente um dos mestres do poeta, não ha sinão as exterioridades superficiaes (veja especialmente *Sanie Universal*), como de Victor Hugo, que é um outro dos seus mestres (veja a *Tristeza do Cahos* cheia de reminiscencias da *Lenda dos Seculos*), não apparecem tambem sinão imitações da maneira e uma ou outra antithese como esta, inteiramente fóra de moda:

Vão os dois: — uma ruina encostada a uma au-
[rora. (p. 9)

Chegando ao cabo desta noticia em que, mau grado meu, tive de dizer a minha impressão desfavoravel a este livro, parece-me que do Sr. Luiz Murat se póde dizer, sem erro nem malevolencia, que como lyrico elle pertence, pela qualidade e pela facilidade da inspiração — e da fórma — á filiação directa dos nossos lyricos do genero de Casimiro de Abreu e outros da mesma corrente e da mesma época. Não

se admirem da aproximação nem a tomem á má parte. Em primeiro lugar, provarei já a minha asserção, em segundo tenho por Casimiro de Abreu muita admiração. A pobreza dos metros, a singular ausencia do soneto neste poeta moderno e parnasiano, a monotonia das fórmas metricas a que me referi e que qualquer leitor póde verificar neste livro das *Ondas*, já de si eram testemunhos bastantes do valor dessa aproximação; porém ha mais, ha uma extrema similhança de processos, de modos de expressão, de estylo, emfim, entre o Sr. Luiz Murat e aquelles poetas.

A antithese de palavras e ás vezes de idéas que se repetem em versos parallelos é verdadeiramente um *tic* no Sr. Luiz Murat e era, como se sabe, um processo daquelles. Exemplos:

E fóra d'alma — esta monotonia
E dentro d'alma — esta recordação. (p. 13]

É de espinhos a noite e o fadario que sigo,
É de chammas o chão onde meu ser definha. (p. 23)

É a ventura da nossa desventura,
É o alento do nosso desalento, (p. 38)

Talvez recorde alguma dôr passada,
Talvez se lembre de algum ser ausente. (p. 39)

Mas, fôra um nunca acabar si eu quizesse citar todas as parelhas similhantes, que no vo-

lume se contam por duzias. Da mesma inspiração e corrente que as de Casimiro de Abreu em *Minh'alma é triste* são estes:

Tu sorris tristemente ao ver-me triste,
E eu de lagrimas molho-te o sorriso;
Eu já nem sei em que o viver consiste,
Tu já não sabes o que vale um riso. (p. 83)

« Só eu não sei em que o prazer consiste! »

gritava o apaixonado das *Primaveras*. Logo adiante, na poesia *Junto de um leito*, a mesma nota casimiriana se repete:

Si eu possuisse um dia só teus beijos,
Si eu possuisse a tua bocca um dia, etc.

Compare-se em Casimiro de Abreu, *Amor e Medo*

Ai! si eu te visse no calor da sésta, *passim*.

O leitor, certo, não me attribuirá a inintelligencia de accusar o Sr. L. Murat de plagiato ou siquer de imitação; apenas pretendo que o Sr. L. Murat, apezar de alguma rara apparencia do contrario, está ainda naquella corrente de 1844 a 1860. Esta estrophe

Amo-te como, ao despontar da aurora,
Ama o passaro o cume da montanha,
E o orvalho de ouro que a bromelia chora,
Si acaso a afflige alguma dôr estranha.

toda a gente, por pouco versada que seja na literatura nacional, dirá que pertence áquella época; pois bem é do Sr. Luiz Murat á pagina 212 das *Ondas*. E quejandas estrophes ou versos da mesma inspiração e maneira não são singulares no livro, ao contrario são as que mais abundam nelle; exemplos:

Teu beijo é a cotovia que descanta,
Meu labio o ramo que lhe deu poisada. (p. 6)

Louco que eu sou! a envenenada taça
Quero sorver, quero esgotar de um trago!
Oh mocho — alviçareiro da desgraça
Porque turvaste a limpidez do lago? ! (p. 17) (1)

Sêde, pois, doce imagem constellada,
O lampejo final da minha vida.
O vosso amor é o orvalho da alvorada,
Meu coração é a rosa emmurchecida. (p. 121)

Pedir perdão para os peccados meus (p. 228)

Si alguem, entre os nossos poetas contemporaneos, devesse, por uma reacção cuja legitimidade não discuto, resuscitar a nossa poesia

(1) Cp. Casimiro de Abreu:

Quero amor! Quero vida! Os labios ardem
Preciso as dores de um sentir profundo!
— Sofrego a taça esgotarei de um trago,
Embora a morte vá topar no fundo.

sentimental do periodo de 45 a 60, o *recitativo* de salão, a expansão rimada de amores romanticos, esse alguem seria o poeta do segundo volume das *Ondas*.

INDICE

I. — A Revolução chilena e a questão da America latina. Sobre o livro *Balmaceda*, do Sr. Joaquim Nabuco 1

II. — A Questão do Casamento. A proposito do *Livro de uma sogra*, do Sr. Aluizio Azevedo. 27

III. — O Positivismo no Brazil. Sobre *Doutrina contra doutrina*, do Sr. Sylvio Roméro. 51

IV. — Um romance symbolista. A *Giovanina*, do Sr. Affonso Celso 77

V. — Literatura Apressada. A proposito da *Flor de sangue*, romance do Sr. Valentim Magalhães 107

VI. — Um historiador politico. O Sr. Joaquim Nabuco 133

VII. — Martins Penna e o theatro brazileiro. Sobre uma nova edição das suas comedias.. 167

VIII. — O Sr. João Ribeiro e Luiz Guimarães Junior. Discurso recebendo o primeiro na Academia Brazileira 191

IX. — Alguns livros de 1895 a 1898 207

Paris. — Tip. Garnier Irmaos, 6, rue des Saints-Pères. 336.7.1900.

Stanford University Library
Stanford, California

In order that others may use this book, please return it as soon as possible, but not later than the date due.